Revelamos o segredo de Phil Anselmo, do **Pantera**

SHOW
Biz

Edição 189 - Ano 16
nº 4 - abril 2001 - R$ 5,00

SÍMBOLO

Seattle é aqui
Chuva e skate na passagem do **Mudhoney** por Curitiba

Exclusivo: **Steven Tyler** espanta o baixo-astral na volta do **Aerosmith**

Beatles
Por que, 30 anos depois, eles ainda são os melhores

Pato Fu
O diário dos mineiros em Londres

Legião Urbana
AO VIVO

Os bastidores, as discussões e o clima que NÃO estão no novo disco, gravado durante a última turnê da banda

Sepultura • David Bowie • Kiss • Bebel Gilberto • Edu K

LINE UP SÃO PAULO

TENDA DRUM'N'BASS
MOVEMENTS ARENA

DRUMAGICK
BRUNO E APRESENTA "O DISCURSO" (LIVE)
[illegible] P.A.)
RAY KEITH (INGLATERRA – MOVEMENT)
PATIFE
BRYAN GEE (INGLATERRA – MOVEMENT)
ANDY
ANDY C (INGLATERRA – MOVEMENT)
DJ MARKY
[illegible]

TENDA TRANCE
ROXY
JOHN DIGWEED (INGLATERRA)
JASON BRALLI
[illegible]
DMITRI
INFLUX (LIVE P.A.)
CHRISTOPHER LAWRENCE (USA)
ALEX S
X CREAM (LIVE P.A. – INGLATERRA)
RICA AMARAL

TENDA HOUSE
[illegible]
H-FOUNDATION (USA)
GABO
FELIPE VENANCIO
JOAQUIN "JOE" CLAUSSELL (USA)
LUIZ PARETO
ROGER SANCHEZ (USA)
[illegible]

TENDA TECHNO
THE END ARENA

[illegible]
MR.C (INGLATERRA – THE END)
NAU (LIVE P.A.)
[illegible]
RICHIE HAWTIN aka PLASTIKMAN (CANADÁ)
MAU MAU
LEVEL 202 (LIVE P.A.)
[illegible]
CAMILO ROCHA

LINE UP RIO DE JANEIRO

ÁREA 1
RICARDINHO M.S.
BRYAN GEE (INGLATERRA – MOVEMENT)
MR.C (INGLATERRA – THE END)
DJ ROLANDO (USA)
MAURICIO LOPES

ÁREA 2
FABIO BILL
ROGER SANCHEZ (USA)
JOHN DIGWEED (INGLATERRA)
ANGELO LEWZZI

LINE UP CURITIBA

ÁREA 1
IGOR
[illegible]
MR.C (INGLATERRA – THE END)
RICHIE HAWTIN aka PLASTIKMAN (CANADÁ)
FABRICIO PEÇANHA

ÁREA 2
DOUBLE S
JOAQUIN "JOE" CLAUSSELL (USA)
LEOZINHO e RODRIGO PACIORNIK (LIVE PERCUSSION)
CHRISTOPHER LAWRENCE (USA)
X CREAM (LIVE P.A. – INGLATERRA)
DUDU SCHWAB

SKOL beats
TECHNO TRANCE HOUSE DRUM'N'BASS BRASIL

TECHNO
TRANCE
HOUSE
DRUM N BASS
BRASIL

a festa mais redonda do planeta.

Ingressos para Estudantes
Pontos Credenciados.

São Paulo - Levi's
Shopping Anália Franco

Rio de Janeiro - Levi's
Ilha Plaza

Curitiba - Levi's
Shopping Crystal Plaza

Co-patrocínio:

megaingresso
3177 3663
São Paulo*
0800 7713414
Outros estados*

Vendas e Informações

Pontos de Venda
São Paulo: Show Tickets, Prac e Lojas Levi's
Rio de Janeiro e Curitiba: Lojas Levi's

*Sujeito a taxa de conveniência

Rio de Janeiro
Dia 19/04
Jockey Club
das 22h às 8h

Curitiba
Dia 20/04
Jockey Club
das 22h às 8h

São Paulo
Dia 21/04
Autódromo de Interlagos
das 16h às 8h

Censura 18 anos.

Aprecie com moderação.

Renato Russo: um dos poucos artistas brasileiros que tinha uma noção muito clara do papel do rock

Você já mexeu com alguma vaca sagrada da música? Nós já. Dá uma dor de cabeça... Não pela existência de opiniões discordantes, princípio básico de qualquer conversa civilizada – aqui mesmo, na Redação, a unanimidade a respeito de algum artista é rara. O que chateia de verdade é a pobreza dos argumentos (às vezes, beirando o fascismo) de quem não aceita opiniões não lisonjeiras sobre seu ídolo.
No deserto de justificativas, no entanto, uma se destaca: "Mais respeito". Como assim, cara-pálida? Respeito com o quê, por quê? Depois, neguinho não entende por que o rock vem perdendo espaço para o rap e para a eletrônica no papel de canalizador dos anseios e angústias da juventude. Pô, rock e respeito nunca deveriam caminhar juntos. Basta puxar pela memória para ver que até o seu artista predileto já mandou (ainda bem) a reverência às favas em alguma ocasião. Se os Beatles obedecessem aos padrões de gravação vigentes, nunca fariam *Sgt. Peppers*. Se os Ramones tivessem apreço à onda progressiva, não criariam música de três acordes. Se os rappers ficassem preocupados com os direitos autorais, não rechearim suas rimas com samples. Se, ainda novatos, os Raimundos aceitassem as pressões, tirariam todos os palavrões de suas canções. Se o fã se importasse com o "leite das crianças" dos músicos, não baixaria músicas grátis no Napster. Todo mundo já cometeu (ou quer cometer) seu deslize, já fugiu das convenções – arrisco dizer, inclusive, que são essas pequenas transgressões que ajudam a dar sentido à nossa insignificante passagem por aqui. Agora, até de avacalhar com os medalhões querem nos proibir? Ah, sai dessa. A continuar assim o cenário, daqui a pouco Caetano Veloso é que terá razão, pois enfrentou a multidão contrária ao tropicalismo e perguntou se era aquela a juventude que queria tomar o poder. Para quê? Para exigir respeito? Você é livre para curtir uma banda hoje e, amanhã, considera-la a pior bosta do mundo. Respeito é ruim
e a gente não gosta.
Tchau e benção,
Emerson Gasperin

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***Weld*, Neil Young** Registro de um show bem parecido com o que ele fez no Rock In Rio. Tem "Cortez The Killer", "Like A Hurricane", "Fuckin' Up"... Pegamos a febre Neil Young, não podemos negar.

***Em Ritmo De Aventura*, Roberto Carlos** Até o pessoal das outras redações veio dançar com a gente. Todo mundo fica feliz quando ouve o Rei detonando um rock'n'roll. Será que ele se lembra como era?

***Greatest Hits*, Devo** Foi a trilha sonora da comemoração do aniversário da nossa secretária Adriana. Ela ficou mais velha ouvindo os sons que marcaram sua juventude. Mentira, ela não está tão velha assim...

***Hope Is Important*, Idlewild** Primeiro disco da boa banda escocesa que une a crueza do punk rock com melodias grudentas. "I'm A Message" e "When I Argue I See Shapes" são os melhores exemplos.

BARULHO

6 Edu K exorcizado; novos passos de Axl Rose

9 Cabra Cega
Com o líder do Pavilhão 9, Rhossi

11 Que Fim Levou
O cantor e compositor Léo Jaime

12 Até Quando Esperar
Le Tigre, Freestylers

14 Palco
Festival pernambucano Rec Beat

ESTE MÊS

16 Legião Urbana
A comoção provocada pelos shows da banda

28 Aerosmith
Steven Tyler e Joe Perry nunca estiveram tão bem

34 Beatles
...E eles continuam no topo do mundo

38 Pato Fu
As estripulias comportadas dos mineiros em Londres

44 Pantera
Phil Anselmo e os dotes que o metal lhe deu

48 Astromato
Indie rock em português? Existe, sim, e do bom

50 Mudhoney
Um role com os americanos na Seattle brasileira

54 Bebel Gilberto
A "música mexente" da filha de você sabe quem

DISCOFAGIA

57 Sepultura, Manic Street Preachers, Eric Clapton

66 Importe-se
Arab Strap, BS 2000, Damien Jurado, Low

68 Os 10 mais...
Projetos paralelos

70 Minha Coleção
Wilson Simoninha mostra seus prediletos

72 Discoteca Básica
Hunky Dory, de David Bowie

82 Detalhes
Baixista do Kiss vê show do New York Dolls

Gaúcho aproveitou a sessão para tentar recuperar seu grande amor

A maldição que atrasa Edu K

Tem sido sempre assim: o gaúcho chega com uma moda, todos copiam e ganham dinheiro, menos ele. Compungidos, levamos o moço a uma consulta espiritual para ver se o encosto vai embora

A história de Edu K no rock brasileiro pode ser comparada com a de um operário que constrói uma estrada mas nunca a usa, simplesmente porque não tem carro. No caso do vocalista do De Falla, falta gravadora. Desde 1984, em carreira-solo ou com a banda, o gaúcho vem pavimentando o caminho que a indústria fonográfica e, conseqüentemente, as rádios, irão seguir anos depois. Quando o negócio atinge o auge, para ele é passado. Ou seja, por uma completa falta de visão mercantilista, somado a bastante arrojo e criatividade, o rapaz está sempre adiantado no tempo. Os diretores artísticos estão apostando em um certo tipo de som. Edu já está em outra. "As gravadoras não sabem o que fazer com a gente. Às vezes, não fazem nada", diz o gaúcho.

Ele não aceita o rótulo de visionário. "Eu simplesmente estou em sintonia com o que acontece lá fora", explica. "Tenho interesse em ouvir coisas novas." Faz questão de afirmar que nunca inventou nada. "Gostei, me influenciei", afirma, lacônico. E por que, desde que o rock é roque, há uma defasagem entre o que ele oferece e o que os estúdios estão querendo? "Uma maldição!!!", atesta o penitenciado. Pode ser. É a única explicação plausível para o fenômeno. Realmente, não podia ser só por desatenção dos envolvidos. Há algum ser terrestre conspirando, em conluio com os astros, visando impedir a sua ascenção.

Sensibilizados com o problema, chamamos o mago Kristoppher, um dos mais competentes do Brasil, para pôr um ponto final nesse sofrimento de uma vez por todas. O feiticeiro prometeu que Edu K finalmente irá triunfar como um dos maiores sucessos do nosso rico mercado musical. E terá de volta a sua "anãozinho", grande paixão do cantor que anda meio arredia com ele. Para tanto, foi realizado um ritual de purificação em local que não podemos divulgar (alguns trechos da pajelança não puderam ser fotografados).

Sem ter de carregar o peso da praga, Edu promete detonar. E aumentar seu saldo bancário. O som continua no estilo Miami rock. Mas já deixou de lado a indumentária havaiana, da fase popozuda/cavaleiros de Jedi, mudando radicalmente o visual. Sua próxima cartada é uma homenagem a Mötley Crüe e Elvis Presley, por meio do disco *Gatus, Gatas, Gatas*. Apenas espera uma gravadora para alcançar o topo das paradas e sepultar de vez o encosto. Com uma vantagem sobre os trabalhos anteriores: "Agora, sim, estou pronto para ganhar meu primeiro milhão", acredita o futuro popstar. E cerimônia, agora, só do casamento, com a musa "anãozinho".

Enquanto espera um contrato (há uma grande gravadora sondando), Edu deixa algumas músicas inéditas na internet, que podem ser encontradas nos links www.mp3.com/supapunkdj, www.mp3.com/thefuzzbox e www.mp3.com/kayceebros. Vá lá e enriqueça o cara.

Guilherme A. Hungria

O que Edu K já fez	***PapaParty* (1987)** O Defalla resgata a mistura de rock com música brasileira feita pelos Novos Baianos nos anos 70.	***It's Fucking Boring To Death* (1988)** A pedra fundamental do funk-metal no Brasil. O grupo conseguiu desagradar aos metaleiros e ao pessoal do rap.	***Kicking Ass For Fun/We Give A Shit* (1990)** Skate rock com pitadas de thrash metal e hardcore.	***Kingzobulishit* (1992)** Edu conta: "Nove entre dez bandas brasileiras pós-*Kingzobulishit* falam da influência do disco. Uma mistura demente: samba, anos 80, hardcore."	***Meu Nome É Edu K* (1995)** Trabalho-solo, fortemente influenciado pela soul music e pelo R&B.	***Miami Rock 2000* (2000)** Com este disco Edu freqüentou todos os programas de auditório. A mulherada requebrou-se ao som de "Popozuda Rock N'Roll". Parecia que finalmente a maldição tinha chegado ao fim. Ainda não: a Sony deixou escapar essa.
Algum tempo depois...	...os pernambucanos chegam com seu mangue beat, mix do folclore com as guitarras roqueiras.	...todo mundo lez. "É um perigo", fala o artista com uma ponta de arrependimento.	...Raimundos, Charlie Brown Jr., etc.	...as nove bandas influenciadas, mais algumas, começam a ganhar dinheiro.	...a gravadora Trama aposta nos Artistas Reunidos. A "nova MPB" usa elementos da soul music e R&B.	...se você não estava em coma nos últimos meses sabe do que estamos falando.

Em breve perto de você

Alguns lançamentos que prometem tornar 2001 um ano menos tedioso

Artista: Black Crowes
Título: *Lions*
Quando: Maio
Produção: O álbum foi gravado em um antigo teatro judeu no centro de Nova York com o produtor Don Was (Rolling Stones).
Músicas: Até agora, "Midnight From The Inside Out", "Greasy Grass River", "Ozone Mam" e "Losing My Mind" são as faixas selecionadas.
Rumores: Em entrevistas recentes, o vocalista Chris Robinson declarou – para variar – ser este o melhor disco já feito pelos Black Crowes. "Algumas das músicas têm graça e beleza torturantes."

Artista: R.E.M.
Título: *Reveal*
Quando: Maio
Produção: Gravado em Dublin (Irlanda) e Miami durante 12 meses. Quem assina a produção é Pat McCarthy.
Músicas: A seleção final ainda não foi anunciada. Apenas "Disappear" e as duas tocadas pela banda no Rock In Rio, "The Lifting" e "She Just Wants To Be" parecem ter seus lugares garantidos.
Rumores: Segundo o guitarrista Peter Buck, o álbum é apenas uma continuação de *Up* (1999), mas pode ser o melhor da carreira da banda. O empresário do R.E.M., Bertis Downs, o descreveu como luxuriante, atmosférico e melódico.

Artista: Travis
Título: Ainda a confirmar, mas, segundo o vocalista Fran Healy em entrevista recente para um semanário inglês, definitivamente não será *Afterglow*, como anunciado antes.
Quando: Maio
Produção: O sucessor de *The Man Who* foi gravado em Los Angeles com o produtor Nigel Godrich e mixado em um estúdio em Londres.
Músicas: "Side", "Sing", "Afterglow", "Safe", "Dear Diary", "Last Train", "Indefinitely", "The Cage", "Follow The Light", "Shut The Folk Up" (ou "Pipe Dreams") e "The Humpty Dumpty Love Song". Algumas já foram apresentadas durante a turnê americana no ano passado.
Rumores: "Usamos muito sintetizador. Tem alguns momentos pesados, outros mais alegres, mas está melhor balanceado", declarou Fran. "Coming Around" e "Flowers In The Window" ficaram de fora, pois, de acordo com ele, "não se encaixavam".

Artista: Radiohead
Título: *Amnesiac*
Quando: Junho
Produção: As faixas foram compostas durante as sessões de gravação de *Kid A*, que durou 18 meses. A produção é de Nigel Godrich.
Músicas: "Packt Like Sardines In A Crushed Tin Box", "Pyramid Song", "Pulk/Pull Revolving Doors", "You And Whose Army?", "I Might Be Wrong", "Knives Out", "Amnesiac/Morning Bell", "Dollars & Cents", "Hunting Bears", "Like Spinning Plates" e "Life In A Glass House". Várias delas já foram mostradas durante a turnê de *Kid A*, no ano passado.
Rumores: Thom Yorke disse à revista *Spin*: "Tem muita violência em uma linguagem suave, mas também as coisas mais tranqüilizadoras que já fizemos".

Artista: Metallica
Título: Ainda sem nome
Quando: Fim do ano, começo de 2002
Produção: A banda está em estúdio gravando sem o baixista Jason Newsted, que abandonou os três colegas em janeiro. A produção deve ser de Bob Rock, informou o empresário do grupo.
Músicas: Nenhuma confirmada até agora.
Rumores: A rotina da banda andou meio agitada nos últimos meses. A vitória no caso Napster, atritos internos e a procura por um novo baixista não impediram que os integrantes se concentrassem em criar seu décimo trabalho de estúdio.

Outras artistas que estarão lançando trabalhos este ano: Oasis, Massive Attack, Nick Cave & The Bad Seeds, Suede, New Order, Prodigy, Pulp, Wilco, Chemical Brothers, Björk.

Um desafio para (bater) sua cabeça

Quer pedir a ajuda dos deuses do metal?

Divulgação

Não é apenas com discos, vídeos, pôsteres e camisas que o heavy metal transmite sua mensagem. Agora, o estilo mais agressivo do rock é jogo de dado, tabuleiro, peças e cartões. Criado por Joshua Wood, um headbanger canadense de 29 anos, **Metal Mental Meltdown** traz perguntas e respostas sobre as mais diversas bandas do universo heavy metal. "Como sempre curti metal e jogos de trivialidades, a combinação me pareceu perfeita", explica o inventor.

Ao redor do tabuleiro, entre dois e cinco participantes podem testar seus conhecimentos metálicos. O jogo traz 2.664 perguntas divididas em quatro níveis: Head Bangers (fácil), Cranium Crackers (médio), Skull Krushers (difícil) e Mental Meltdown (muito difícil). Dependendo do nível, cada resposta correta vale mais pontos. Ganha o jogador que alcançar primeiro 666 pontos, o famoso número da besta.

Metal Mental Meltdown é destinado a reais seguidores de heavy metal, não à garotada que descobriu Metallica assistindo à programação da MTV e se acha fã do estilo. Muitas perguntas, mesmo no nível fácil, são difíceis de responder, e a arte do jogo engloba elementos típicos do velho metal, como sangue, pentagrama, ossos e caveiras.

Joshua inspirou-se em sua coleção de 3 mil CDs e fitas para elaborar boa parte das trivialidades.

"Cada uma das exigentes 2.664 perguntas homenageia uma banda, artista ou produtor que, de uma forma ou de outra, trouxe alegria a headbangers ao redor do mundo", reflete. "Essas perguntas são um 'obrigado' às pessoas envolvidas nesse gênero musical."

O jogo engloba todas as divisões do heavy metal, incluindo black, death, glam, thrash e hard rock. Naturalmente, ignora o questionável "novo metal" de grupos como Korn e Limp Bizkit. Os assuntos vão de bandas famosas como Pantera e Iron Maiden a obscuras como Wargasm e Orphaned Land.

Teste agora seus conhecimentos metálicos – ao lado – com três perguntas de cada nível. Se conseguir responder a metade delas, pode comprar o jogo sem medo. Caso contrário, troque sua camiseta do AC/DC por uma do Korn...

Daniel Oliveira

Nível Head Bangers (fácil)
1. Que banda lançou o disco *The Battle Rages On?*
2. Quem foi o vocalista do Europe?
3. Descreva a capa de *Show No Mercy*, primeiro disco do Slayer.

Nível Cranium Crackers (médio)
4. Quem Steve Vai substituiu na banda Alcatrazz?
5. *Live At Brixton Academy* é o primeiro disco ao vivo de qual banda?
6. Qual é o nome do primeiro disco do Pestilence?

Nível Skull Krushers (difícil)
7. Em qual estúdio o Iron Maiden gravou o disco *Powerslave*?
8. Qual é o nome da primeira demo do Tiamat?
9. Qual banda foi a atração principal da turnê Lollapalooza de 1993?

Nível Metal Meltdown (muito difícil)
10. Quem foi o vocalista do grupo Razor Baby?
11. Qual foi o primeiro nome do fã-clube do Sepultura?
12. Quem tocou bateria na segunda turnê do Faster Pussycat?

Para informações sobre como adquirir **Metal Mental Meltdown**, escreva para JPW Metal Enterprises Inc., P.O. Box 61034, Kensington Postal Outlet, Calgary, AB, Canada T2N 4S6.
E-mail: joshuawood@home.com
Website: www.jpwmetalenterprises.com

Respostas: 1. Deep Purple 2. Joey Tempest 3. Um bode com corpo de homem segurando uma espada 4. Yngwie Malmsteen 5. Faith No More 6. Malleus Maleficarum 7. Compass Point Studios 8. Sign Of The Pentagram 9. Primus 10. Kevin Dubrow 11. Bestial Sepulchre 12. Frankie Banali **Cotação:** Fazendo testezinho, é? Que gracinha... Se você teve o trabalho de virar a revista de cabeça para baixo e conferir as respostas, desculpe, mas você não é metaleiro coisíssima nenhuma. Está mais para aquelas garotinhas que levavam maçã para a professora, são fãs da Sandy e lêem fotonovela...

"Minha visão é que todo artista polêmico vai vender mais quando morrer. Vão me descobrir mais tarde"

Carlinhos Brown, revelando à revista *Chiques & Famosos* que é o Van Gogh brasileiro.

Conexão boliviana

Marcos Hermes

Parece que **Axl Rose** e seu Guns resolveram trabalhar um pouco. No próximo verão do hemisfério norte, a banda estará excursionando por dez países europeus. Serão 16 shows no mês de junho, começando pela Alemanha, com direito a show extra em Londres. Se você estiver programando visitar o continente e quiser ver o show, é bom ir se preparando para encarar os cambistas, pois essa perna da turnê do tão aguardado *Chinese Democracy* já está com a maioria dos ingressos vendidos. O álbum será lançado na mesma época, para atiçar os fãs europeus da banda, curiosos em conhecer a nova formação com Buckethead, Brain e companhia. Para os menos abastados, uma boa notícia. A turnê pode vir para a América do Sul logo no começo de julho – mais precisamente para a Bolívia. A informação, ainda não confirmada, foi passada pelo bruxo Ivo Carabajal, confidente de longa data de Axl, desde "quando ele era quase um mendigo em Las Vegas". Sempre que visita o Brasil, o perturbado vocalista do Guns N' Roses procura o amigo e conselheiro. Em La Paz, Ivo pretende reencontrar o velho chapa, definido como "um anjo cuja revolta transforma-se em amor apenas com uma palavra de carinho", para dar conselhos, responder às questões que atormentam o roqueiro e fazer previsões. Uma delas, antecipa Carabajal, é a volta do Guns ao topo da música mundial, no qual permanecerá até 2007. O bruxo garante que, nessa data, o grupo será substituído pelo sucesso de uma brasileira de nome Flávia. Bizarro...

Guilherme A. Hungria

A gente bota um som, eles falam o que acham do negócio

CABRACEGA

Rhossi

O cara matou quase tudo. Boa fase é isso aí. Depois que o Pavilhão 9 detonou no Rock In Rio e emplacou música até em "rádio de playboy", só faltava o líder Rhossi passar nesse teste...

"Não Seja Mais Um Pilantra", Edy Rock "Edy Rock, né? Não conheço todo seu disco-solo, mas o que ouvi achei legal. Troquei a maior idéia com ele no último campeonato de DJs, sempre cruzo o Ice Blue e a gente também conversa legal.Mas essa parada que rolou de eu ter problemas com o Mano Brown foi que a mídia, como sempre, quer destruir o que está sendo construído. Foi fuxico besta. Morei um bom tempo ao lado da casa dele no Vaz de Lima *(periferia de São Paulo)*, treinava peso com ele, nos damos bem e temos muito respeito um pelo outro."

"Bulls On Parade", Rage Against The Machine "*(Com 8 segundos)* Rage. Pena que não dá mais para ver o show deles com o *(ex-vocalista)* Zack De La Rocha. Como ele, sou também muito fã do subcomandante Marcos *(líder do movimento zapatista, no México)*, já li muito sobre problemas da América Latina."

"Ratamahatta", Sepultura "*(No ato)* Dois grandes responsáveis por termos uma banda e uma carreira hoje são o Max e o Igor Cavalera. Em 1991, 1992, a gente se encontrava no underground de Sampa e eles já botavam pilha: 'Aí, Rhossi, monta uma banda'. O trabalho deles, mesmo sendo em inglês, tem tudo a ver com nosso país. Vi o último show no Olympia com a formação original, em termos de *vibe* foi o mais violento que vi na vida. Lembro que saí em êxtase. Foi também a última vez que falei com o Max. A gente se correspondia, mas perdemos contato."

"Carrinho De Mão", Terrasamba "*(Com 8 segundos)* Não troco o Brasil por nenhuma parte do mundo, mas acho muito louco como uma coisa dessas vende tanto. É impossível não saber que é o Terrasamba porque é execução direto, é paulada diária no ouvido. E enche o saco, essa porcaria! Mas como a gente não vive nem em Nova York nem em Los Angeles para escutar só hip-hop, resta lutar para que o povo acorde, tá ligado? Acorda, povo!"

"I Don't Wanna Grow Up", Ramones "Ramones é muito louco. Na segunda vez que vieram, fui no show do Dama Xoc, em São Paulo. Foi foda, do caralho! Em 1993, 1994, eu ia na casa do Gordo *(do Ratos De Porão)* e a gente ouvia Ramones direto. Mas no Pavilhão não há influência deles, não."

"Barrel Of A Gun", Depeche Mode "Parece Urban Dance Squad. Caralho, não tem nada a ver! Que é isso, cara? Não tô ligado. Lembra um pouco Pearl Jam, mas não é. Ah, Depeche Mode... Anos 80. Conheço de nome. Cara, nos anos 80 eu não ouvia nada. Só fumava muita maconha e ficava de rolé na rua."

"Shame On A Nigga", Wu-Tang Clan "*(com 4 segundos)* Isso é filme de kung fu. RZA na produção. Old Dirty Bastard no vocal. Pena que nem eles, nem o Method Man, nem o GZA, vieram ao Brasil no show do ano passado. Acho que Wu-Tang Clan é febre da molecada, são as camisetas mais usadas no meio hip-hop. Eu tô curioso, ainda não ouvi o disco novo."

"Poder Do Som", Piveti & Branco "*(com 5 segundos)* Gosto muito dos dois, foram meus parceiros, mas não tenho mais contato, não houve como manter uma amizade. Só troco idéia com o Branco. Foi o Piveti que me colocou na parada, em 1992, tá ligado? Foi ele quem me chamou para fazer o Pavilhão. O Piveti é meio louco das idéias, mas tem uma levada fodida e representa exatamente aquilo que é. Sei que, por não estarmos mais juntos, talvez role algum ciúme, tipo 'o cara tá lá, e eu não', mas se estou aqui hoje é por tudo que plantei. Só que o sol brilha para todos, então desejo boa sorte a ele."

Carlos Eduardo Oliveira

O rapper do Pavilhão 9 mostrou que sabe tudo do rock

Astros animados

Histórias fantasiosas, grandes mitos e heróis sempre estiveram presentes nos cartuns e no universo da música pop. Talvez por isso os dois mundos tenham se encontrado tantas vezes nas últimas décadas. O mais novo lançamento do gênero atende pelo nome de **Gorillaz** e é uma banda cujos membros são, oficialmente, personagens de desenho animado. O quarteto foi traçado por Jamie Hewlett, criador da heroína punk dos quadrinhos Tank Girl, e os responsáveis pelo conceito musical são o produtor de hip-hop Dan "The Automator" Nakamura, o líder do Blur, Damon Albarn, e convidados como Miho Hatori (vocalista do Cibo Matto) e Ibrahim Ferrer (do Buena Vista Social Club). Murdoc (baixo), Russell (baterista), Noodle (guitarra) e o vocalista 2D – que, inexplicavelmente, tem estilo e trejeitos bem parecidos com os de Albarn – fazem uma mistura de punk, dub, hip-hop e ritmos latinos e já lançaram dois singles (o segundo, "Clint Eastwood", chegou quase ao topo da parada britânica uma semana depois de chegar às lojas) e um álbum épocrimo no fim de março. Em www.gorillaz.com você pode saber mais sobre a história da banda, conferir músicas, vídeos e fazer uma turnê pelo quartel general dos astros animados.

Boas no papel

Outros encontros da música com o fantástico universo dos cartuns

Jonin & As Gatinhas Enquanto as meninas rolavam, o empresário Alex metia-se em confusão

Os Impostores O trio era a identidade secreta do Homem-Mola, do Homem-Fluído e do Multi-Homem

The Archies O grupo de Sabrina gravou disco e tudo, emplacando o hit "Sugar Sugar"

Festivais para todos

Dois excelentes motivos para a racinha cair na gandaia acontecem neste mês: a nona edição do **Abril Pro Rock** e a segunda do **Skol Beats**. Neste ano, o festival que rola no Recife terá como grandes atrações o grupo inglês Asian Dub Foundation e os americanos do Jon Spencer Blues Explosion (ambos pela primeira vez no país) e uma participação do eterno mutante Arnaldo Baptista no show de Lobão. Outras bandas que estão confirmadas são O Rappa, Nação Zumbi, Ratos De Porão e Raimundos. O evento será no Centro de Convenções de Pernambuco, nos dias 20 e 22 de abril e reunirá também a fina flor da cena local. A exemplo de 2000, o Abril Pro Rock terá uma versão paulistana, dias 27 e 28 no Sesc Pompéia, mas com algumas alterações em relação às bandas que se apresentarão em Pernambuco. Dos já citados, apenas Jon Spencer, Mundo Livre S/A e Ratos De Porão tocarão novamente, acompanhados de Sonic Jr., Replicantes e Os The Darma Lóvers, entre outros.

O Skol Beats, ainda sem lugar confirmado, vai repetir a receita bem-sucedida de sua edição inaugural. No dia 19, o Rio recebe Bryan Gee, John Digweed e mais seis artistas. No dia 20, é a vez de Curitiba sacudir com Richie Hawtin, H-Foundation e Joe Claussel. Por fim, no dia 21 a escalação completa vai botar São Paulo para bombar com quatro tendas, cada uma dedicada a uma vertente da eletrônica. Na de drum'n'bass, destaque para o brasileiro Marky e o inglês Ray Keith. Digweed, Jason Bralli e Dmitri. No espaço destinado à house, Claussel, Roger Sanchez, H Foundation e Luiz Pareto. E Hawtin, Mau Mau, M4J, Anderson Noise e Camilo Rocha farão as honras da casa na tenda teeno.

Arnaldo e Lobão: imagine o que vai sair

Será que agora sai?

Lembra daquela famosa caixinha do **Nirvana** que estão prometendo lançar há tempos? Então, parece que agora finalmente a coisa será para valer. Segundo declarações recentes da viúva de Kurt Cobain, Courtney Love, o material deve estar nas lojas em setembro – quando a banda comemora o décimo aniversário do álbum *Nevermind* – e trará músicas inéditas do trio de Seattle. No entanto, os impacientes fãs esperam para os próximos meses o lançamento de duas faixas: "On The Mountain" e "Drown Soda". Essa última tem sido tocada ao vivo pelo Hole e ainda não se sabe com certeza se o Nirvana chegou a gravá-la ou não. Dave Ghrol, em entrevista para BIZZ em julho do ano passado, contou que ele e Krist Novoselic tinham acabado de receber os CDs com músicas raras e estavam trabalhando na seleção das faixas. "Há muito material ali que eu nunca tinha ouvido, uns sons animais. As coisas velhas do Nirvana são tipo um punk-rock-aloprado-death-metal-barulhento-mais-maluco-que-já-existiu. É muito bom", declarou Grohl. Vamos torcer!

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Como dizia um dos grandes hits do cantor *(acima)*, "o problema é o regime"

Léo Jaime

Apesar de desaparecido do cenário musical nacional, o cantor e compositor goiano Léo Jaime – que emplacou dezenas de sucessos, como "Só", "O Pobre", "As Sete Vampiras", "Bambolê" e outros – jamais sumiu totalmente da vida carioca. "Em dez anos gravei apenas um disco, *Todo Amor*, de 1996", lembra. "Mas trabalho como jornalista, roteirista, ator, estou sempre por aí", diz Léo, que anda fazendo shows com a banda Dib Sx, de Belo Horizonte, além das participações que sempre estão em sua agenda. Há pouco tempo, realizou uma bem-sucedida temporada acústica ao lado de Leoni (ex-Kid Abelha).
Nos anos 90, ele colaborou com jornais como *O Globo* (tem uma coluna semanal no suplemento adolescente *Megazine*) e *O Dia*, nas revistas *Capricho* e *Desfile* e teve até um papel na novela *Bebê a Bordo*, da TV Globo. Léo também foi diretor social do Flamengo, seu time do coração. "Queria estreitar as ligações do clube com a cidade, promover festas, shows, mas lá ninguém ouve nenhuma conversa que não seja sobre futebol", reclama. Sem falsa modéstia, Léo acha que é o terceiro colocado em sucessos no pop nacional, atrás de Lulu Santos e Herbert Vianna. "Tem também o Renato Russo, mas acho que a Legião é um caso à parte", afirma. Atualmente, além de todas as atividades extramusicais, o cantor conversa com gravadoras sobre uma possível contratação. "Vamos ver o que acontece. Eu gostaria de um contrato a médio-longo prazo, com algum conforto para experimentar."
Bernardo Araujo

STUDDIO MUSIC SHOPPING
CD's • DVD's • VHS
Amplo catálogo com títulos nacionais e importados.
Enviamos pelo correio para todo o Brasil com toda segurança.
Consulte-nos!
Visite nosso site: www.studiomusic.com.br
E-mail: studiomusic@studiomusic.com.br
Tel.: (0xx11) 6128-0041 - Tel/Fax: (0xx11) 6965-7351

london calling
A mais completa em novidades e raridades.
Os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Rock-Pop dos 60 a 2001
ENVIAMOS PARA TODO O PAÍS
CDs - DVDs - VHS
(0xx11) 223-5300
Rua 24 de Maio, 116
Sobreloja 15 - São Paulo - SP
Vendas pelo nosso site: www.londoncalling.com.br
londoncalling@londoncalling.com.br

Le Tigre

Existem duas maneiras de se apreciar o trabalho do Le Tigre. Uma é "lendo" todo o contexto feminista, levando a sério os gritos políticos, divulgando as idéias revolucionárias para as amigas. A outra, mais saudável, é prestando atenção só à música e se divertindo com o conteúdo raivoso das letras. Não é mole, não: as três integrantes do Le Tigre são envolvidas até o pescoço com o movimento *riot grrrl*. Kathleen Hanna, a líder e vocalista, emergiu na década de 90 com as garotas do Bikini Kill, fazendo punk rock combativo, que deixou vários filhotinhos ao redor do mundo. Enquanto isso, a videomaker Sadie Benning viajava divulgando seus trabalhos conscientizadores, e a fanzineira Johanna Fateman publicava suas linhas sobre o novo movimento feminino.

Após Kathleen acabar com o Bikini, em 1998, gravou um disco em casa, do jeito mais lo-fi possível (com samplers velhos e bateria eletrônica da década de 80), sob o codinome de Julie Ruin. Chamou as duas amigas, que possuíam idéarios parecidos, para adaptar as músicas para o palco. Saíram novas composições e nasceu o Le Tigre, banda e álbum. As ácidas letras de Kathleen ficam entre as críticas ao cotidiano da Nova York subterrânea e os rapazes que não sabem tratar uma mulher com o devido respeito.

Podia ser engraçado se não fosse sério. Nos shows, a vocalista discursa antes de introduzir cada canção, mas o mais legal é ver as moças se virando com a aparelhagem eletrônica defasada, que, unida a uma guitarra extremamente tosca, serve de base para todo o repertório. Em janeiro deste ano, o Le Tigre foi tocar no Japão com o BS 2000, projeto do beastie boy Ad Rock *(leia resenha na seção Importe-se)*. No mesmo mês, saiu o EP *From The Desk Of Mr. Lady*, com sobras do disco de estréia e faixas mais experimentais.

José Flávio Júnior

Influenciado por:
B52's, Atari Teenage Riot, Joan Jett & The Blackhearts

Disco essencial:
Le Tigre (1999)

Kathleen Hanna, a mentora do trio, é uma gata que ri mas briga bem

Matt Cantor e Aston Harvey, os chefes do negócio

Freestylers

Você está perdido entre tigrões, pikachus e MCs de talento duvidoso. Seus amigos lhe cobram uma posição diante do fenômeno. Ou você gosta e entra na fabulosa multidão sem cara e sem discernimento, ou abomina e tem de aturar acusações de ranheta e, pior, de preconceituoso. E agora? Dê uma de tucano e saia pela tangente, apontando a "terceira via": Freestylers. Como o funk carioca, o grupo britânico também bebe a rodo do electro, o funk-rap robotizado da década de 80. Mas nunca passou cerol na mão.

Os donos do negócio, Aston Harvey e Matt Cantor, já estavam envolvidos com hip-hop há 20 anos, atuando como DJs e b-boys. A dupla conheceu o colega Andrew Galea e, juntos, começaram a gravar, sempre abusando de vocoders e do baixão à Miami. Em 1999, depois de um EP (1996), lançaram o disco *We Rock Hard*, atualizando o electro para as novas gerações. No álbum, o batidão característico do estilo ganhava pitadas de ragga e eletrônica, sem esquecer as raízes – como a participação do Soul Sonic Force, a equipe do pai de todos Afrika Bambaataa, na faixa-título.

Mesmo sem conseguir a recepção calorosa do primeiro, o trabalho seguinte, *Electro Science* (2000), manteve a vibração em alta nos shows. Acompanhados de uma banda de verdade, mais os rappers Tenor Fly e Navigator, o grupo consegue transformar qualquer apresentação em uma roda de break, convocando dançarinos para completar a festa em cima do palco. Se o seu negócio são vocais metalizados, raps "chamado-e-resposta", efeitos de videogame (um dos sons tem o nome de "Spaced Invaders") e balanço para rodopiar sobre a própria cabeça, demorou para descobrir os Freestylers.

Emerson Gasperin

Influenciado por:
Afrika Bambaataa, George Clinton fase *Atomic Dog*, Kraftwerk, Whodini

Disco essencial:
We Rock Hard (1999)

Foto: Reprodução

Seu sofá é tão confortável quanto.
Só que não combina com nada
do seu guarda-roupa.

KILDARE
É duro andar sem ele.

PALCO

Quanto riso, quanta alegria, mais de mil roqueiros no salão...

Só não vai quem já morreu

De graça e ao ar livre, o festival Rec Beat agitou Recife durante o carnaval, com bandas que iam do maracatu e da ciranda tradicionais da região a batidas sintonizadas com as pistas de dança do planeta – ou que misturam tudo isso para ver no que dá

Rua da Moeda – Recife, 23 a 27/2

Incrustado no bairro do Recife Antigo e dividindo o espaço e as atenções com vários ritmos, artistas e manifestações culturais, aconteceu a sexta edição do Rec Beat, festival simultâneo ao carnaval pernambucano. O ambiente era o melhor possível. Reunindo uma média de 10 mil pessoas por noite, a Rua da Moeda lembrava uma grande rave ao ar livre, com som alto e potente (apesar de apresentar problemas em vários momentos), *legalize* total e, melhor, entrada gratuita.

Grata surpresa logo de início, com o show de **Salvador**, ex-integrante da Dona Margarida Pereira E Os Fulanos. Na primeira música, um trompete dava o tom lounge para depois adentrar em ritmos diversos, como funk, samba e eletrônica. Da primeira leva de bandas do mangue beat, a **Eddie** veio com uma nova formação, que inclui um DJ. Agradou muito, especialmente em "Falta De Sol" e "Quando a Maré Encher". Um aquecimento para o público que recebeu em seguida o **Via Sat**, que mescla a forte percussão do maracatu com guitarras. A banda tinha o público nas mãos e se aproveitou disso, fazendo um dos shows mais agitados do festival. Começaram ali os tradicionais pogos em roda, característicos da cena local e que se repetiam ao se ouvir qualquer som pesado.

Peso mesmo veio em seguida. O **Mudhoney** encerrava sua turnê no Brasil em plena sexta-feira de carnaval. Talvez eles nem soubessem ao certo o que significa a festa de Momo, mas o espírito dos quatro integrantes é o mesmo. Pura diversão. Entraram no palco bêbados e entoando um de seus clássicos, "Suck You Dry". Foi como se tivessem ligado a chave da insanidade. O público não parou um só instante: stagedives faziam a banda às vezes até sumir diante do número de pessoas que subiam ao palco.

Mesmo depois de tanto barulho, o público não arredou pé e esperou a maior atração da noite. Sim, Mudhoney foi apenas o aperitivo para o **Faces do Subúrbio**. Eles têm um imenso público no Recife e não decepcionaram com seu tiroteio de raps com tiradas nordestinas.

REGIONALISMOS DIGITAIS

Na segunda noite, o **Bomsucesso Samba Clube** mostrou que é uma das novas apostas, seguindo o caminho de mesclar sons para ver no que dá. Em seguida, **Lula Queiroga**, ídolo pernambucano que lembra Lenine, fazendo MPB com bases na música local. A outra atração internacional a passar pelo palco foi o gaitista **Bruce Ewan**, que apresentou um show de blues com o guitarrista Big Gilson. A noite teve ainda a presença dos mineiros do **Berinbrown** destilando um som bebido diretamente da música negra dos anos 70.

O melhor estava guardado para o fim, com **DJ Dolores** e a **Orquestra Santa Massa** mostrando como se faz música eletrônica soar brasileira. Loops e scratches nas mãos do próprio Dolores e de KSB faziam a base, com Fábio Trummer (da Eddie) e Big Gilson nas guitarras, Maciel Salu na rabeca e vocais, dois percussionistas, um baixista e a extraordinária voz de Isaar, do Comadre Florzinha. Ciranda, coco e regionalismos processados e atualizados para o mundo digital.

BICHAS ATIRADAS

Da cena alagoana, que vem soltando suas pérolas aos poucos, quem apareceu foi **Wado**, reunindo samba e eletrônica. Em seguida, **Mônica Feijó**, com mais um flerte de ritmos locais com beats. Do Pará, o **Cravo Carbono** veio com mistura de carimbó e levadas caribenhas, com uma guitarra que remetia a surf music.

Imagine três bichas assumidas, ultra-extravagantes, com um visual de travestis mutantes, tocando punk e rock setentista com letras escabrosas que falam do submundo de gays, michês e prostitutas. Eles são a **Testículos de Mary**, que pararam a Rua da Moeda.

Quem nunca tinha visto não acreditou. Quem conhecia acompanhou e se acabou em músicas como "Bicha Escrota", "Charles Bronson Song" e "Sexta-feira 13 – A Vingança de Jeisakelly". A performance é uma ofensa para qualquer associação de mães. Fazem poses eróticas, arrastam-se, beijam-se e ficam de quatro, deixando o público passar a mão, dedos e qualquer objeto onde bem entenderem.

Depois do massacre de loucura, ainda sobrou para o **Cordel do Fogo Encantado** encerrar a noite. Provando que são a bola da vez na cena pernambucana (estão lançando o primeiro CD produzido por Naná Vasconcelos), sacudiram o público. Cheiro de sertão no ar, com direito a viola, batuques e letras do cantor Lirinha, que também recita poemas próprios e tradicionais entre as canções.

Na segunda-feira de carnaval, **Matalanamão** só teve tempo de mostrar quatro músicas, pois foi interrompido por garotos que invadiram o palco para dar seus moshes. Pairou uma ameaça de paralisação do festival, mas o show continuou com os cariocas da **Eletrofluminas** e os paulistas da **Funk Como Le Gusta**. Para encerrar, o Devotos e seu "punk rock hardocore do caralho".

ELETRÔNICA COMO LIGA

O último dia prometia desde o início, com a **D Urb**, auto-intitulada a primeira banda de drum'n'bass de Pernambuco. O que se ouvia era rap, hardcore e fortes batidas eletrônicas. A **Bidê Ou Balde** veio em seguida e realizou um grande show, apesar do público desconhecê-los. As covers ("Private Idaho", do B-52's, "Song 2", do Blur e "Smells Like Teen Spirit"), serviram para consagrá-los e trazer de volta as rodas de pogo.

A música tradicional pernambucana está em excelentes mãos com **Silvério Pessoa**. O ex-Cascabulho trouxe coco, embolada, ciranda, maracatu, músicas do recém-falecido Jacinto Silva, além de participações de Pedro Luís e Lula Queiroga. A noite teve também a MPB morna de **Zeca Baleiro**, que arrastou uma multidão para o lugar.

Encerrando o Rec Beat, outra entidade local, **Otto**. Nada mais contemporâneo que fundir ritmos, nada mais inteligente que se aproveitar da eletrônica para isso. Foi como uma entrega de faixas para um time local, pura festa. Otto sacudiu todo o público que já sentia um gosto de saudade, contando os dias para o próximo carnaval.

Luciano Matos

Fotos: Ludmila Matos

Em sentido anti-horário, a partir da foto no alto, à esq.: o colorido dos ritmos locais; Testículos de Mary; Bidê Ou Balde; Cordel do Fogo Encantado; Wado; Otto e uma geral da festa

Sempre uma nova emoção

Entre na última turnê da Legião Urbana, que resultou no ao vivo *Como É Que Se Diz Eu Te Amo*, e descubra como a banda escolhia as músicas, ouça as discussões nos bastidores e sinta o arrepio causado pela (e na) platéia

Por Carlos Marcelo

Quando a segunda lata de cerveja foi arremessada da platéia em direção ao palco da casa noturna Reggae Night, em Santos, Renato Russo não teve dúvidas: jogou-se ao chão, como se tivesse sido violentamente atingido, e se esparramou na frente do set de teclados. Deitado, o vocalista da Legião Urbana ria, fazia caretas para o tecladista Carlos Trilha e olhava o tempo passar em sua nova aquisição: um relógio de pulso com motivos religiosos, comprado em São Francisco, nos Estados Unidos. Como nos tempos que ensinava inglês em Brasília nos anos 70, Renato queria punir sua turma pelo desacato à autoridade do professor. Mas, em vez de 15 ou 20 alunos, eram 4.500 as testemunhas do último show da maior banda da história do pop-rock brasileiro, em janeiro de 1995.

Renato Russo: entrega total e preocupação com a qualidade do espetáculo

Foto: Jorge Bispo/Abril

Era também o fim da série de apresentações para divulgação do disco *O Descobrimento Do Brasil*, que havia chegado ao auge nos dias 9 e 10 de outubro de 1994 no palco do Metropolitan (atual ATL Hall), no Rio de Janeiro. Considerado pela própria banda como um dos melhores shows de sua trajetória, o concerto foi gravado e se tornou o mais recente lançamento da Legião Urbana: o CD duplo (também vendido em volumes separados) ao vivo *Como É Que Se Diz Eu Te Amo*. "É um trabalho coeso, melódico, denso, arrepiante. Para quem ouvir o disco vai parecer que a gente ainda está aí", promete o baterista Marcelo Bonfá.

Apesar de confessar que não gosta de discos ao vivo ("só esse da Legião") e de fazer restrições à qualidade do som ("foi muito mal gravado, não tem um puta som de instrumento, só de guitarra"), Bonfá acha importante o lançamento do registro com as duas noites do Metropolitan. "O Renato adorava dizer que a Legião era uma banda de estúdio, mas a gente é rock'n'roll", acredita. Ele diz que submeteu todas as gravações ao que chama de "padrão de arrepiamento" – a capacidade de uma música emocionar o fã. Quem tirou a nota mais alta no arrepiômetro de Bonfá foi "Que País É Este", recheada de citações, entre elas "Cajuína" (Caetano Veloso) e "Aquele Abraço" (Gilberto Gil): "Está bem pesada e sarcástica, de assustar criancinha", diz o baterista.

Como É Que Se Diz Eu Te Amo é, nas palavras de Dado Villa-Lobos, "um belíssimo retrato instantâneo da bagagem de repertório acumulada nos nossos dez anos de carreira, de uma banda se emocionando junto com seu público". O guitarrista garante que não houve overdubs – "não gravamos uma nota a mais". Algumas músicas, porém, acabaram ficando de fora. "'Os Barcos' ficou tão ruim que saiu do disco", revela.

Os shows no Metropolitan marcaram o reencontro da Legião com o público carioca. A banda, que morava no Rio de Janeiro desde 1985, não tocava em casa desde 1990. Naquele ano, no lançamento de *As Quatro Estações*, eles reuniram 40 mil pessoas no Jóquei Clube. A acidentada turnê do disco *V*, em 1992, não chegou ao Rio. Prejudicada pelas constantes bebedeiras de Renato, a excursão acabou atolada nas dunas de Natal (RN). Para evitar o mesmo problema na divulgação de *O Descobrimento Do Brasil*, as garrafinhas de bebidas alcoólicas do frigobar das suítes reservadas para o vocalista eram retiradas antes de sua chegada e os músicos eram orientados a não beber ostensivamente na frente do cantor.

Os ensaios no Metropolitan começavam às 6 da tarde e se estendiam até às 3 da manhã, em clima de nervosismo e tensão. A primeira briga aconteceu entre Renato Russo e Marcelo Bonfá, e por um motivo prosaico: o local estabelecido para montagem do praticável da bateria: "O Renato achou que a bateria estava muito próxima a ele, e começamos a discutir. Saímos no pau mesmo, porque a gente ficava uma pilha de nervos", lembra o baterista. "Geralmente, quando o Bonfá adorava, o Renato odiava, e vice-versa. Eles brigavam muito. Eu era o cara que contemporizava", conta Dado.

O lado conciliador do guitarrista entrava em ação constantemente para evitar maiores conflitos entre os legionários e os músicos de apoio que a banda passou a utilizar com a saí-

Para evitar os constantes pileques de Renato, não havia álcool no frigobar da suíte do vocalista e os músicos eram orientados a não beber ostensivamente na frente dele

> Tem alguns shows que, para mim, são bem marcantes. Nossa primeira vez em São Paulo, no Napalm, quando eu conheci Mingau, Clemente e outros punks paulistas, foi um momento muito especial. O de Brasília no Mané Garrincha, por causa de toda a confusão, e o que veio logo depois, o do Parque Antártica lotado, em São Paulo, que foi a nossa redenção. A gente saiu do turbilhão coroado por aquele instante. Mas teve um show inesquecível em Manaus *(na turnê de As Quatro Estações)*. A gente tinha tomado todas na noite anterior. Aquele calor lá fora, o Renato entra no camarim e diz: 'Hoje a gente vai tocar o que a gente tá a fim de tocar, vai ser uma grande jam'. E assim foi. Em determinada parte, ele virou para a gente e falou: 'Agora vai ser aquela que o John Lennon ouvia quando estava doidão de LSD e passeava de Rolls-Royce'. E eu pensava: 'Puta que pariu, qual será a música que o John Lennon ouvia quando estava doidão de LSD e passeava de Rolls-Royce?'. Era uma charada. Até que alguém lembrou e gritou que era 'A Whiter Shade Of Pale' *(sucesso dos anos 60 do Procol Harum)*. Aí a gente ficou aliviado.
>
> **Dado Villa-Lobos, guitarrista**

Cantor ficava infeliz com a gritaria histérica dos fãs e vivia repetindo: "Por que é que eu vou fazer show, pra que eu vou sair de casa se eu não me escuto? Isso não tem graça"

EU FUI

Pessoas que estavam no lugar certo na hora certa – e na errada, também...

A zoeira do começo

"Tem dois shows da Legião que sempre me vêm à cabeça: o primeiro é a estréia deles em Patos de Minas, com a Plebe, em 1982. Acho que mais pela precariedade, uma zoeira só com voz em cima, do que pelo contexto histórico. A Legião tinha um tecladista, o Paulista, que usava um teclado minúsculo sentado no colo dele. E tinha também o Paraná, o melhor guitarrista da turma e, conseqüentemente, o pior. Ele não entendia a estética punk, a força de três acordes e não parava de solar. O Renato fazia uma cara... O outro show marcante da Legião foi no teatro Rola Pedra, na cidade satélite de Taguatinga (DF), no ano seguinte. O Dado estava viajando, mas o Renato resolveu fazer o show assim mesmo. Foi a estréia de 'Soldados': só baixo e bateria, com o Bonfá trocando o lugar da caixa pelo surdo. Ele era lá do Comsat Angels, banda inglesa de Sheffield, que o inspirava muito. E ainda 'Soldados' foi tocada sem guitarra, parecia muito 'Transmission', do Joy Division. Nós ficávamos cantando alto a letra, sacaneando o Renato como a Plebe sempre fazia. Era a brincadeira que só a galera da Ceilândia entendia..."

Philippe Seabra, guitarrista e vocalista da Plebe Rude

Momento de revelação

"Na época do lançamento do disco *Dois* no Rio, a Legião fez dois shows: no Morro da Urca, um estava muito cheio, outro bem vazio. Eu fui na noite vazia: quase ninguém nas arquibancadas, uns punks pogando lá atrás e um vazio na frente. Vi o show com os cotovelos no palco, dava até para ver no chão a ordem das músicas que eles iam tocar. Tive a impressão de que o Renato estava falando diretamente para mim sobre as coisas da minha vida, e não cantando para todas as pessoas que estavam lá. Depois estive em muitos outros shows no Rio, como no Maracanãzinho e no Jóquei Clube, e também no show do estádio Mané Garrincha. Mas nenhum superou aquele show vazio no Morro da Urca: para mim, quando percebi o impacto que eles poderiam causar, foi um momento de revelação quase divino."

Arthur Dapieve, jornalista e autor de biografia *Renato Russo – O Trovador Solitário*

Fora de controle

"Em 1988, eu já tocava, mas nunca tinha visto um show da Legião. Depois de umas cervejas do lado de fora do estádio, consegui entrar com a galera no gramado do Mané Garrincha, em Brasília. Quando o show começou, achei muito estranho: o palco era pequeno e o som parecia de um radinho de pilha, sem contar toda a confusão depois que eles saíram do palco. Acompanhei de perto o tumulto porque estava na pista, bem no meio do campo. Lembro da polícia a cavalo entrando e abrindo um clarão gigante. Mantive a calma, fui para o canto e consegui sair sem me machucar. Só depois, quando comecei a tocar numa banda de verdade, passei a entender o que representa para um artista a decisão de sair do palco: significa que a situação está realmente fora de controle. Foi o que eles fizeram em Brasília. O outro show da Legião que eu vi de perto foi no Ibirapuera, em São Paulo. O Renato tinha esculado a primeira fita demo dos Raimundos, disse que tinha gostado e nos convidou para o show. Foi a maior mordomia, fomos em ônibus de convidados e entramos direto no ginásio do Ibirapuera. Mas o som também estava terrível. Infelizmente, nunca vi um show da Legião com o som que eu gostaria."

Fred Melo, baterista dos Raimundos

Atingido por um sapato

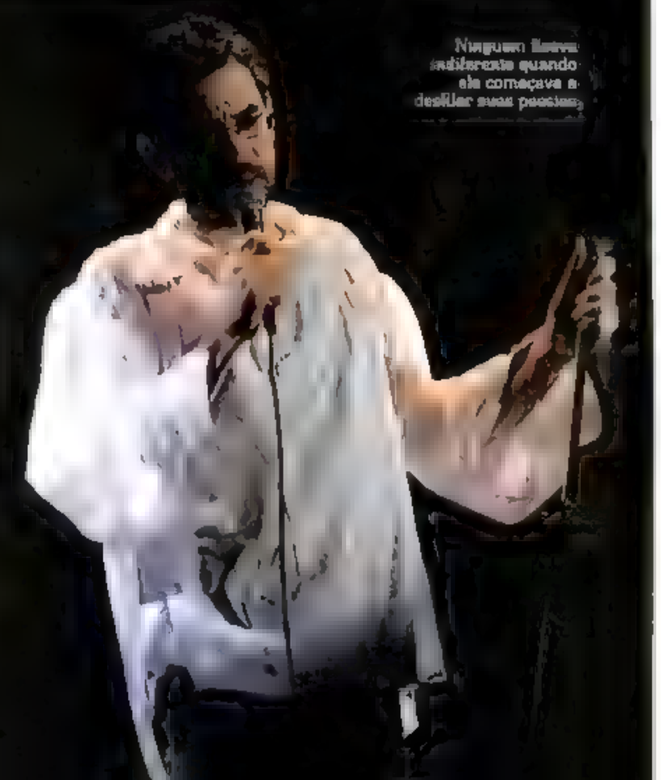
"Eu já gostava bastante da Legião. Passei a gostar ainda mais depois de ir ao *(ginásio)* Mineirinho e vê-los ao vivo. Durante uma das músicas, o Renato foi atingido por um sapato. Ele parou, encarou todo mundo, pegou o violão e começou a cantar 'Faroeste Caboclo'. Eu tinha 20 e poucos anos e isso me marcou muito: o cara teve a coragem de voltar depois de tomar uma sapatada. A gente toca essa música nos shows desde 1996 numa versão mais pesada do que o original e fica impressionado: todo mundo canta aquela letra gigante do começo ao fim, sem errar."

Maurinho Nastácia, vocalista da banda mineira Tianastácia

Sangue frio diante do transe

"Lembro como se fosse ontem. Fui encontrar a banda no hotel. Já no saguão rolava uma certa eletricidade no ar. Entramos numa van e lá fomos nós em direção ao Parque Antártica. Não sou lá muito chegado em futebol. Nunca tinha posto os pés lá. A uma certa distância já sentia-se o barulho da platéia. Era impossível não entrar num clima de final de campeonato. Era a maior celebração que eu já vira para uma banda no Brasil, seja gringa ou nativa. A palavra que me vem à cabeça é transe. Transe coletivo. O barulho da platéia era maior que o do próprio PA. Era ensurdecedor. Até hoje me pergunto como a banda conseguiu manter o sangue frio diante daquilo. Aliás, talvez a coisa mais surpreendente fosse justamente a aparente indiferença diante da histeria generalizada. No camarim, depois do show, eles agiam como se tivessem acabado de tocar para umas cem pessoas ali na UnB. Se não me engano, até hoje esse é o maior público para uma banda nacional. Ao todo *(duas noites)* foram 70 mil pessoas. Nada mal, né? Mas é isso aí, a maior platéia, para a maior banda do país."

Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial



Ninguém ficava indiferente quando ele começava a desfiar suas pregações

da do baixista Renato Rocha, depois da turnê do disco *Que País É Este 1978/1987*. Para o lançamento de *O Descobrimento Do Brasil*, eram três os profissionais contratados: Trilha (teclados), Fred Nascimento (violões e guitarras) e Gian Fabra (baixo). Cada um deles tem dezenas de recordações marcantes, algumas delas doloridas, dos shows que fizeram com a Legião.

COMO JOGAR NA SELEÇÃO

"Foi uma experiência profissional muito sofrida, mas muito legal. Como jogar na Seleção Brasileira", compara o flamenguista Fred Nascimento, que tocava com a banda desde 1990, quando participou da turnê de *As Quatro Estações* com o tecladista Mu e o baixista Bruno Araújo. Munido de guitarra semi-acústica Stratocaster vermelha (presente de Dado, usada no primeiro disco da Legião), Fred tocava a maioria das introduções das canções e também executava alguns dos riffs levanta-estádios, como o de "Que País É Este". "Não sou um músico virtuoso, mas me encaixava com o estilo deles."

O botafoguense Gian Fabra, companheiro de peladas do tricolor Dado Villa-Lobos no campo de Chico Buarque, não era fã da Legião Urbana antes de ser convidado a fazer um teste pelo próprio Renato durante uma festa. Na verdade, era a Plebe Rude a sua banda predileta da turma de Brasília que desceu o Planalto Central nos anos 80. Mas, logo nos primeiros ensaios com a Legião, convenceu-se de que estava entrando em uma outra estação. "O Renato tinha o ouvido muito apurado, sabia tudo o que estava acontecendo." Uma vez, propositadamente, afinou o baixo de forma diferente: passou de 4-4-0 para 4-4-1. Uma variação quase imperceptível. Quase: "Logo na primeira música do ensaio, o Renato falou: 'Gian, afina o baixo, por favor'. Eu não acreditei", conta.

Gian Fabra lembra de outra característica marcante

> Todo o planejamento antes do show era trocado pela intuição em cima do palco. O público era quase sempre surpreendido pela inclusão de músicas que não estavam previstas

de Renato durante as excursões: o rigor com a qualidade do espetáculo. "Ele achava que as pessoas que pagavam tinham que ter o melhor. Acreditava nisso como princípio, um compromisso assumido com os fãs." O tecladista Carlos Trilha reforça: "Ele sentia uma responsabilidade muito grande. O homem era uma antena: captava tudo."

"ISSO NÃO É UMA FESTA!"

Outro músico que não admirava especialmente a Legião antes de tocar com o grupo, Trilha percebeu logo no primeiro show que as coisas seriam bem diferentes do que esperava. Afeito à escola populista das bandas americanas de hard rock, o tecladista começou a puxar palmas para incitar a platéia. Acabou entusiasmando o guitarrista Sergio Serra (ex-Ultraje a Rigor, que teve breve passagem pela banda), que foi fazer solos lá na frente do palco. "Pensei que estava agitando até que o Renato olhou para trás e gritou: 'Pára de bater palma, isso não é uma festa!'", lembra o tecladista. Depois do show, não faltaram broncas para os dois. "Essa é uma banda séria, não admito isso!", determinou Renato, furioso.

O empresário Rafael Borges, que assumiu a função a partir do álbum *Que País É Este 1978/1987* e permanece responsável até hoje pelos negócios da banda, destaca a principal diferença de uma apresentação da Legião Urbana para outros shows de rock. "Definitivamente, não era entretenimento. Havia uma proposta artística, de comportamento e de ética que não obrigava a banda a se submeter à prática comercial do trabalho no show biz brasileiro", assegura.

Os colegas de Rafael não compreendiam muito bem as diferenças entre a Legião e outros nomes do pop-rock nacional. Um deles, empresário poderoso no mercado nordestino, chegou com a proposta de fazer 36 shows pelo Nordeste: cinco por semana,

> Um show marcante foi logo no começo, no teatro Rola Pedra, em Taguatinga (DF). O Dado tinha viajado. Eu e o Renato resolvemos fazer o show assim mesmo. Foi uma grande jam, uma experiência até muito legal, até porque eu adoro o improviso. Também tenho boas lembranças da turnê do V. O Renato não estava muito bem, mas para mim foi bem divertido, especialmente porque a gente estava no Nordeste, fazia um show e ficava por lá a semana toda. Lembro que, antes de um show em João Pessoa, saí de barco e fiquei no mar o dia inteiro, foi bem bacana.
>
> **Marcelo Bonfá, baterista**

de terça a sábado. Conseguiu três datas. "A Legião não era uma banda que adorasse estrada, muito pelo contrário. Por isso, tinha de haver a garantia da estabilidade da volta para casa. Fomos a Salvador fazer show, voltamos para o Rio. Fomos a Recife, voltamos. Fomos a Fortaleza, voltamos", recorda o empresário, antes de fazer a ressalva: "Mas Renato Russo adorava essa vida e não viveria sem ela. Ele gostava de ser idolatrado".

Com o aumento da popularidade e da instabilidade emocional do vocalista (principalmente depois da descoberta do vírus da Aids, em 1990), a banda passou a produzir os próprios shows. "A gente não podia estar amarrado a contratos que não poderia cumprir", justifica Rafael. Daí a recusa em participar de grandes festivais – os produtores do Hollywood Rock chegaram a oferecer, no início dos anos 90, uma noite que teria a Legião como única atração. A proposta foi recusada.

SOM "MEIO TIM MAIA"

A decisão de seguir na estrada de acordo com as próprias leis implicava alguns ajustes. O mais sério deles era em relação à qualidade do som oferecido para a platéia e para os próprios músicos, carma que a Legião carregava desde suas primeiras apresentações em Brasília. A péssima acústica da maioria dos ginásios brasileiros, únicos locais com capacidade para abrigar os milhares de fãs de cada cidade, era uma fonte eterna de insatisfação para a banda. Insatisfação agravada pela gritaria histérica do público no início do show. "Eu tinha de colocar o volume da guitarra no dez. Era difícil ouvir o andamento, tinha de levar mais no visual", conta Dado. O mais infeliz dos três era o vocalista, que vivia repetindo: "Por que é que eu vou fazer show, pra que eu vou sair de casa se eu não me escuto? Isso não tem graça"

Na tentativa de resolver o problema de áudio, a banda tomou uma decisão radical antes do início da excursão do disco *V*. Durante três meses, ensaiou nos estudios da gravadora EMI com o equipamento que seria utilizado no palco. Ajustes feitos, Rafael Borges foi à caça de profissionais que não se limitassem a dizer "no Brasil, é assim mesmo" ou "está ruim porque está vazio, quando o público chegar e encher, fica bom" – resposta que deixava Renato Russo particularmente enfurecido durante as passagens de som.

O empresário acabou achando técnicos sensíveis aos apelos da banda, como Guilherme Reis (engenheiro de som), Dalvino Machado (produtor técnico) e Jorginho Carvalho (técnico de monitor). Para os shows do Metropolitan, a equipe armou um som "meio Tim Maia", na definição de Jorginho.

Apenas duas canções foram tocadas em todas as apresentações do grupo: "Será" e "Ainda É Cedo". A segunda era o "curinga" do repertório, usada para corrigir problemas no som

Em vez de duas caixas de retorno, como é de praxe para uma banda de rock, foram colocados seis monitores para Renato: quatro na frente, dois atrás do vocalista, cada um deles com 600 watts de potência. "Foi superdimensionado de propósito para que o Renato cantasse à vontade, como acabou acontecendo", explica o técnico, que já tinha trabalhado com vozes exigentes da MPB, como Milton Nascimento. Deu tão certo que os que estavam no palco dizem que jamais vão esquecer, por exemplo, o refrão de "1965 (Duas Tribos)". "Aquela frase, 'estou do laaaaado do bem', saía tão alta que eu e o Fred *(Nascimento)* colocávamos as mãos no ouvido. Era muita emissão vocal", lembra Gian Fabra.

O AZUL E A EXACERBAÇÃO DA COR

A luz também recebia cuidados especiais desde que Maneco Quinderé, iluminador com extensa bagagem teatral, tinha se incorporado à trupe legionária. Em sua estréia, na turnê de *As Quatro Estações*, ele utilizou apenas uma cor, o azul, e todas as suas variações. "A luz não era rítmica, buscava ser atmosférica, de acordo com o que o Renato queria cantar", observa Quinderé. Em *V*, para combinar com o tom épico do disco, a iluminação foi baseada em óperas de Wagner indicadas pelo vocalista. Finalmente, em *O Descobrimento Do Brasil*, a inspiração veio da pop art. "Foi a exacerbação da cor para criar um clima lúdico e romântico", esclarece o iluminador, que pilotava pessoalmente os canhões de luz (dois deles sempre direcionados para o vocalista) "Tudo era pensado e planejado, nada era intuitivo", confirma.

Quando a banda entrava no palco, entretanto, o planejamento cedia espaço à intuição. Não havia um set list que resistisse aos improvisos de Renato Russo. "Ele olhava para a lista de músicas e dizia: 'Ah, não vou cantar isso agora!'", conta Bonfá. "Ele resolvia e era o que era", segreda um dos músi-

DADO FAZ A SUA PRÓPRIA TRILHA

Enquanto os fãs da Legião estarão com os ouvidos ligados no disco ao vivo, Dado Villa-Lobos estará com os olhos bem abertos na tela do cinema. O próximo projeto do guitarrista da Legião a chegar às lojas é a trilha do filme *Bufo & Spallanzani*, dirigido por Flávio Tambellini. São temas instrumentais, como "O Teclado Sintético" (influenciado por Kraftwerk) e músicas com participações de vocalistas. Cássia Eller, por exemplo, canta "Dentro De Ti", parceria de Dado com Humberto Effe (ex-Picassos Falsos) que é a canção-tema do filme baseado no romance de Rubem Fonseca. Fausto Fawcett e Thalma de Freitas também cantam no disco, além do próprio Dado: são deles os vocais de "Valsa Da Morte"

"É um desafio maravilhoso fazer música para a imagem: você tem o poder de sublinhar, realçar ou mesmo proteger uma determinada cena, construindo uma relação quase simbiótica", teoriza Dado, citando como exemplo de trilhas bem-sucedidas os trabalhos de Ry Cooder em *Paris, Texas*; Aimee Mann em *Magnólia* e Wu-Tang Clan em *Ghost Dog*.

Com 13 faixas, a trilha de Bufo & Spallanzani será lançada no fim de abril pela Rock It! A gravadora do guitarrista, que lançou no ano passado o primeiro CD de Moreno Veloso (*Máquina de Escrever Música*) e o segundo disco dos gaúchos do Ultramen (*Ô-Lê-Lê*) tem mais dois produtos previstos para 2001, o novo CD da banda carioca Acabou La Tequila e uma coletânea do que Dado chama de "música carioca de apartamento" – esquisitices eletrônicas feitas em estúdios caseiros do Rio, da zona sul à Baixada Fluminense.

EM BUSCA DE MAIS TESOUROS

No show de lançamento no Rio de *O Barco Além do Sol*, primeiro disco-solo do baterista da Legião, Dado e Bonfá voltaram a tocar juntos. O guitarrista subiu ao palco do Rock In Rio Café para acompanhar o amigo em "Angra Dos Reis" e "Creep", do Radiohead. "Foi ótimo, bem divertido, ainda mais depois de duas garrafas de vinho...", brinca Dado. Em atmosfera menos ática, os dois começam este ano a escarafunchar o baú da Legião em busca de raridades. Terão a companhia do jornalista e pesquisador Marcelo Fróes (escolhido pela família Manfredini, responsável pelo espólio de Renato Russo) que fez trabalho parecido com o passado de Gilberto Gil, Barão Vermelho, Kid Abelha e outros artistas da Warner.

Os tesouros encontrados no baú vão ser reunidos em uma caixa há tempos planejada e já batizada de *Material*. "Temos de ouvir muitas fitas, avaliar com calma e fazer uma análise bem detalhada e profunda. Vai ser um trabalho longo", antecipa Dado, dando como certa a inclusão de pelo menos duas músicas: a versão de "Juízo Final" (Nelson Cavaquinho) e o tema instrumental "Grande Inverno Na Rússia", ambas registradas para o *Dois* e excluídas depois que a gravadora mudou de planos e transformou o que seria um álbum duplo, batizado de *Mitologia E Intuição*, em um disco simples.

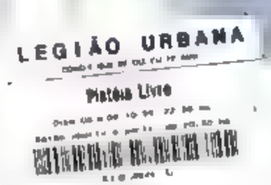
POR DENTRO DO CAMARIM*

O que os legionários pediam antes dos shows:

- 40 toalhas brancas
- Buquê de flores do campo e rosas sem espinhos (para serem distribuídas ao público depois do bis)
- Bufê de pratos quentes: carne, arroz branco, salada
- Sopa de legumes passados no liquidificador (para Renato)
- 4 batas de algodão, largas e curtas (para Renato)
- Água-de-coco

* da turnê de *O Descobrimento do Brasil*

Em voz de luz rítmica Renato preferia uma iluminação atmosférica, de acordo com o que ira cantar



cos de apoio. Quem estava no palco quase sempre era surpreendido com o anúncio de canções fora da ordem programada ou com a inclusão de músicas que há tempos não eram incluídas no repertório. "Índios", por exemplo, que quase sempre ficava de fora porque Renato vivia esquecendo a letra, entrou de última hora no Metropolitan.

HORA CERTA PARA DAR A PAULADA

Apenas duas canções foram tocadas em todos os shows da Legião: "Será" e "Ainda É Cedo". Quase sempre enriquecida por inserts de músicas de outros compositores, a segunda era, segundo o guitarrista, o "curinga" do repertório. "Às vezes, a gente tocava para passar o tempo ou para corrigir algum problema no som. Era muito fácil, só três notas", confessa Dado. Bonfá desenvolveu técnica particular para não se perder em meio às divagações do vocalista: "Basicamente, eu ficava plugado no Renato, ouvindo aqueles discursos e contando na cabeça. Eu marcava a hora certa para dar uma paulada lá atrás e sublinhar o que ele estava dizendo".

Nas longas sessões de improviso, os três relaxavam e esqueciam, por alguns instantes, que estavam diante de milhares de pessoas. Podiam voltar aos tempos que tocavam para poucos fãs no Teatro da Escola Parque (em Brasília), no Morro da Urca (no Rio) ou no Napalm (em São Paulo), alguns dos primeiros palcos em que pisaram. "Gostava muito de tocar nos anos 80, com a plateia mais junto. Era bem aconchegante", diz Bonfá. "Ao vivo, a Legião tinha uma liberdade quase sem controle", avalia Dado, antes de destacar o que considerava o mais importante nos shows de sua banda: "Havia uma forte emoção pulsando. Sempre uma nova emoção"

QUANDO ELE ERA JOVEM

Livro e exposição recriam a Brasília de Renato Russo

Depois do sucesso da biografia escrita pelo jornalista carioca Arthur Dapieve, na quarta edição e com 20 mil exemplares vendidos, Renato Russo continuará frequentando as livrarias. O livro *Canções De Concreto – A Brasília De Renato Russo* aposta em imagens que recriam as letras do vocalista da Legião e histórias inéditas do período em que o cantor morou na capital federal, de 1973 a 1985. Nesta página, um trecho do primeiro capítulo e duas das fotografias que estarão na obra dos jornalistas brasilienses Anderson Schneider e Carlos Marcelo, colaboradores de BIZZ. O lançamento está previsto para o segundo semestre, com exposição das fotos no espaço cultural que leva o nome de Renato e fica no Plano Piloto de Brasília.

"O vento forte seca a seiva em cantos de concreto parece música urbana"

"Carmem Teresa, esse vai ser o meu!", gritou Júnior, assim que entrou no segundo dos quatro quartos do novo lar da família Manfredini: o apartamento 202 do bloco B da SQS 303, em Brasília. A irmã de Renato Manfredini Júnior, dois anos e dez meses mais nova do que ele, não teve tempo de retrucar. O menino já tinha determinado qual seria o lugar onde passaria boa parte de sua adolescência. Por causa da transferência de seu pai, o funcionário do Banco do Brasil Renato Manfredini, Júnior trocava naquela primeira semana de março de 1973 as brincadeiras com os primos nas tranqüilas ruas da Ilha do Governador (RJ) pela vida em uma cidade nova, nascida no mesmo ano que ele: 1960.

Treze anos depois da inauguração, Brasília ainda poderia ser considerada apenas uma idéia com imenso desejo de se tornar realidade. A superquadra de Renato, no início da Asa Sul, era um dos lugares do Plano Piloto que melhor refletiam a distância entre o sonho e o concreto. Os servidores públicos que lá moravam eram funcionários de carreira do Banco do Brasil atraídos pela oferta de melhores salários na capital. Como Renato Manfredini, chefe de divisão da consultoria técnica do banco. O cargo importante lhe deu o direito de ocupar um dos apartamentos de quatro quartos do bloco mais cobiçado da quadra. Fazia muito frio lá dentro: as árvores encobriam a luz do sol e, mesmo de dia, as luzes da sala estavam sempre acesas.

Os redemoinhos da poeira acumulada na entrada da quadra fascinavam as crianças da 303 Sul. Elas também se divertiam na quadra de esportes construída atrás do bloco B. Apesar da simpatia pelo Fluminense, adquirida nos tempos de Ilha do Governador, Júnior não achava muita graça em jogar futebol. Muito menos em vôlei ou basquete. O máximo de atividade física que se permitia era nadar aos domingos na AABB (Associação Atlética dos Funcionários do Banco do Brasil, no Setor de Clubes Sul) ou dar voltas de patins – em um dos passeios, caiu de mau jeito em frente ao bloco onde morava. Quebrou o pulso e ficou sentado no chão, mudo e chorando ao mesmo tempo.

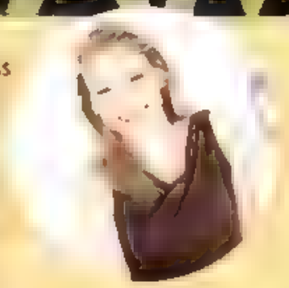
(...) Em menos de um mês, o filho mais novo de Renato e Carmem Manfredini já estava integrado à rotina do brasiliense. Estudava pela manhã, descia à tarde para ficar embaixo do bloco com os vizinhos de quadra e, à noite, assistia às séries americanas que passavam na televisão, como *Viagem Ao Fundo Do Mar*, *Perdidos No Espaço* e *Túnel Do Tempo*. Uma de suas brincadeiras prediletas era abaixar o volume da TV e dublar os seriados, imaginando falas e imitando vários personagens. (...)

Quando chegava o fim de semana, Renato tinha no cinema a maior diversão. Percorria quase dois quilômetros, andando da 303 até o Setor Comercial Sul ou Conjunto Nacional, para assistir nos cines Marcia e Atlantida aos mais recentes lançamentos do cinema internacional. Certa vez, em 1974, conveneeu o amigo Gustavo Lima a tentar ver o filme de terror *O Exorcista* – censurado para maiores de 18 anos. Com parte das respectivas mesadas, os dois conseguiram subornar o porteiro do cinema e ficaram na primeira fila. Não desgrudaram o olho durante toda a sessão. Renato ficou impressionado com o que viu na tela: naquela noite, não conseguiu dormir. Era um dos sintomas da atração que o cinema exercia em Renato Manfredini Júnior, fascínio que fez muitos membros de sua família pensarem que ele seria cineasta. A paixão só arrefeceu depois que, já adolescente, Renato conheceu os acordes ruidosos do punk e descobriu que encontraria no rock o caminho mais rápido para realizar dois dos maiores objetivos de sua vida: fazer amigos e influenciar as pessoas.

A quadra 303 Sul, reduto exclusivo de funcionários do Banco do Brasil, como seu Renato Manfredini, pai de Renato Russo

DIVIRTA-SE COM A NOVA PROGRAMAÇÃO MC

Cantarolando


VJ Simone Kliass

Um encontro semanal com a VJ Simone Kliass, onde você fica sabendo curiosidades sobre a vida dos artistas e confere os seus maiores sucessos traduzidos em inglês e português simultaneamente. E-mails para cantarolando@musiccountry.tv

VJ Vinicius Valverde

Caixa Postal

Um programa semanal totalmente interativo apresentado pelo VJ Vinicius Valverde, onde os espectadores podem mandar suas sugestões de vídeo, fazer perguntas sobre seus ídolos, tirar dúvidas, enfim, escrever o que der na telha! E-mails e cartas são lidos e respondidos durante essa divertida hora em meio a muita música boa. Esse é um canal aberto para o MusicCountry! E-mails para caixapostal@musiccountry.tv

Mistureba

O nome já diz tudo, esse é o programa que traz imensa variedade de estilos musicais conduzido e comentado semanalmente pelo nosso VJ André Frateschi. E-mails para mistureba@musiccountry.tv

(BRA)

Programa de uma hora semanal apresentado pela VJ Maristela de Vasques dedicado inteiramente à música brasileira, recheado de clipes e muitas curiosidades sobre os artistas.

E-mails para bra@musiccountry.tv

VJ Maristela de Vasques

Top 10 Countdown

Programa de uma hora semanal apresentado pela VJ Simone Kliass onde você verá os 10 clipes mais votados pela nossa audiência além de ficar por dentro das novidades relacionadas aos artistas escolhidos para subir ao pódio da parada do MusicCountry.

E-mails para top10@musiccountry.tv

A Hora do Cachorro Louco

Nosso VJ Vinicius Valverde entrevistando grandes personalidades pelas ruas de São Paulo a bordo de um Plymouth conversível na companhia do excepcional motorista, Don Giovanni, tudo isso é claro com muita música boa. Programa semanal com uma hora de duração. Mande e-mails com sugestões para o endereço cachorrolouco@musiccountry.tv

VJ André Frateschi

Rua Gomes de Carvalho, 1765 /
5° Andar
Vila Olímpia
04547-006 São Paulo, SP
Brasil
Phone: 55 11 3044-7122
Fax: 55 11 3044 6513

MC Brasil
MUSICCOUNTRY
O País da Música

Para adquirir a programação MusicCountry procure já o operador de Televisão por Assinatura de sua região.

AERO SMITH

Em paz para sorrir novamente

Para fugir do inferno que foi o disco anterior, Steven Tyler recorreu até a um amuleto. Parece que o talismã funcionou, pois a banda fez seu "álbum mais fácil pelo fator alegria", como confessa o vocalista

Por Daniel Oliveira, de Boston, EUA

Cruzes, terços, santos, estátuas. Os seres humanos buscam sorte e paz espiritual por meio desses objetos. Steven Tyler, por sua vez, acredita numa chave pendurada em seu pescoço. Ele diz que o pequeno artefato abre portas para bons momentos em sua vida. Durante a produção de *Just Push Play* – o novo disco do Aerosmith –, o vocalista optou por pendurar o talismã na porta de sua casa. Segundo sua crença, tragédias ocorreriam caso ele se movesse. Como o amuleto manteve-se na mesma posição, a banda terminou o álbum sem sobressaltos. Steven lembra da história de um amigo de infância. "Antes de morrer, seu avô lhe deu uma chave igual e disse: 'Essa é a chave de tudo. Se você tiver dúvidas sobre algo, olhe para ela'. E meio o que as religiões tentam nos dizer não é um Deus externo, e sim um Deus interno que precisamos cultivar."

Nesse espírito positivo, o vocalista está com o baixista Tom Hamilton e os guitarristas Joe Perry e Brad Whitford (o baterista Joey Kramer não apareceu por causa de compromissos familiares) em um quarto do hotel Four Seasons, em Boston, a cidade natal do Aerosmith. As ruas nevadas propiciam uma atmosfera interna aconchegante e os ornamentos marroquinos que o grupo exigiu no local elevam o clima místico. Seja ou não pela fé de Steven, os quatro amigos estão claramente unidos e felizes. A prova é o bom humor que esbanjam durante esta entrevista. "Este foi o nosso álbum mais fácil pelo fator alegria", admite o vocalista, usando óculos escuros sob a iluminação branca do quarto. "Nossos trabalhos sempre foram dolorosos, mas neste rimos mais que em qualquer outro."

Com seu jeitão de rockstar, realçado pela calça de couro vermelha, Joe ressalta que a última coisa que o Aerosmith queria era rever o inferno que foi a criação de *Nine Lives*, em 1997. Além de estarem deprimidos na época, os membros do grupo brigaram feio com seu empresário e sua gravadora. "É meio assustador. Ouço algumas canções novas e questiono: 'De onde surgiram?' Leio as letras e penso: 'É um milagre!'", reflete o guitarrista. Ele aproveita para elogiar a força de Steven no disco. "Quando vejo grandes músicos, é como se Deus falasse através deles. Isso acontece com Steven.

O cantor acredita que a chave que pendurou na porta de sua casa durante as gravações de *Just Push Play* iria se mover caso algo errado acontecesse. Como ela permaneceu parada...

"O N' Sync é o melhor em seu estilo, e nós os melhores no nosso", explica Joe sobre a participação do grupo com os mauricinhos e com Britney Spears na final do campeonato de futebol americano

Algumas coisas que saem de sua boca são inacreditáveis. Até saio da frente para não interferir".

INTENSIDADE JOVEM

Na melhor tradição do Aerosmith, *Just Push Play* engloba rocks pesados e baladas emocionantes. A força das guitarras, no entanto, vai ainda mais longe que nos discos anteriores. Joe e Brad exploram distorções cavalares em canções como "Light Inside", "Under My Skin" e "Beyond Beautiful". Curiosamente, os dois guitarristas cresceram ouvindo bandas de rock mais "suaves", como Beatles e Fleetwood Mack. De onde tiraram, então, a agressividade que injetam nas canções do Aerosmith? "Esses grupos nos influenciaram, mas não queremos copiá-los", explica Perry. "Quando escuto nossos primeiros discos, noto que sempre curtimos guitarras pesadas. Além disso, acho que Stone Temple Pilots e Rage Against The Machine nos influenciam."

Joe admite que, durante a composição do álbum, o grupo comparou suas músicas ao trabalho de artistas mais jovens. "Não queremos que você ouça o Stone Temple Pilots e ache que o Aerosmith não pode fazer igual", afirma o guitarrista. "Queremos que nossas canções tenham a mesma intensidade." Steven e Joe escreveram *Just Push Play* ajudados por músicos e produtores externos. Como em discos anteriores, Tom, Brad e Joey não participaram da composição. "É o mesmo de sempre – escrevo milhares de coisas, mas, antes de poder testá-las, o álbum já está pronto!", diz Tom, com bom humor. Joe continua: "Trabalhamos assim há muito tempo. Esse rumo criativo surgiu naturalmente. O processo parece andar mais rápido assim"

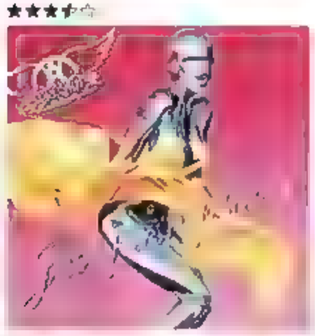
Em outra tradição do Aerosmith, *Just Push Play* é recheado de temas sobre garotas. A capa traz uma mulher em forma de robô - algo como uma Marylin Monroe cibernética – e Steven canta sobre dúvidas, alegrias e tristezas amorosas. O interessante é que o vocalista, como os outros membros do grupo, é casado e experiente sentimentalmente. Por que, então, questiona tanto o amor nas canções? "Todo mundo tem fantasias", responde ele. "Expresso minhas fantasias através das letras. Como sou bastante sensitivo, curto falar de vários sentimentos amorosos e das surpresas que proporcionam."

PARCERIA INUSITADA

O Aerosmith voltou aos palcos em janeiro deste ano, quando tocou na final do campeonato de futebol americano, o Super Bowl, na Flórida. Organizado anualmente, esse é o evento esportivo mais rentável e badalado nos Estados Unidos - algo como a Copa do Mundo deles. Surpreendendo seus fãs, o quinteto tocou o hit "Walk This Way" com a musa infantil Britney Spears e os mauricinhos do 'N Sync. Foi como se o Sepultura tocasse "Territory" com Paulo Ricardo ou os Raimundos tocassem "Puteiro Em João Pessoa" com Sandy & Junior. O público rock, naturalmente, desaprovou a combinação bizarra no palco.

O assunto pega fogo na entrevista, e todos os membros querem se explicar. "O fato de termos tocado com esses artistas não significa que seremos como eles musicalmente", defende-se Tom. "Nossos fãs não devem se preocupar com isso. Quando nossa turnê começar, eles verão o Aerosmith de sempre." "O 'N Sync é o melhor em seu estilo, e nós os melhores em nosso", prossegue Joe, sem mencionar Britney. "As pessoas não devem dizer que queimamos o filme por causa de oito

★★★½☆



Just Push Play
Sony

Apenas aperte o play. Essa sugestiva insinuação denomina o mais recente álbum do Aerosmith. O grupo de Steven Tyler parece querer agradar tanto ao pessoal mais "tradicionalista" que se formou a partir da fase inicial da banda, como à moçada de hoje, que já pegou o bonde (não o do Tigrão) andando.

Impossível pensar no hard rock dos anos 70 sem se referir ao Aerosmith. Espécie de cruzamento entre os Rolling Stones (Tyler era considerado um clone de Mick Jagger, seja pelo timbre vocal, seja pelos lábios grossos e pelo *sex appeal*) e, com seu guitarrista, formava uma dupla tão temida pelas boas famílias quanto Jagger & Keith Richards) e Led Zeppelin (Joe Perry nunca se cansou de emular os riffs e solos de Jimmy Page), o grupo se firmou como a síntese americana dessas mastodônticas influências britânicas. E *Just Push Play* é uma prova disso, realçando essas duas (boas) inclinações da banda. Faixas marcantes, como a abertura com "Beyond Beautiful", o rock lento "Jaded" (o primeiro single do disco) e a semi-acústica "Luv Lies" revelam nítidas conotações *stoneanas*, enquanto a épica "Under My Skin" e a letárgica "Avant Garden" conduzem às sendas *zeppelianas* (lembrando a cruza de pesos com rap anteriormente celebrizada na notória "Walk This Way", a faixa-título e "Outta Your Head" expandem o som do Aerosmith para as novas gerações, enquanto a levada poderosa de "Sunshine" reafirma a velha classe do grupo. A única pisada na bola é o excesso de sacarina na melosa balada "Fly Away From Here".

Celso Pucci

Steven fala de seu passado com as drogas: "Perdi minha primeira esposa e quase morri. Liv, minha filha, não falava comigo. Nem a vi até seus 8 anos. Não quero que isso aconteça novamente"

minutos no palco com esses caras". Falando pela primeira vez, Brad adiciona: "Uma vez assisti a vídeos de DJs quebrando discos do Elvis porque não gostaram das coisas que ele fez. As pessoas queriam queimar discos dos Beatles por causa da opinião de John sobre Jesus. Isso é ter cabeça fechada". "Se imitamos os outros, então honramos as nossas raízes rock'n'roll", completa Steven.

No aspecto positivo do show, o Aerosmith fez o público lembrar quem realmente originou a mistura de rock e hip hop. Afinal, o estilo de "Walk This Way" é moda total nos Estados Unidos agora. Bandas como o Limp Bizkit e Rage Against The Machine, que vendem milhões combinando os dois estilos, devem agradecer ao quinteto de Boston por ter gravado a tal canção em 1986 com os rappers do Run-DMC. Mesmo com tamanho pioneirismo, o grupo não perde a humildade. "Se não fossemos nós, outra banda teria feito o mesmo", diz Joe. "É uma progressão natural. Apenas aconteceu de estarmos no lugar certo e no momento certo." Steven acrescenta. "Algumas dessas bandas atuais são legais. É tudo uma questão de atitude."

SOPA DE FRANGO

O Aerosmith exemplifica bem a vida conturbada de roqueiros famosos. Steven, Joe, Brad, Tom e Joey vivenciaram tudo que uma carreira musical pode proporcionar: sucesso e decadência, drogas e álcool, riqueza e falência, boatos e mentiras, brigas e reconciliações. O mais surpreendente é que, após 30 anos, eles continuam unidos. Nem a breve saída de Joe e Brad comprometeu a amizade do grupo. Bandas como Pink Floyd, Deep Purple e Rolling Stones, por mais que tenham sobrevivido ao tempo, perderam membros originais. Até grupos mais jovens, como Metallica e Sepultura, tiveram o mesmo problema.

"É uma questão de química", diz Brad. "Não dá para explicar como conseguimos. É como uma sopa de frango. Se você tirar o frango, a sopa ficará diferente, mesmo que tenha os outros ingredientes." Joe conta que o Aerosmith aprendeu com seus erros, incluindo as brigas e as drogas. "Já desmaiamos no palco, eu e Brad saímos, fizemos de tudo... Tivemos sorte de escapar da morte. Nossas personalidades devem ter algo que nos fortificou quando nos encontramos."

Steven, particularmente, fala sem frescura de seu passado negro com os entorpecentes. "Perdi minha primeira mulher e quase morri. A banda perdeu tudo que tinha. Eu estava tão doidão que nem prestei atenção. Liv, minha filha, não falava comigo. Eu nem a vi até seus 8 anos. Não quero que essas coisas aconteçam novamente."

Os vacilos da banda estão relatados na biografia oficial *Walk This Way*, de 1997. Como Joe disse uma vez, "o livro não é sobre esquizofrenia. É apenas sobre autodestruição com senso de humor". Milagrosamente, os narcóticos não destruíram o quinteto física ou psicologicamente. Steven e Joe têm aparência saudável para seus 52 e 49 anos, respectivamente, e, como Tom, Brad e Joey, estão para lá de lúcidos.

Agora uma pergunta cruel, mas fundamental: existe a tentação de um retorno às drogas? "Sim", admite Steven, surpreendendo. "Trocamos as drogas pelos discos, que estão saindo mais rapidamente, e reatamos relacionamentos. As coisas importantes de nossas vidas reapareceram. O desejo de euforia ainda existe, mas, quando lembro de tudo que perdi, vejo que não vale a pena arriscar."

CONTRASTE NO BRASIL

Na única visita do Aerosmith ao Brasil, no festival Hollywood Rock, em 1994, Tom surpreendeu-se com a diversidade étnica do país. "Foi como ver os Estados Unidos no dia em que o racismo acabar", lembra. Além disso, o baixista teve uma visão positiva sobre a nossa economia. "O Brasil possui todas as ferramentas para crescer. Isso precisa acontecer um dia. O padrão de vida americano pode servir de exemplo."

Joe, por sua vez, curtiu a personalidade dos brasileiros. "Eles são mais emotivos e abertos em seus sentimentos. Já nos shows são mais expressivos", percebe. Como a maioria dos americanos, o guitarrista também reparou no contraste visual do país. "De um lado, há cidades monstruosas. De outro, selvas – literalmente! O Brasil tem algumas das paisagens mais exóticas e fascinantes que conheço. Adorei nossa visita. É uma pena que não toquemos lá freqüentemente."

Porque não querem: o grupo tem muitos fãs no Brasil e o single de "Jaded" está repetindo no país a boa performance obtida no resto do planeta. Roberto Medina, abra o olho!

O quinteto hoje e nos anos 70 (abaixo): sempre identificado com o rock

IDAS E VINDAS

Acompanhe a cronologia do lendário quinteto americano:

1970
Em Sunapee (New Hampshire), o guitarrista Joe Perry e o baixista Tom Hamilton, da Jam Band, juntam forças com o vocalista (e também baterista) Steven Tyler. Depois unem-se ao baterista Joey Kramer e ao guitarrista Brad Whitford. Formam o Aerosmith e se estabelecem em Boston.

1971-1973
Tocam em clubes de Boston e Nova York. Assinam com a gravadora Columbia e lançam seu primeiro disco. A balada "Dream On" gradualmente cativa as rádios.

1974-1976
Excursionam com os Kinks e outros grupos da época. As orgias e experiências com drogas iniciam. Lançam os discos *Get Your Wings* e *Toys In The Attic*. As músicas "Sweet Emotion" e "Walk This Way" estouram nos Estados Unidos. Lotam shows pelo país e lançam o álbum *Rocks*.

1977-1979
Abusando da heroína, Joe e Steven são apelidados de "Toxic Twins" ("Gêmeos Tóxicos"). Lançam o álbum *Draw The Line*, excursionam nos Estados Unidos e participam do filme *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Fazem o disco *Live: Bootleg* e brigam no estúdio para finalizar o álbum *Night In The Ruts*. Desiludido e desgastado, Joe parte para a carreira-solo. O guitarrista Jimmy Crespo o substitui.

1980-1981
Excursionam para divulgar *Night In The Ruts*, mas as vendas do álbum decepcionam. Entram em fase de decadência. Brad sai e forma o projeto Whitford-St. Holmes com Derek St. Holmes, ex-guitarrista de Ted Nugent. O guitarrista Rick Dufay o substitui. Joe lança o disco-solo *Let The Music Do The Talking* e excursiona em clubes com o grupo Joe Perry Project. Lançam a coletânea *Greatest Hits*. Steven sofre um acidente de motocicleta e fica em observação médica. Joe lança *I've Got The Rock N' Rolls Again*, seu segundo trabalho-solo.

1982-1984
Gravam o disco *Rock In A Hard Place* e excursionam pelos Estados Unidos. Joe lança *Once A Rocker, Always A Rocker*, seu terceiro solo. Deixam a Columbia e assinam com a gravadora Geffen. Joe e Brad reencontram seus companheiros num show em Boston. Reunidos, fazem a famosa turnê *Back In The Saddle*. Abusando de drogas, Steven desmaia no palco durante um show.

1985-1986
Fazem *Done With Mirrors*, e Steven e Joe param num centro de reabilitação. Regravam "Walk This Way", do álbum *Toys In The Attic*, com os rappers do Run DMC. A música explode mundo afora e os recoloca na rota do sucesso. Lançam o ao vivo *Classics Live!*

1987-1988
Ajudados pelo hit maker Desmond Child, famoso pelos trabalhos com o Bon Jovi, lançam *Permanent Vacation*, "Angel" e "Dude (Looks Like A Lady)" estouram nas rádios. Saem também *Classics Live! II* e a coletânea *Gems*. Excursionam nos Estados Unidos, na Europa e no Japão.

1989-1990
Lançam *Pump*, que entra direto no topo das paradas americanas. Ganham um prêmio no Video Music Awards da MTV com o clipe de "Janie's Got A Gun".

1991
Reassinam com a Columbia e ganham um Grammy com "Janie's Got A Gun". Lançam a caixa *Pandora's Box*. A música "Sweet Emotion" vira clipe de sucesso.

1992-1993
Lançam *Get A Grip*, que emplaca "Cryin'", "Crazy", "Amazing" e "Livin' On The Edge".

1994
Excursionam na América do Sul, tocando no Hollywood Rock no Brasil. Com a participação da atriz Alicia Silverstone, "Cryin'" é volado como o melhor clipe de todos os tempos pelos telespectadores da MTV americana. Tocam no festival Woodstock e lançam quatro produtos: a coletânea *Big Ones*, o vídeo *Big Ones You Can Look At*, a caixa *Box Of Fire* e o CD-ROM *Quest For Fame: Featuring Aerosmith*.

1995-1996
Iniciam a composição de *Nine Lives*. Joey larga os ensaios por estar deprimido. Com o baterra Steve Ferrone, viajam para a Flórida e iniciam as gravações. Insatisfeita com o resultado, a Columbia os obriga a refazer as músicas. Brigam feio com o empresário Tim Collins e vão relaxar num centro de reabilitação. Joey retorna. Gravam *Nine Lives* em três cidades e quatro estúdios.

1997-1998
Lançam *Nine Lives*, que engata os sucessos "Pink", "Hole In My Soul" e "Falling In Love (Is Hard On The Knees)". Saem em turnê e publicam a polêmica autobiografia *Walk This Way*. Steven machuca o joelho num show e é operado. Participam da trilha do filme *Armageddon* com as músicas "Come Together", "Sweet Emotion", "What Kind Of Love Are You On" e "I Don't Want To Miss A Thing". A última explode nas paradas. O carro de Joey pega fogo, e o baterista sofre queimaduras de segundo grau. Adiam uma turnê americana, e Joe participa no seriado de TV *Homicide: Life On The Streets*. Lançam o ao vivo *A Little South Of Sanity*.

1999-2001
Compõem e lançam *Just Push Play*. O primeiro single do disco, "Jaded", estoura nas rádios do mundo inteiro. Retornam aos palcos no jogo de futebol americano Super Bowl na Flórida.

Acima do mundo

Por que os **Beatles** ainda são os maiores e ponto final

Por Alexandre Matias

Experimente ficar um pouco sem a influência dos Beatles. Não conseguiu? Fácil entender por quê. A cultura contemporânea está tão enraizada no estrago que os quatro cabeleiras do pós-calipso fizeram em nossa forma de compreendê-la e consumi-la que se torna realmente difícil enxergar até que ponto o legado do grupo de Liverpool interfere na vida cotidiana de qualquer um que vive do lado ocidental do planeta. Os recentes 20 milhões de cópias vendidas em três meses pela coletânea *1*, que caminha para se tornar o disco mais vendido de todos os tempos, são apenas uma das provas da importância do grupo em nosso tempo.

Foi tudo arquitetado para acontecer assim. Cotado para os anos 80, mas abortado em razão do marketing natural que o assassinato de John Lennon deu à carreira dos Beatles, o projeto *Anthology* foi acionado durante a década de 90 como a cartada definitiva da importância da banda na história da música pop. Devidamente ladeado por um disco duplo de faixas gravadas pela rádio estatal inglesa BBC (*Live At The BBC*, de 1994) e pelos relançamentos dos filmes *Submarino Amarelo* (*Yellow Submarine*, em 1999) e *Os Reis do Iê-Iê-Iê* (*A Hard Day's Night*, em 2001), a ambiciosa historiografia beatle resultou em uma série de TV em cinco capítulos, uma coleção de oito fitas de vídeo, um luxuoso livro de mesa e três discos duplos contendo quase oito horas de registros não-oficiais dos Fab Four em sua fase de ouro.

Nesse meio tempo, Yoko Ono lançou a sua versão para a parte B da história, com a caixa *John Lennon Anthology*, Paul McCartney fez dois discos de reverência ao passado (*Flaming Pie*, de 1998, e *Run Devil Run*, de 1999), George Harrison relançou seu primeiro solo (*All Things Must Pass*, de 1970, reeditado em 2001) com pompa e até Ringo Starr gravou um album legal (*Vertical Man*, de 1999) com a participação de Alanis Morrissette, Steven Tyler e Ozzy Osbourne. Tudo, claro, vendeu muito e garantiu páginas e horas de mídia para o grupo – e a consagração final veio na compilação de capa vermelha, o único formato em que os Beatles não haviam se aventurado oficialmente (a coletânea de hits em um CD simples)

NO CENTRO DA HISTÓRIA

O fato de *Anthology* ter sido lançado nos anos 90 também foi fundamental. Afinal, a década assistiu à maior onda de retornos na história do rock, à medida que este, aos poucos, entrava na casa dos cinquentões. Motivados também pelo espírito revisionista da última década do século, artistas e bandas do passado voltaram exigindo seu lugar na história – e a história se abriu para eles. Em acústicos MTV, no Rock And Roll Hall Of Fame e em caixas e mais caixas de CD, seja em carne e osso ou em mono ou estéreo. Os próprios Beatles, os Sex Pistols, Stones, Bob Marley, James Brown, Velvet Underground, Big Star, Aretha Franklin, Lee Perry, Doors, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Who, Black Sabbath, Ramones, Led Zeppelin, David Bowie, Monkees... Todo o rock foi revisitado na última década e, fora os mortos, quase todos esses grupos retornaram aos palcos para desfilar sua carreira.

Talvez só os Stooges, o Clash e os Mutantes não voltaram – e não foi por falta de negociações –, mas tiveram horas de gravações inéditas empacotadas em edições de luxo (*Fun House Sessions*, *Clash On Broadway* e *Tecnicolor*, respectivamente). Enquanto o rock descortinava seu passado na última década, os Beatles pingavam, no conta-gotas, o bumbo marcante do compasso da história, pontuando sua importância em doses homeopáticas e rígida qualidade. E cada gota trazia um album duplo cheio de músicas inéditas – e boas. A excelência do grupo estava até em ensaios embalados por maconha. A química perfeita mantinha-se intacta 30 anos depois do acontecido.

Mas não é o mercado nem a estratégia de marketing póstuma que faz o grupo ter o nome que tem. Por trás da máquina de direitos autorais e da caixa registradora em forma de banda, os Beatles estão no centro da história do rock. Dá para dizer que são o marco inicial dessa história, se pensarmos que os anos 50 (a época do rock'n'roll) foram tão marcantes para aquela música que começou a crescer demais por volta de 1964 quanto o blues dos anos 20, a canção do rádio dos anos 30 e o country e o rhythm'n'blues dos anos 40.

Até os tempos de Elvis, os artistas eram poderosos, inatingíveis, super-heróis. Com os Beatles, ser artista parecia

divertido, como a maioria das atividades em grupo quando se tem menos de 20 anos. A forma como os quatro se comportavam era simular à de qualquer turma adolescente do planeta. De repente, qualquer um poderia formar uma banda. A história ri, mas o pobre executivo da gravadora Decca que dispensou o grupo tinha razão: bandas com guitarras não estavam na moda. Foram os Beatles que inventaram isso. E mais: foram eles que encorajaram o exercito de bandas de rock que passou a brotar na maioria dos países do planeta.

Não parou por aí. Como irmãos mais velhos de uma geração, os Beatles guiaram todas aquelas bandas para além do que rezava a cartilha inicial do rock'n' roll. Se a onomatopéia pop reúne personagens tão diferentes quanto soul, country, jazz, Burt Bacharach e Carole King, é porque os Beatles quiseram desse jeito – desde o primeiro disco, vá ouvir. Antes deles, era cada um na sua, musica negra em um lado, musica para adultos em outro, música caipira mais para lá, e assim por diante. Os Beatles realizaram o movimento que veio unificar toda a produção feita para o radio e criou, na pratica, o universo que hoje chamamos de música pop.

ALÉM DA MÚSICA

Como se isso não bastasse, o grupo mostrou que o pop não precisava ficar restrito às referências musicais. Agregando influências que iam do satanista Aleister Crowley a Gandhi, passando por Marlon Brando e Karlheinz Stockhausen (todos na capa original de *Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band*), os Beatles convidavam os ouvintes para visitar um País das Maravilhas de culturas estrangeiras, manifestaçoes artisticas diversas, diferentes tipos de drogas, paz e amor. A música pop em um instante podia acondicionar qualquer assunto e transcendia as futilidades de seus temas de poucos anos antes, alem de realizar experimentos com letras e música, com instrumentos exóticos e com o proprio estudio. Foram os Beatles que cavocaram a pequena fresta que derrubou a barragem da criatividade artística e da própria consciência dessa manifestação cultural como arte.

Com isso, a influência do grupo ultrapassava o âmbito do entretenimento e logo os quatro estavam dando entrevistas sobre política, drogas, amor livre, arte de vanguarda, comunicação de massa, maturidade e negócios. Além disso, tiveram suas vidas particulares abertas ao publico, fazendo com que este os acompanhasse e se identificasse com os quatro em um nível muito mais complexo que o musical. Unindo isso a musicas que pareciam se encaixar com perfeição em certos momentos historicos – seja na trajetória da banda ou na do século 20 –, os Beatles criaram um vinculo entre artista e fã inédito na musica pop. E perpetuado desde então.

John, Paul, George e Ringo planejavam sua carreira e tomavam o cuidado para que cada álbum tivesse uma identidade e funcionasse como um capítulo específico na trajetória da banda

O grupo ainda deu à história do disco uma enorme contribuição ao institucionalizar o álbum como unidade básica de industria do disco. Frank Sinatra pode ter iniciado a prática (em *Hello Young Lovers*) e Frank Zappa pode tê-la elevado à noção "conceitual" antes que qualquer outro artista pop (em *Freak Out!*), mas os Beatles é que popularizaram o formato, deixando o compacto como uma outra divisão do mercado, com musicas diferentes das que entraram nos álbuns. Outra gigantesca contribuição do grupo se deu no campo do merchandising artisti co: o quarteto foi o primeiro a ter de lidar com termos como franquia, licenciamento e marca registrada fora do universo estritamente musical e são famosos os milhões de dolares que perderam no auge da Beatlemania, fazendo pequenas fortunas alheias graças ao uso de seu nome. Ademais, alimentavam os fã-clubes com material inédito, criando o seu próprio fã clube oficial. Sem contar o fato de que foram os primeiros artistas a precisarem de palcos maiores que as casas de shows da época, abrindo portas de ginásios e estádios para as guitarras do rock'n'roll.

IMAGEM FORTE

Some tudo isso ao fato de ser um grupo muito preocupado com a reputação, que pensava a propria carreira a partir de um controle de qualidade rigoroso. Foi o que fez a banda lapidar a sua imagem próxima da perfeição, tomando o cuidado para que cada álbum tivesse uma identidade e que cada um deles funcionasse como um capitulo específico em sua trajetória. Assim, toda uma mitologia ajuda a elevar sua carreira ao patamar de lenda: a "morte" de Paul McCartney nas músicas de John e nas capas de disco; as históricas criações coletivas em estúdio, muitas delas baseadas no acaso; toda a pré-história oficial (da igreja em Woolton ao Cavern Club, de Hamburgo à saida de Pete Best); a figura do "quinto beatle", as aventuras como homens de negócios; a separação tensa; "o sonho acabou" e a morte de John Lennon. Aliados ao tema central do grupo – o amor –, a imagem dos Beatles é um dos signos mais fortes da recente história ocidental.

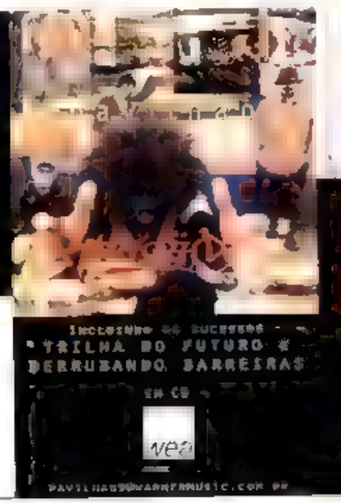
Não é exagero dizer que o grupo é o movimento artistico mais importante do século 20 (uma vez que o modernismo tem raizes no 19). As provas irrefutáveis estão acima e sua larga influência no cotidiano é pouco percebida. Como nomes cruciais cujas argumentações acabaram se diluindo no proprio fluxo historico, tendo seus rostos cristalizados como figuras-chave de certas formas de pensamento (como Einstein, Guevara, Welles, Freud, Picasso, Newton, Van Gogh, Marx ou Chaplin), os Beatles são muito mais do que o conjunto de rock mais importante de todos os tempos. Um caso à parte, uma nota máxima e um ponto de partida, o grupo formado por John, Paul, George e Ringo dá a seus descendentes motivos para continuarem tentando. Era a vontade de se tornarem os melhores que os fazia conseguir ser.

O PAVILHÃO 9

VAI DEIXAR VOCÊ MONTADO NUMA BIKE LOW RIDER!

PARA PARTICIPAR BASTA ESCREVER UMA FRASE, COM NO MÁXIMO 20 PALAVRAS, DIZENDO O QUE SIGNIFICA Heróin PARA VOCÊ.

As duas melhores frases, uma feminina e uma masculina, serão premiadas com uma *bike low rider, importada, "Aztlan Cruiser" aro 20 (modelo básico)*.
Além disso a WEA vai levar os dois vencedores, com todas as despesas pagas (passagens, hospedagens, alimentação e traslado), para o show do PAVILHÃO 9 no Direct Hall TV, dia 02 de junho em São Paulo.
As cartas deverão ser enviadas para a Revista SHOWBIZZ na Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000, ou para o fax (011) 287.4979 colocando por fora do envelope e/ou no cabeçalho do fax: Promoção SHOWBIZZ/PAVILHÃO 9.
Fique ligado no regulamento da promoção e não dê mole!!!! Escreva já!!!!



PARA VER AS FOTOS DAS BIKES QUE VOCÊ PODE GANHAR CLIQUE EM:
WWW.WARNERMUSIC.COM.BR

Regulamento [1] Não será permitido a participação de funcionários ou parentes de funcionários das empresas envolvidas nesta promoção; [2] Só serão validas as cartas recebidas até o dia 09/05/2001. [3] Só serão válidas as cartas que tiverem os nomes e endereços legíveis e corretos dos participantes. [4] Esta promoção é valida em todo o território Nacional ; [5] O resultado desta promoção será divulgado na Revista ShowBizz na edição de junho/2001 ; [6] A seleção das melhores frases será feita por uma comissão formada por jornalistas da Revista ShowBizz, funcionários da WEA e integrantes do Pavilhão 9; [7] Em caso de igualdade de frases valerá aquela que for postada (carta) e/ou enviada (e-mail e fax) primeiro; [8] Esta promoção é de caráter recreativo e cultural, conforme item II do artigo 3, da Lei 5.768, de 20/12/71 e não possui vinculo de compra.

Bizz · 96 Rock Sintonize aqui · 98 FM · MIX 106,3 FM · POP ROCK · JOVEM PAN

Mensagem para você

Direto de Londres, onde o Pato Fu finalizou seu sexto disco, Fernanda Takai manteve José Flávio Júnior informado sobre todas as aventuras dos mineiros na terra da rainha. Tudo por e-mail

Bizz

Título: London, can you wait?
De: José Flávio Júnior
Para: Fernanda Takai
Data: 20/02/2001

Olá
Fizeram boa viagem?
Londres continua lindaa

Bizz

Título: Começou!!,
De: Fernanda Takai
Para: José Flávio Júnior
Data: 21/02/2001

Oi, Zé Flávio!
Nossa viagem começou bem. Mesmo viajando de econômica, tivemos a sorte de encontrar um comissário de vôo que adora Pato Fu. Resultado: ele nos entupiu de comida e de bebida da primeira classe! Visitamos a cabine do piloto e tudo mais, afinal era um boeing 747-400!
Ao chegar ao aeroporto de Gatwick, havia um senhor com a plaquinha Pato Fu, serviço de van providenciado por uma amiga! Ainda bem, pois viajamos pesados, contrariando todas as regras.
Tá frio aqui, mas não choveu ainda. O hotel é beeemmm ruuuuuuim e longe do estúdio. Tanto que estamos trocando hoje
Acabamos de aprovar a primeira mix da música "Dois Malucos". Ontem foi mais um setup day, conhecemos o Clive Goddard (engenheiro) e o Patrick McGovern (assistente). Os dois parecem mais novos do que a gente!
A primeira impressão que eles tiveram dessa música foi algo como Supergrass e Super Furry Animals! Viva. Era isso mesmo!!!
Ontem, o Rubinho Troll esteve com a gente o dia todo, ele está bem feliz por ter mais uma música dele no disco, "Menti Pra Você Mas Foi Sem Querer", e também uma parceria com o John, "Que Fragilidade"
Aqui no Strongroom tem um Ibook ligado direto à internet, mas estamos com nosso computinho a postos também
Já ficamos craques no metrô.
Até a próxima!
Um beijo,
Fernanda

A mala pesada chegou na boa

Bizz

Título: Minas
De: José Flávio Júnior
Para: Fernanda Takai
Data: 21/02/2001

Oi.
Mas tá uma confraria de mineiros aí, hein? (Sei que você nasceu no Amapá)
Alguém levou massa de pão-de-queijo?
Beijo
JF

Bizz

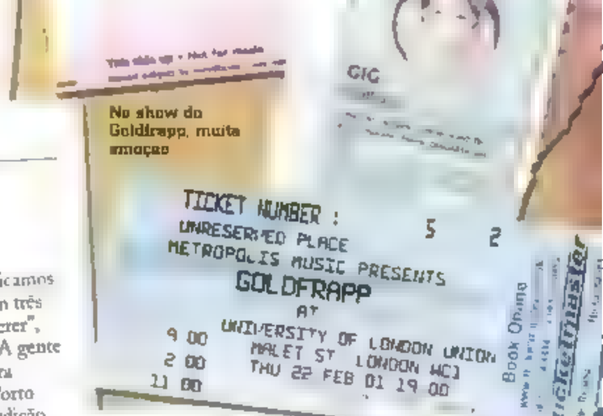
Título: Mudança, Mix, BBC, Goldfrapp, Simon LeBon e Intrigas
De: Fernanda Takai
Para: José Flávio Júnior
Data: 23/02/2001

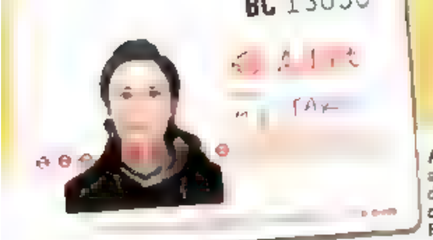
Oi, Zé Flavio.
Ontem foi o dia mais cheio, não tivemos tempo nem para almoçar. Trocamos de hotel ao meio-dia – fomos para perto da Euston Station. Agora estamos bem instalados! Saímos para ouvir a mix de "Menti Pra Você Mas Foi Sem Querer", que ficou muito boa mesmo! Um carro da BBC veio nos buscar no Strongroom para a entrevista com o Thomas Pappon no programa Som de Londres.
Mostramos duas músicas novas já prontas: "Rudo Rosa" (mixada no Brasil pelo Rogério Pereira) e "Dois Malucos" (feita aqui). Também escolhemos alguns artistas que influenciaram a gente no passado e no presente: Elvis Costello, Super Furry Animals (lembra que há quase três anos você me indicou essa banda?), The Clash, The Delgados, Eurythmics, The Cure e Duran Duran (!
Fomos para a ULU (University of London Union) para ver o Goldfrapp.
Compramos bebidas e fomos procurar um lugar para sentar. Dava para ficar bem perto do palco, mas a gente já tá velhinho, sabe como é... O show começou com um instrumental sem a Alison. Som perfeito, iluminação delirante. Ela entra. Há três microfones na frente do palco. Ela aciona algum tipo de efeito na voz com os microfones laterais, um mais medio, o outro mais agudo. Perfeito.
Ouvimos o disco deles. Um garoto de São Paulo nos reconhecem e eu pedi o ingresso dele em troca de uma palheta do Pato Fu. Ele topou e deixou do show da Beth Orton na próxima semana. [illegible]. Lu tinha ouvido alguém dizer você não acredita quem eu vi no bar, o Simon LeBon!" Logo pedi para o John dar uma olhada (autor Duran Duran [illegible] ser questionado, mas não importa, [illegible] e ele não se acha lá [illegible] mesmo. Mas, quando eu estava indo embora, passa o Simon LeBon [illegible]. Eu queria muito falar com ele! Ou seja, não sei se foi boa ou ruim essa história. Aliás, nem sei se é bom ou ruim eu te contar isso, mas.
Hoje estamos aqui no estúdio ouvindo a mix de "Eu" a versão da música da Gal Torrada Xarmonica que será o primeiro single de Rudo Rosa. Acabei de ler um absurdo que me mandaram por e-mail. Parece que saiu num jornal que viemos para Londres para passear apenas. A gente fez a maior economia, montando nosso estúdio, trabalhando no disco ainda durante a turnê de Isopor e escolhendo um ótimo engenheiro de mixagem para viabilizar tudo. E isso sem gastar mais do que no disco anterior! É lógico que, estando em Londres, a gente vai passear também. Ou é proibido?
Um beijo,
Fernanda

Bizz

Título: 3 1/2 Musicas Prontas. DJ Marky
De: Fernanda Takai
Para: José Flávio Júnior
Data: 26/02/2001

Oi, Zé Flavio.
Domingo de muita preguiça por aqui. Nevou no sabado de madrugada e ficamos comendo neve na porta do hotel. Na sexta-feira, concluímos a semana com três mixagens aprovadas ("Dois Malucos", "Menti Pra Você Mas Foi Sem Querer", "Eu") e começamos "Tolices" (vamos aprova-la na segunda ao meio-dia). A gente tem passado cerca de cinco horas por dia no estúdio, ainda não saimos para passeios turisticos obrigatorios. Apenas no sabado estivemos na feira de Porto Bello, lotadissima! Para quem compra coisinhas compulsivamente, é a perdição. Há varios portugueses trabalhando no hotel em que estamos. Eles nos sugeriram um restaurante português que recentemente foi cotado como um dos melhores lugares para se comer frutos do mar em Londres. O DJ Marky foi com a gente. Mais uma vez, ele foi escolhido o melhor DJ de drum'n'bass do mundo. Marky tem se apresentado em várias cidades pela Inglaterra, sempre com ilustres na platéia, como a Beth Gibbons, do Portishead. Todo mundo comeu bacalhau e foi otimo sermos recebidos por gente extremamente simpática! Fomos dar uma olhada nas lojas de discos de Camden Town. Tem muita coisa ao vivo, videos e DVDs de todos os lugares. Voltaremos com mais calma na próxima semana.
Amanhã acordaremos cedo para ir ao estúdio. O Clive tem acertado na mosca quando cita as referências que usa para mixar as musicas. Ele tem apresentado boas idéias também, colocando em planos diferentes algumas coisas que antes eram apenas detalhe. Esse é o tipo de surpresa boa quando se trata de um novo trabalho sobre a nossa musica.
E os GRES ai? Por enquanto, nem sinal de carnaval em nossa rotina aqui... Ufa!
Um beijo,
Fernanda





As fotos para a carteirinha do metrô e o cardápio que Fernanda nao provou

Mrs TAKAI DINNER
Tuesday 27th February 2001

Canapes

■

Honey Spiced Duck with Coriander Raita
or
Fried Langoustins with Lemongrass Flavouring

■

Red Chicken and Thai Basil Curry
served with Lime Risottini
or
Fillete of Plakapong served with a Pesto Risot

■

Thai Ices

■

Coffee

Souvenirs de dois restaurantes aprovados pelos mixadores

Bizz

Titulo: Re
De: José Flávio Júnior
Para: Fernanda Takai
Data: 27/02/2001

Oi;
Estou mandando este e-mail de casa, pois e carnaval. Ja ouvi "G.R.E.S." em desagravo. Vocés fizeram alguma coisa ai para lembrarem dessa data tão alegre e festiva?
Quarta feira estou de volta à Redação.
Não perca a Beth Orton. Acho que voces vão gostar. E nao existe nenhum mal em ser fã de Duran Duran! Você devera ter ido falar com o Simon... Enfim, depois te dou o endereço carioca do Warren Cucurullo.
Beijos e abraços
JF

Bizz

Titulo: Foot (d) and Mouth Disease
De: Fernanda Takai
Para: Jose Flávio Junior
Data: 28/02/2001

Oooi o!
Em ritmo de [illegible] carnaval total, vamos [illegible] as mixagens até sexta feira muito feliz eles com o resultado. Mais tres prontas: "Ninguem", "E O Vento Levou..." e "Tolices". Hoje, Clive começou a trabalhar a musica "Deus". Ela é bem complicada e precisamos de mais um computador para que ele pudesse "visualizar" melhor os canais. São três tipos de bateria diferentes numa mesma musica. Haja canal e ouvido para fazer isso tudo soar bem.
Fizemos nossas carteirinhas de metrô, tiramos fotos naquelas cabines. Jantamos num lugar bem legal chamado Smiths, indicação de uma conhecida que trabalha lá. Tem uma decoração meio rustica/meio moderna, pratos maravilhosos e ótimo serviço. Fomos a casa do Rubinho Troll (longe demais!). A intenção era gravarmos no estudio caseiro dele, mas não rolamos muito tempo. Quando tudo ficou pronto, tivemos de voltar ao Strongroom para fechar a ordem das musicas no disco. Fizemos varias audições do material pronto. É bem dificil escolher. Mas o projeto gráfico do disco depende muito dela. Finalmente chegamos a uma ordem final, mas não vou lhe contar. ;-)
Eu havia reservado uma mesa num restaurante tailandês perto do Paddington Station, um negocio bem chique, mas turamos o horário e foi péssimo. Eles fecham às 23 horas. Aliás, esse foi o restaurante mais bonito e o melhor menu que eu NAO comi. Fica no subsolo do hotel The Hempel, não tem nem placa. Realmente, fiquei bem chateada em não ter conseguido chegar a tempo, mas horas de estudio acabou sendo mais longas do que pensamos e, alem disso, viemos aqui para trabalhar! De qualquer jeito, trouxe comigo o cardapio personalizado que fazem. Chuif. Para compensar, a gente jantou num restaurante grego excelente.
Você vê que falo muito em comida, né? Adoro turismo gastronômico!
A mixagem de "E O Vento Levou..." ficou bem diferente do que haviamos feito nos levantamentos de motivos ou mesmo na demo. Engraçado que o conceito de mixagem dessa musica acabou sendo mais brasileiro do que inglês.
Nesta semana, tudo o que se ouve falar e sobre a malfadada "foot and mouth disease" (febre aftosa) que está assolando o rebanho inglês. Estão sacrificando animais a rodo, os fazendeiros estão em panico e os vegetarianos estão jubilantes, exclamando: "Eu te disse!". De todo modo, parece que a doença nao atinge humanos... Por enquanto. Do jeito que a coisa anda, é bem capaz de obrigarem a gente a ficar de quarentena por aqui.
Um beijo.
Fernanda

Bizz

Titulo: Quessstions
De: José Flávio Júnior
Para: Fernanda Takai
Data: 01/03/2001

Que com lança em Londres, hein? E o tradicional fish & chips, encharcado em vinagre de balsamo, vocés não curtem? Uma das melhores junk food do mundo!
Estou mandando umas perguntas que você pode responder no corpo de sua proxima mensagem.
Beijo

Bizz

Titulo: Questões Respondidas! Mas Nem Tanto Esclarecidas...
De: Fernanda Takai
Para: José Flávio Junior
Data: 04/03/2001

Oi, Ze F!
Deixamos para comer o fish & chips mais tarde porque temos muitas opções a cada esquina. Hoje é o último dia de mixagem no Strongroom. Estamos finalizando essa etapa de trabalho com a musica "Sorria, Voce Está Sendo Filmado", que é cantada pelo John Daqui a pouco, vamos ouvir todas as musicas para ver se tem alguma coisa faltando ou sobrando. Não sei se esse disco novo vai ser um sucesso de vendas ou se alguma música vai tocar muito no radio, mas estamos completamente felizes com ele!
Estivemos na Denmark Street, paraiso dos musicos. Todo mundo comprou uma guitarrinha [illegible] Ingenose, que vem [illegible] desafinada. Dá para fazer muita farra [illegible]gem. O John adquiriu uma Gibson [illegible] Mc[illegible] quer por uma Peaver, cor de madeira, [illegible] som incrivel. Ou em tomos ver o Mars[illegible] oar R mi a. Eu fiz o povo chacoalhar muito! Foi [illegible] do Ricardo: 32 num corpinho de 31. Mandaram champanhe para ele [illegible] Acho que não vamos conseguir ver a Beth Orton, pois estaremos no Strongroom até tarde. Vamos comemorando o fim dos trabalhos no Strongroom Bar. Nossa conta foi meio alta, mas era o último dia!
> Como foi que voces decidiram gravar "Tolices"?
É a minha musica preferida do Ira! A gente tem se encontrado bastante nos [illegible] tempos, em tarnés, programas de TV, estudios. Uma vez, em Salvador, [illegible] nos ver e fizemos "Tolices" num [illegible] em proxima da deles, pois o [illegible] roubou guitarra. Mas, quando [illegible] [illegible] no CD, sentimos em fazer uma versão bem [illegible] original. O Ira! foi ouvir a musica em São Paulo. E [illegible] gostaram muito, ou, pelo menos, pareceram gostar!
> "Eu" mudou muito desde que a [illegible] [illegible] duzida?
É, [illegible] mais pesada ainda. Adicionou [illegible] vocais e a mixagem privilegiou bastante as guitarras.
> Rancho Rosa [illegible] mais usado do que Isopor ou você acha que depois de lançar um disco com musica em japones abrindo e conseguir disco de ouro a palavra "ousadia" se torna algo menor? (Essa ficou dificil...)
Ele será mais difícil para uma aceitação imediata. Não há uma musica como "Depois", por exemplo. Mas o conjunto de canções é mais forte do que no anterior. Para quem já realmente conhece [illegible] Tu.

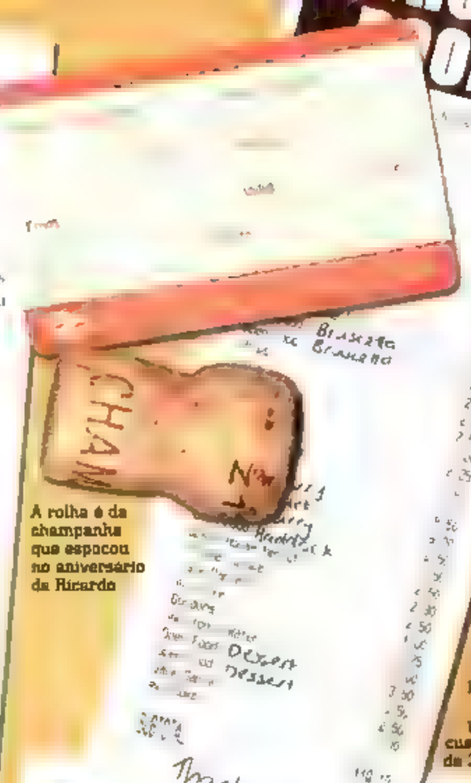
Bizz

vai ser uma boa nova. É dificil saber se vamos ampliar o nosso público. Mas tomara que ele não diminua!
> Já pirataram um pouquinho em megalojas de discos?
Na HMV, sim. Não tem jeito de não gastar dinheiro numa loja assim. Perdição total. Tem de tudo mesmo. Mas ainda vamos garimpar coisinhas na semana que vem. A masterização vai ser na terça-feira.
Bjos mil
Fernanda

Bizz

Titulo: Fechando o boteco
De: José Flávio Júnior
Para: Fernanda Takai
Data: 06/03/2001

[illegible] Fernanda. A aventura está chegando ao fim. Você ainda têm uns [illegible] mas nos precisamos fechar a materia amanhã. Peço que você mande [illegible] mensagem derradeira com a resposta para a pergunta "Valeu?". Capriche na [illegible] redação. Espero que vocés peguem o mesmo comissário fã de Pato Fu e ganhem [illegible] minidrinha de primeira classe no avião. O Brasil não mudou muito durante a [illegible] ausencia da banda. A Imperatriz faturou o carnaval (é sempre a mesma, não é?), Mario Covas morreu e o funk carioca ainda ta durando.
Até breve
Jose Flavio
P.S.: E os discos? O que compraste de bom? Qual e a sensação musical da semana por ai? O que você ouviu no radio e te deixou emocionada? E a ordem das musicas.



A rolha é da champanhe que espocou no aniversário da Ricardo

No ultimo dia, um porre que custou cerca de 300 reais

Bizz

Título: Nem Sei Como Começar ..
De: Fernanda Takai
Para: José Flávio Júnior
Data: 07/03/2001

Oi, Zé Flávio!
Tem tanta coisa para eu te contar que nem sei por onde começo. Vou me conter para manter a ordem psicocronológica de tudo.
Sábado, voltamos à Denmark Street para gravar umas coisas nas lojas de instrumentos, depois fomos comer uma feijoada tipicamente brasileira na Oxford Street. O pessoal foi muito amigável com a gente. Deixamos um CD com eles. Como é um lugar freqüentado por muitos brasileiros, algumas pessoas quiseram tirar fotos com a gente. Brazilian Touch Cafe, bacana!
Fomos ao Hyde Park para umas fotos e congelamos. Outro dia, comentamos sobre a SAD (Season Aquired Defficcency), que é aquela tristeza do frio que faz as pessoas faltarem ao trabalho, ficarem em casa. Ainda não sentimos os sintomas. Está ficando menos frio agora. Tem um pouquinho de sol lateral.
No domingo, saímos para tentar uma visita ao London Eye, aquela roda gigante realmente gigante à beira do rio Tâmisa. Não deu para ir porque tem de comprar antecipado. Compramos ingressos para a segunda-feira, apenas para mim e John, pois o Xande e o Ricardo iam voltar no domingo à noite. Resolvemos rumar para o I-maX, que fica na Waterloo Station também, e conseguimos ingressos para o CyberWorld, compilação de curtas 3D divertidinhos. Mas havia mais criança do que gente! Valeu pela foto com os óculos enormes que fizemos, pena que eles tiveram de ser devolvidos na saída.
Conseguimos disputadíssimas entradas para o Lazy Dog (Ben Watt & Jay Hannan), no domingo mesmo. O Everything But The Girl é uma banda que ouço desde 1985! Foi muito bom falar com o Ben e entregar um disco para ele e para o Jay (extremamente simpático). Para mim, foi tão inesperado falar pessoalmente com ele, pois um dos shows que eu tenho esperado para ver a minha vida toda é o do EBTG. Curioso é que estou acabando de ler o livro que o Ben escreveu depois que saiu de uma doença terrível. Coincidências!
Segunda feira conseguimos ir ao London Eye: linda vista, mas sol, fotos matadoras. Seguimos para o Museu de História Natural (visita obrigatória!) e depois jantamos num restaurante tipicamente indiano (Ravi Shankar), uma das comidas mais inglesas, por mais estranho que isso pareça. Um pouco de história ajuda a entender o porquê. Há vários deles na cidade. Guardei um pedaço do papel higiênico de lá, bem verdinho. Nunca tinha visto desse tipo e ainda combinava exatamente com o azulejo do banheiro!
Agora estamos só eu e John para a masterização, que foi hoje. Fomos ao Metropolis. O lugar é imenso e enquanto tentávamos encontrar nossa sala de masterização, a Fabiana (que está fazendo a cobertura fotográfica da viagem) disse: "Bem que podia ter uma banda bacana aqui hoje." Você sabe que eu penso nisso o tempo todo. Sou fã de muita gente também. Agora, você não vai acreditar: não é que eu estava assinando o livro de entradas no Metropolis e vejo escrito uns rabiscos e ao lado S F A <3. Logo perguntei à moça da portaria.
– O Super Furry Animals está aqui?
– Sim, já vão voltar para o estúdio E
Vivaaaaaaaa!" Pegue, uns CDs do Pato Fu e deixei com um bilhetinho para ser entregue a eles. Tenho três discos deles, mas realmente não sei como são as caras direito, pois nos discos não tem fotos, né? E, no site, só coisas meio obscuras.
Começamos nosso trabalho com o Stuart Hawkes, o engenheiro de masterização, que foi muito receptivo, bem-humorado e atencioso. Saímos do estúdio às 8 da noite, mas muito satisfeitos com o som do disco. Só que, algumas horas antes de irmos embora, um assistente do estúdio E veio chamar a gente, pois os integrantes do S.F.A. queriam agradecer pelos discos e nos conhecer."
Fomos lá, tiramos fotos, trocamos e-mail e histórias e prometemos enviar coisinhas e nosso disco novo para eles. Contei ao Gruff que era difícil comprar camisas deles no Brasil e eu ia procurar aqui em Londres. Mas ele me disse que vai mandar uma para mim, junto com uma canequinha que muda de cor de acordo com a temperatura do líquido. Lovely!
Isto é que é alegria. Trombar com uma das bandas que mais nos influenciou no disco novo (na parte de barulhices). Estou até ouvindo aquela musiquinha d. "perfect day" ao fundo. Masterização linda, banda bacana trabalhando ao lado da gente. Escolhas felizes em Londres.
Um grande beijo,
Fwrnddjan (escrito em pseudogalês) :]

O papel guia das imagens no Strongroom

Zz

Título: Nem sei como terminar
De: José Flávio Júnior
Para Fernanda Takai
Data: 07/03/2001

Olá.
Que sorte encontrar com Super Furry Animals! Considero essa banda uma das 10 mais importantes da atualidade. Eles são criativos demais. Me arrependo de ter dado nota 7 ao Guerrilla, que é um discaço. Só comecei a sacar todas as imagens depois da trigésima audição. E eu me lembro muito bem do que te disse no meu carro enquanto mostrava faixas do Radiator: "Se o Pato Fu nascesse no País de Gales, seria o Super Furry Animals". Era para eu estar aí com vocês.
É isso, Fernanda! Parabéns por todas as conquistas e aventuras londrinas. Traga um belo disco para a gente. Melhor que o Rotomusic (he, he, he. Falou a porção xuta)
Beijo,
José Flávio

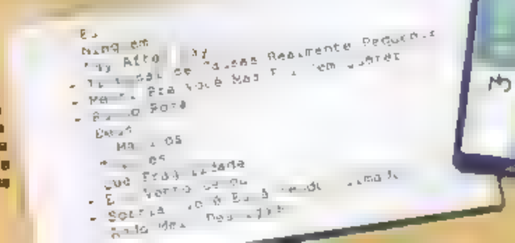
Bizz

Título: Ponto Final?
De: Fernanda Takai
Para: José Flávio Júnior
Data: 10/03/2001

Oi, Zé Flávio!
Este é o último e-mail de nosso diário londrino. Tenho acompanhado pela lista de discussão do Pato Fu a invasão do funk em todos os meios aí no Brasil. No ano passado, peguei no Napster uma "proibidões" e já dava para prever que isso ia invadir tudo mesmo. Esse é o saco dos modismos. De repente, todo mundo gosta da mesma coisa. Quanta riqueza desperdiçada... Cada pérola, né? Aqui na Inglaterra todo mundo só fala no Craig David, um cara novinho, de quem, particularmente, não gostei. É meio hip-hop, funk, pop, mas tudo diluído. Não achei que tem algo novo, mas a produção é boa. Aliás, o Michael Jackson está em Londres esses dias, de pé quebrado, para a delícia dos tablóides, que estampam fotos freak dele nas primeiras páginas!
Mas a banda do momento é mesmo o Coldplay. Até um grupo vocal de freiras num programa da BBC disse gostar deles. O bom é que você entra em qualquer loja, até nas caretonas, e está tocando bem alto lados B de Radiohead, Supergrass, Suede (ah! deixei um CD para ser entregue ao guitarrista deles, que namora uma brasileira). Comprei um pouco de tudo: do single do Mr. Hankey, passando por Go-Go's em CD, Madness, coisas antigas que eu tinha em cassete, a trilha do jogo Myst, uma coletânea de gente fazendo covers do Abba. Acredito que essa tenha sido a melhor viagem que já fizemos como Pato Fu. Tivemos dias de muito trabalho, estivemos juntos quase o tempo todo e a banda continua. Ótimo teste de convivência. Não passeamos muito, mas nem ficamos chateados, pois o objetivo era trabalhar e aprender. Acho que tivemos muita sorte, pois convivemos com pessoas muito simpáticas, além de competentes. Deixamos duas caixas de discos nossos espalhados com várias pessoas em Londres, a maioria ligada à música. Agora estamos voltando para começar o trabalho de montar a turnê. Ensaiar e ensaiar, apesar do pouco tempo que teremos até o lançamento na primeira semana de abril. Quem vai passar alguns dias virado é o John, pois cabe a ele organizar e transpor o disco para o show.
A gente tem mesmo é que aprender a tocar tudo! Mais um punhado de músicas novas e complicadinhas. Vai ser dureza fazer a lista para a próxima turnê...
Espero que você tenha gostado de saber dessa nossa experiência londrina.
Ao ouvir o disco novo você poderá perceber tanto a etapa caseira e pessoal, quanto esse conceito sonoro mais forte que buscamos.
Um grande beijo,
Fernanda
PS. Acho que este disco vai ser melhor do que o Rotomusic.
Tudo bem, empatado!

Mais recordações da viagem. Abaixo, o cartão do restaurante da feijoada bacana

Etiqueta da Gibson londrina que John trouxe de Londres



...chan-nan!"
Na última hora, nossa mãe liberou a ordem das músicas de *Rudo Ross*

O anormal do metal

Phil Anselmo, vocalista do **Pantera**, detona as misturas que as modernas bandas pesadas andam fazendo, confessa que gosta de U2 e revela uma particularidade sua que já chocou até Marilyn Manson

Por Daniel Oliveira De Los Angeles, EUA

O refrão de "We'll Grind That Axe For A Long Time" não poderia ser mais claro e direto: "Todo ano é a mesma coisa/ Todos mudam para ajustarem-se aos tempos/Por orgulho, isolarei meu medo/ Nunca viraremos as costas contra o que somos/Detonaremos esta guitarra por muito tempo". A música, arrada por Phil Anselmo no mais recente disco do Pantera, *Reinventing The Steel* (2000), serve como manifesto do quarteto do Texas contra tendências passageiras e descartáveis. Formado ainda pelo guitarrista Dimebag Darrell, o baixista Rex Brown e o baterista Vinnie Paul, o grupo é hoje o maior representante do verdadeiro metal americano. Enquanto várias bandas pesadas adaptam-se às modas, seja nos penteados, nas roupas ou nas misturas com rap, o Pantera segue na sua: "Nos mantivemos honestos à nossa identidade e aos nossos fãs", diz o vocalista.

Curiosamente, muitos artistas do metal moderno indicam o grupo como influência. Jonathan Davis, do Korn, considera *Vulgar Display Of Power* (1992) um de seus discos favoritos, enquanto Dez Fafara, do Coal Chamber, diz que Anselmo é uma de suas inspirações. Já Wes Borland, guitarrista do Limp Bizkit, garante ter desenvolvido seu estilo ouvindo os riffs de Darrell. "Bandas como o Pantera e o Prong me mostraram o que é música agitada, pesada e ritmada", reflete. Tais elogios, porém, não mudam a opinião do Pantera a respeito desses artistas. "Ouvindo esses grupos que ficam cantando 'Yo motherfucker!', nem dá para saber se os vocalistas são negros ou brancos", sacaneia Darrell.

A dedicação ao metal tem rendido ao Pantera turnês lotadas e milhões de discos vendidos mundo afora. Com o álbum *Far Beyond Driven* (1994), o grupo conquistou um marco inacreditável: despontar no topo da parada da revista *Billboard*, que lista as vendas de discos nos Estados Unidos. Nenhum grupo de vocais berrados, letras explícitas e canções furiosas atingiu o mesmo. "De uma banda de bares, o Pantera tornou-se uma banda de arenas. Eles merecem tudo que conseguiram", atesta o baixista David Ellefson, do Megadeth.

Mesmo assim, alguns jornalistas insistem em rebaixar o Pantera por causa de seu passado. Os quatro primeiros discos do grupo – *Metal Magic* (1983), *Projects In The Jungle* (1984), *I Am The Night* (1985) e *Power Metal* (1988, o primeiro com Anselmo) – trazem um hard rock de baixa qualidade, poluído por um visual de roupas cintilantes e cabelos espetados. Só a partir de *Cowboys From Hell* (1990) o quarteto encontrou sua cara. "Para a época, aqueles primeiros discos não foram ruins", defende-se Brown. "Não tenho vergonha deles. Em qualquer profissão, você precisa desenvolver seu talento. Aqueles discos ajudaram-nos a chegar ao lugar em que estamos."

Como sugere a música "Yesterday Don't Mean Shit", de *Reinventing The Steel*, o Pantera está mais preocupado com o presente. Nesta entrevista, Anselmo fala da relevância do grupo e de seu amor pelo metal. Também lembra do Brasil, revela que é fã dos Smiths e desmente os boatos de que é homossexual.

Você é um cara calmo e reservado. O que o inspira a gravar discos tão pesados e agressivos?
O desejo de passar uma mensagem. Mas, quando faço um disco, sei que milhares de pessoas estarão me ouvindo. É o meu veículo de comunicação com o público. O estilo do Pantera é bem agressivo. Estamos num nível elevado em termos de heavy metal. Queremos transmitir isso na música, e acho que conseguimos. Sou um cara bastante reservado. Quando terminamos um show, prefiro relaxar sozinho a receber tapinhas nas costas. Sou pouco ligado à glória do sucesso. Apenas me divirto cantando.

Pelo título *Reinventing The Steel*, como o Pantera está reinventando o heavy metal?
Quando o disco saiu, várias bandas estavam misturando metal com rap. Para mim, isso arruína o estilo. Queríamos fazer um grande disco, mas com as raízes tradicionais do metal. Daí veio o título *Reinventing The Steel*.

Algumas bandas desse novo metal, como

Atenção II: isso é realmente a perna esquerda de "Phil Maravilha"

> "Se estou trocando de roupa e alguém entra no meu camarim, sempre ouço a mesma coisa: 'Meu Deus! Veja o tamanho do pênis dele!'. Nem sei o que responder. É uma situação embaraçosa"

Korn e Limp Bizkit, apontam o Pantera como influência. O que você acha disso?
Não ouço muito essas bandas. A influência hip-hop me tira o tesão. Entendo por que mencionam o Pantera como influência, mas esse gênero é bastante modista. Prefiro o metal verdadeiro. Se você descer na escada das modas musicais, há 10 anos Seattle era o centro dos grupos famosos, como Pearl Jam, Soundgarden e Alice In Chains. Hoje não ouvimos mais falar dessa cena. É assim que vejo essas bandas novas. Para superar o teste do tempo, elas precisam lançar vários discos e excursionar por quase 12 anos, como fizemos. Aí, sim, veremos aonde chegarão.

O que você critica em "We'll Grind That Axe For A Long Time"?
Falo de modas num contexto geral. As pessoas rotulam certas bandas de originais e fantásticas, mas estou dizendo ao público que essas bandas não fazem nada diferente. Também não fazemos nada diferente, porém nos mantivemos honestos a nossa identidade e aos nossos fãs. Esse é o significado

O que o inspirou a cantar heavy metal?
É difícil dizer. Nunca curti música comercial de rádio. Algumas bandas pop são boas, mas as velhas bandas de metal, como Venom, Celtic Frost, Judas Priest e Iron Maiden, despertaram o meu interesse. Posso cantar vários estilos musicais, mas prefiro o heavy metal por causa da energia e excitação.

Quais bandas pop você curte?
Curto as bandas mais aventureiras, como os Smiths, o velho U2 e o Echo And The Bunnymen. Billy Idol também tinha músicas boas, como "White Wedding". Eu a considero uma canção pop. Curto também coisas de ambient music.

O que você faz para não perder a voz, mesmo berrando todas as noites?
Desenvolvi o meu gogó. Se você começa a trabalhar como marceneiro, suas mãos doerão nos primeiros dias. Porém, à medida que continuar a cortar madeira, suas mãos ficarão fortes e não doerão tanto. É o que acontece comigo. Minha voz acostumou-se ao que faço

O Pantera defende a maconha e o álcool. Como vocês fazem shows tão energéticos consumindo essas coisas?
É como a situação de minha voz. Com o passar dos anos, meu corpo desenvolveu uma tolerância. Quando subimos ao palco, não podemos rebaixar as pessoas. Elas pagaram para nos ver e esperam o melhor da gente. Tentamos fazer desesperadamente o melhor show possível.

Em uma entrevista, Marilyn Manson disse algo curioso a seu respeito: "Phil Anselmo tem o maior pênis do mundo. Tenho vergonha de saber disso, mas ele me mostrou e foi assustador" Isso quer dizer que você é bi ou homossexual?
(Enfático) Absolutamente não! Deixa eu explicar o que houve. O camarim dele estava ao lado do meu *(no festival Ozzfest, nos Estados Unidos)*. Eu estava trocando de roupa. De repente, ele entrou no meu camarim e disse: "Jesus Cristo! Veja o pênis desse cara!". Fiquei sem reação. Virei as costas e terminei de me trocar. Isso foi o que aconteceu.

Mas, pelo que ele falou, parece que você quis mostrar.
Não! Eu não mostraria meu pênis para nenhum homem. Essa situação já ocorreu com várias bandas que excursionaram conosco. Se estou trocando de roupa e alguém entra no meu camarim, sempre ouço a mesma coisa. "Meu Deus! Veja o tamanho do pênis dele!". Nem sei o que responder. É uma situação embaraçosa.

Você tem namorada agora?
Sim.

Como diversas garotas o idolatram, é difícil manter-se fiel à sua namorada?
Sim. Isso varia de pessoa para pessoa, mas lhe direi uma coisa: o Brasil tem algumas das mulheres mais lindas que já vi! Como homem, logicamente, me sinto tentado, mas faço de tudo para evitar.

Muitas bandas sofrem com mudanças de formação. Como você as aconselha a ficarem unidas, já que o Pantera tem a mesma formação há muitos anos?
Depende completamente delas. O problema é que as pessoas mudam de estilo, visual e gosto musical. Por exemplo, um de meus projetos paralelos é o Necrophagia. O ex-guitarrista do grupo tinha um estilo musical bastante mórbido e assustador. Quando o reencontrei, ele me disse que passou a curtir o estilo do Pantera e do Alice In Chains. Eu lhe perguntei: "Mas por quê!?". Ele tinha seu próprio estilo, e não conseguiu mantê-lo. O fato de o Pantera estar unido há tanto tempo é fora do comum. Somos sortudos. Também achamos que, se alguém sair, o Pantera não será mais igual.

Anos atrás, você raramente dava entrevistas. Por que voltou a falar com a imprensa?
A imprensa nos ajudou a crescer, mas, quando pintou algo errado, foi a primeira a nos destruir. Escreveram um monte de injustiças e babaquices sobre nós. Então eu disse: "Querem saber de uma coisa? Entrevistem outra pessoa". Agora eu acho que, em vez de as revistas inventarem o que eu penso, é melhor falarem diretamente comigo.

Qual foi a maior mentira já escrita a seu respeito?
Que sou racista. Isso é uma merda total! Para provar o que digo, tenho diversos amigos negros. Além disso, sou dos Estados Unidos, que é um país de várias raízes. Sou parte italiano, parte francês e parte escandinavo. Não sou um ariano de cabelos louros e olhos azuis.

SEMPRE FELINOS

O inglês foi para o espaço

Descoberto um novo corpo no céu do pop nacional: o Astromato, cujas melodias já estão fazendo os cosmonautas mais espertos iniciarem contato

Por Pedro Sá · Ilustração Félix Reiners

Eles fazem rock no Brasil, mas não posam de malvadões, não se propõem a encarnar a malandragem das perifas, não discursam sobre a violência do país. Nutrem o estranho hábito de falar sobre [illegible] dar entrevista, mencionando uma seqüência "lai-lá-rá" aqui, harmonias vocais acolá... São jovens de classe média, criados na civilizada Campinas (SP), bem-educados e articulados, com inquietações pós-adolescentes (estão na faixa dos 25 anos) normais. Definições profissionais, dúvidas sobre o futuro do relacionamento, romantismo falsamente ingênuo em linguagem simples e cotidiana... Tudo isso aparece nas canções do Astromato, grupo que eles formaram em 1998, a partir das cinzas de outra banda que haviam fundado quatro anos antes. Essa finada formação chamava-se Weed e se encaixava no fenômeno musical-antropológico conhecido no Brasil como "indie" ou "guitar" (pronunciando erradamente a sílaba tônica no "gui"). Uma molecada entre 16 e 24 anos que venera certa vertente melancólica e ultramelódica do pop-rock do Reino Unido e que semanalmente lota bibocas underground em cidades como São Paulo, Londrina, Brasília, Jaboticabal ou Campinas. Uma turma em que quase todos têm banda com nomes e letras em inglês, quase todos fazem ou lêem fanzines. Gente que fala puxando os erres, gasta tintura vermelha no cabelo, lê o semanário londrino *New Musical Express* e conhece tintim por tintim grupos que nunca tiveram disco lançado no Brasil, como o *My Bloody Valentine*. [illegible] vativos. Para usar uma expressão conhecida dos veteranos da tribo (foi popularizada no começo dos anos 90, no finado tablóide *Melody Maker*), é uma "cena que celebra a si mesma". O drama: por mais organizados e talentosos que sejam, os indies brasileiros não conseguem sair de um gueto que, cá no Terceiro Mundo, não rende o suficiente para pagar o aluguel.

Colocar *Melodias De Uma Estrela Falsa*, CD de estréia do quarteto, para um "leigo" (qualquer pessoa normal que não distinga o Jesus & Mary Chain do Ride, para ficar em dois nomes queridinhos) escutar é extrair reações entusiasmadas. "É super Beatles!", "Oasis em português", [illegible] são exclamações recorrentes. Pois bem: existem várias bandas nacionais fazendo boa música com potencial para [illegible], mas, por causa do danado [illegible] de Shakespeare [illegible] vocalista Pedro, em 1998, quando foi morar em Milão, acompanhando a namorada italiana. "Vi um monte de bandas boas lá, nesse mesmo estilo, cantando em inglês. E percebi que, em português, seria muito mais fácil estabelecer uma comunicação com o público", lembra ele, que inicia uma tese de mestrado em Sociologia que pretende [illegible] xamanismo e música eletrônica. [illegible] Armando, guitarrista e vocalista, e Fabrício Frebs, baixista e vocalista (os três se alternam nos vocais principais, a exemplo do que acontece em um grupo escocês que os influenciou pra cacete, o Teenage Fanclub), gostaram da brincadeira e o Weed virou Astromato. "Achamos também que as letras sairiam melhor no nosso idioma", acrescenta Fabrício, publicitário desempregado. Armando, formado em Economia e dono de um estúdio, aproveitou e foi para as cabeças: fez duas músicas baseadas em poemas do português Fernando Pessoa.

Rapidamente, o elo entre banda e público se tornou mais forte. Claro, o elitismo do clubinho rendeu comentários negativos. Rafael Martins, baterista (que entrou no grupo depois da gravação do CD), recorda que ouviu frases do tipo "o som tá legal, mas... putz, eles estão cantando em português agora!". Traidores do pacto pelo anonimato, os astromatenses vêm conseguindo atrair cada vez mais a atenção "fora do [illegible] projeção do grupo: suas performances ao vivo são assumidamente sonolentas e tímidas. "Até canto de olhos fechados", confessa Pedro. Estamos falando de uma banda que entende – e acha graça – quando a gente pergunta se eles são *shoegazers**...

★★★★
Astromato
Melodias De Uma Estrela Falsa
midsummer madness

Uma estréia auspiciosa, de encher os ouvidos pela qualidade melódica e pelo cuidado com as harmonias vocais, sim. Mas, acima de tudo, pela qualidade intrínseca das canções. Os rapazes de Campinas são sensíveis, só que ninguém vai fazer gracinha com isso. Como costumava dizer o grande Tim Maia, eles "fazem sexo também" – dá para deduzir, a partir de algumas letras –, e apresentam boas sacadas, com destaque para a reprodução de adoráveis "conversinhas de namorados". Se você conhece Teenage Fanclub, Jesus & Mary Chain e Ride, já ouviu isso antes. O Astromato ainda está muito na cola de suas bandas inspiradoras, mas, enfim, sob a falácia do "novo" é que se vendem as maiores empulhações hoje em dia... E os historiadores do século 21 enxergam a rebeldia como um valor superestimado. Até no rock! Experimente ouvir um disco dos Beatles e, em seguida, botar Frank Zappa para você entender. **PS**

Armando, Fabrício, Rafael e Pedro: [illegible] pelo português

* traduzindo do *indiês*: bandas inglesas da década passada que ganharam este apelido (de *gaze* - olhar fixamente - e *shoes* - sapatos) graças à sua postura no palco

Flashes da banda durante sua estada na cidade: a energia que não deu para gastar no skate foi queimada com louvor no show

Na lama em Curitiba

Em nenhuma cidade brasileira o **Mudhoney** sentiu-se tão em casa quanto na capital paranaense, onde a falta do que fazer e o clima estão mais para Seattle do que para país tropical

Por Abonico R Smith Fotos Iaskara Souza

Não há muito o que fazer. Pancadas de chuva acabam se revezando com um sol que insiste em sair, nem que seja somente por alguns minutos. Opção de diversão legal é quase zero, com exceção de alguns pubs que acreditam nas bandas locais. Estas, por sinal, proliferam-se a cada dia, com muitos meninos e meninas acreditando que um instrumento musical é o melhor meio de expressão. Se você está pensando em Seattle, saiba que há muito em comum, sobretudo quanto ao protagonista desta reportagem. Mas estamos falando de outro lugar – e no Brasil. Curitiba é assim. Fantástica para quem quer evitar os engarrafamentos e problemas de supermetrópoles, porém um saco nos quesitos cultura e diversão. Sofre se o tempo inteiro com o clima – tanto a chuva como o frio e até mesmo o calor são exagerados. A impressão é que, não fosse a internet, as pessoas se sentiriam muito mais isoladas do resto do mundo, tal qual Seattle na década de 80.

A cidade paranaense é a segunda parada da primeira turnê do Mudhoney. Na noite anterior, o grupo tocara pela primeira vez no Brasil, em Porto Alegre. Eles ainda passariam depois por Belo Horizonte, Goiânia, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Mas Mark Arm (guitarra e vocal), Steve Turner (guitarra), Dan Peters (bateria) e Steve Dukich (ex-roadie e baixista agregado três semanas antes, em substituição temporária a Matt Lukin) estão na capital nacional do mau tempo e do tédio. Pela falta de opções, na última década Curitiba se desenvolveu em culturas alternativas nos territórios da música e dos esportes, chegando a contar com quase 500 pequenas bandas em atividade e a fabricar vários campeões e ídolos nacionais na prancha sobre rodinhas.

Se aqui skate é palavra mágica, ela também agrada a alguns dos integrantes do Mudhoney. Steve Turner, que ao lado de Mark veio do Green River (grupo protogrunge, formado também por futuros integrantes do Pearl Jam), vive para o esporte. Jornalista, ele faz artigos para uma revista do gênero. "Escrevo sobre skate, música, comida... e produtos orgânicos. Eu não sou skater punk. Sou hippie *(risos)*", confessa. O outro Steve, nerd de carteirinha nos gostos e no visual, também é adepto. E ambos não pensaram duas vezes antes de incluir o próprio equipamento na bagagem para o Brasil.

Depois da chegada com atraso (o aeroporto estava fechado.. Por causa do mau tempo), Arm e Turner vão a uma rádio local para dez minutinhos de entrevista. Com eles, uma equipe de TV, que prepara um documentário sobre a passagem da banda por algumas capitais. Ao sair da emissora, Mark se desculpa e explica por que não irá junto. É compreensível. São alguns dias segurados intercalando shows e viagens e o guitarrista, além de precisar descansar um pouco, não quer submeter a voz aos efeitos trazidos pelo clima. "Também nunca fui muito bom de skate. Meus esportes preferidos são esqui e mergulho", complementa. O papo sobre música pop, uma de suas especialidades, fica para a passagem de som.

CUIDADO CACHORRADA BRABA

Já com os dois Steves de skate na mão, surge o primeiro problema. A pista que havia sido contactada previamente pelo repórter não oferece o estilo exigido pelos músicos. "Eles só querem andar em piscina", comenta o jornalista e radialista André Barcinski, a cabeça à frente do documentário. Não há piscinas cobertas na cidade, mas a solução parece estar a caminho. Ao lado do Moinho São Roque, casa onde tocariam mais tarde, há um terreno com um enorme half pipe, também coberto. Chegando ao local, outra adversidade. As portas estão trancadas com cadeado e não há ninguém para atender. De um local estratégico, dá para observar o que existe lá dentro. Os músicos insistem em entrar e sugerem pular a cerca, mas logo desistem ao avistar dois cachorrões com cara de poucos amigos.

O que fazer com dois mudhoneys perdidos em Curitiba, com skate debaixo do braço, sem pista coberta e querendo aproveitar o intervalo entre uma e outra pancada de chuva? Levá-los para a praça em frente à Arena da Baixada, estádio do Atlético Paranaense, onde há pelo menos uma pista tímida. No local, porém, um terceiro contratempo: poças que não permitem qualquer manobra. Desiludidos, os Steves sentam no skate e começam a conversar com BIZZ, com Barcinski – que aproveita para gravar alguns takes – e três fãs.

"Era garoto na década de 70 e comecei a andar de skate", conta Turner. "Então, foi um pulo para passar a colecionar revistas especializadas e ouvir muito punk. Black Flag e TSOL eram alguns dos meus preferidos." Perguntado sobre

a relação entre skate e rock, o guitarrista é taxativo. "Esta mais no modo como você encara as duas coisas, na atitude 'fuck you'. Tanto que as bandas mais idolatradas são agressivas e têm posturas anti-sociais. Conheci Mark por causa desses grupos da região noroeste americana." Para Dukich, há algo mais em comum, a diversidade de estilos. "Você pode andar ouvindo de tudo, de Iron Maiden a Lynyrd Skynyrd e Johnny Cash!"

PAIXÃO RUBRO-NEGRA

Maravilhados com o estúdio à frente, considerado por muitos o mais moderno do país, os dois se interessam em visitá-lo. Sorte de todos. Afinal, a arquibancada da Arena é quase toda coberta e um novo temporal volta a encharcar as ruas. Ao avistar o gramado, Dukich enlouquece. Começa a tirar muitas fotos e a fazer pose de jogador. E conta histórias. "Mark *(Lukin)* é completamente louco por futebol. Volta e meia o vejo com uma camisa de seu time, o Flamengo." Ao saber que as cores do Atlético também são vermelho e preto, o baixista se identifica mais com o clube.

Nos corredores, Dukich revela que, apesar de tudo, não conhece muito do nosso esporte número 1 e que sua preferência é pelos *demolition cars*, uma daquelas competições tipicamente americanas, na qual ganha o piloto que fizer seu carro sobreviver ao impacto dos concorrentes. Na saída, BIZZ ainda descola duas camisas rubro-negras de presente, mas que acabam não sendo vestidas no show por causa da grande rivalidade entre as torcidas locais (há poucos dias, as organizadas do Atlético e do Coritiba promoveram muitas brigas e quebra-quebra antes, durante e depois do clássico curitibano).

Do estádio para a passagem de som. Arm e Turner comentam o que acharam da Seattle brasileira. "Realmente é bem parecida com a nossa cidade. Antes de chegarmos, já havíamos falado das semelhanças. Aqui chove bastante e faz frio. Vocês, como nós, estão encurralados. Não se tem muito o que fazer. O melhor mesmo é ficar tocando em casa. Mas o verão de Curitiba é mais quente. Em Seattle só chove e neva", atesta o guitarrista. Como com o Mudhoney não há mesmo espaço para mau humor e tempo ruim, Mark tem de soltar uma de suas famosas tiradas: "É verdade que dá muito viado em Curitiba? É que andei nas redondezas do hotel e vi uma fila deles..." ☺

MARK ARM: "O ROCK FOI EMBORA"

Os poucos shows fazem vocês terem outro trabalho?
Sim. Eu empacoto revistas em quadrinhos. Mark não está conhecido por "que faz novels de cozinha". Steve escreve sobre skate.

Uma banda como o Mudhoney não consegue sustentar seus integrantes?
Nesse ponto da nossa carreira, não estamos preocupados em ganhar dinheiro. Se estivéssemos fazendo isso, não estaríamos tocando música *(risos)*. Teria sido faculdade de Administração de Empresas, mas isso não é do meu feitio. Gosto de música. É estranho que por volta de 1991 nos encaixamos nisso que chamam de grunge, e isso se tornou grande. Não era a nossa intenção.

Mas vocês não lançaram quatro discos por uma grande gravadora? O Mudhoney sempre foi tão celebrado quanto Nirvana, Pearl Jam e Soundgarden...
Ter estado em uma *major* não significa necessariamente ter estourado. Nós, por exemplo, nunca estivemos no Top 40 americano. Nunca fomos de fato uma banda grande como essas outras.

Historicamente as melhores bandas sempre tiveram dificuldades...
Conhecemos a história do rock'n'roll. A maioria das bandas de que gostamos nunca tiveram a resposta de público que mereciam. Acho que apenas cinco ou seis artistas que eu gosto atingiram o Top 40 Rolling Stones, Creedence Clearwater Revival, Alice Cooper, Black Sabbath e Neil Young... Bandas como 13th Floor Elevators, Stooges e MC 5 nunca chegaram a lugar nenhum.

Você sabe explicar os motivos que levaram bandas alternativas a explodir no fim dos anos 80?
Tenho palpites. Hoje o punk rock está na estrada há muito tempo. Ele já é até mesmo contemplado seguro. Em 1977 o pessoal nos Estados Unidos estava assombrado com grupos como os Sex Pistols, uma coisa nova, agressiva e rude. Muita gente falou para mim que achava Sid Vicious assustador. Já no fim dos anos 80 o panorama era diferente. Os garotos estavam comprando álbuns ouvindo Sex Pistols.

As pessoas se sentiram amendrontadas por grupos como Mudhoney e Nirvana?
Não. Elas se identificavam!

Nem as gravadoras tiveram medo?
Talvez durante um ano ou dois, tempo que levaram para assimilar o movimento. Agora as *majors* continuam criando um monte de lixo. Lançam coisas que parecem alternativas, mas que na verdade não são alternativas a nada. Acho que quando os álbuns do Mudhoney foram lançados, os garotos endossaram porque eram trabalhos realizados por pessoas como eles. Éramos opostos a nomes como Motley Crue, MC Hammer, Vanilla Ice e Michael Jacks, os artistas ricos e estranhos que não agem como seres normais. A garotada queria coisas novas, não os popstars da época. Hoje Marilyn Manson é grande. Limp Bizkit e Marilyn Manson são grandes porcarias.

A quantas anda o Monkeywrench, seu projeto paralelo com Steve Turner?
Lançamos um disco em 1992 e outro no ano passado. Em outubro vamos lançar o terceiro. Pretendemos fazer uma turnê, mas não sei quando. É difícil falar. Alguns integrantes estão tendo crianças, o que nos obriga a parar de ver em quando. O rock foi embora, risos.

O Mudhoney pretende fazer mais álbuns?
Pensamos nisso. Mas antes precisamos escrever as canções. Temos duas novas e tocamos no Brasil uma delas, "Inside Job" *(um poderoso rockabilly de refrão grudento, que tem tudo para repetir o caminho de hits cult como "Suck You Dry" e "Touch Me I'm Sick")*. Acabamos de gravá-la com Wayne Kramer *(ex-integrante do MC 5)* no baixo. Foi maravilhoso estar ao lado de um de nossos heróis.

Sem gravadora é tudo mais difícil...
A Sub Pop lançou nosso último álbum, o CD duplo *March To Fuzz*, com hits, lados B e covers. Acho que ela se interessaria por um novo lançamento do Mudhoney. Com certeza não voltaria a uma *major*. Isso não aconteceria de novo, mesmo se quisséssemos. Afinal, em 1992 todo o mercado estava procurando novos Nirvanas. Hoje não existe mais interesse em bandas independentes.

A obra mais bonita de João

Sem fazer alarde e tentando evitar o rótulo associado a seu pai, Bebel Gilberto tornou-se a artista brasileira que mais vende discos no exterior nos últimos tempos, encantando os gringos com sua "música mexente"

Por Emerson Gasperin

Como Bebel Gilberto, só o Sepultura. Tanto a cantora como a banda fazem sucesso real em terras estrangeiras, tocando para as plateias nativas, e não para conterrâneos acometidos pelo brasilemissimo banzo. A diferença, além da óbvia, é que, ao contrário do quarteto, que escolheu um tipo de musica (metal) comum a todos os países, ela seduz os gringos com um som associado até a medula com o Brasil. Bossa nova, bossa tecnova, new bossa, charme do que quiser. "Não sou nada disso, só bebo dessa fonte. Inventei que faço 'musica mexente' justamente para fugir de rotulos", diz Bebel, por telefone, de sua casa em Nova York.

O fato é que, com a tal "musica mexente", ela conseguiu a proeza de transformar sua "estréia" (as aspas serão explicadas adiante), *Tanto Tempo*, no disco de artista nacional mais bem-sucedido no exterior nos ultimos tempos. Lançado lá fora em junho do ano passado, o álbum já convenceu 350 compradores nos Estados Unidos, Europa e Japão com sua MPB moderna (no bom sentido), cheia de estilo, revigorada pelo uso sensato de artimanhas eletronicas, mas sem perder aquele ar que deixa evidente sua origem.

No disco, Bebel promove o encontro de artistas da velha, da nova e da novissima-guarda. Há participações do bossa novista João Donato (outro que é mais saudado no estrangeiro do que aqui), do percussionista João Parahyba (ex-Trio Mocotó), do baixista Dé (ex-Barão Vermelho), da vocalista brasileira Nina Miranda (do grupo inglês Smoke City) e da dupla Thievery Corporation. Pilotando a produção, encontram-se Mario Caldato Jr. (conhecido pelos trabalhos com os Beastie Boys), Suba (iuguslavo radicado em São Paulo, falecido em 1999) e outro brasileiro expatriado, Amon Tobin. E, no repertorio, sons de Marcos Valle ("So Nice"), Chico Buarque ("Samba E Amor"),

Foto: Divulgação

Cantora não tem pressa de conquistar o Brasil. "Daqui a pouco, minhas canções ficam mais conhecidas aí", diz

VOCÊ JÁ OUVIU ISSO ANTES

Bebel Gilberto tem o talento de cantar em variados idiomas. Com segurança, aponta sua participação na faixa "A Mais Bonita", no auto-intitulado disco de Chico Buarque, em 1980. Sem a mesma empolgação, conta que aparece também em *Classics In The Key Of G* (1999), do inenarrável Kenny G. A artista pode ser encontrada ainda na trilha sonora do filme *Próxima Parada: Wonderland*, recheada de delícias da bossa nova. A seguir, outros álbuns nos quais Bebel contribuiu a voz dela nos créditos.

Future Listening!, Towa Tei (1995)
Na estréia-solo do japa que era do Deee Lite, Bebel canta nas músicas "Technova (Lá Em Copacabana)", "Batucada" e "Obrigado" – todas em uma linha parecida com a que escolheu para a sua carreira.

Samba Pra Burro, Otis (1998)
A contribuição de Bebel em "Bob", arrastando o refrão normalmente de ruidado e velocíssimo dos versos, confere à música uma leveza que cai como uma luva na bossa tecnova. É de abertura da estréia do pernambucano.

Red Hot + Ria, Various (1996)
Em benefício da luta contra a Aids, a série *Red Hot* dedicou um volume inteiro à música brasileira. Entre duetos malucos (George Michael e Astrud Gilberto; David Byrne e Marisa Monte), Bebel surge com Cazuza, em "Preciso Dizer Que Te Amo", do primeiro disco dela.

Mirror, Thievery Corporation (2000)
Este era barbada: além de Rob Garza e Eric Hilton terem dado uma mãozinha em *Tanto Tempo*, são apaixonados pelo Brasil e amigos de Bebel. Ela retribuiu a canja de dupla cantando "So Com Você", que teve a honra de figurar em seu álbum de estréia sem problema algum.

Depois de cantar em vários discos, ela conseguiu reunir um time de feras para o seu

Gilberto Gil e João Donato ("Bananeira") e Vinicius de Moraes e Baden Powell ("Samba Da Benção"). Sem esquecer, claro, das canções da própria cantora.

É fácil entender como ela agregou tantos artistas de bagagens diferentes. Juntar elementos díspares faz parte de sua história. Cantou em discos de Caetano Veloso a David Byrne, de Kenny G a Chico Buarque. Quando ainda era a "filha do João" integrava a turma de Cazuza, mesmo sendo de outra praia. "Fui criada ouvindo meu pai", conta. "Sempre tive muita personalidade: ia ver o Barão Vermelho e me ligava nas letras. Visitava Cazuza e ficávamos ouvindo Billie Holiday", diz.

Desse período, fica a lembrança da fundação do Circo Voador, em fevereiro de 1982. Para torná-lo realidade, procuraram Zoé Chagas Freitas, então primeira-dama do Rio. Ela gostou da idéia e marcou um encontro com o prefeito da cidade, Júlio Coutinho. Como ele corria todos os dias na Urca, lá foi a trupe – Bebel, Cazuza, Perfeito Fortuna – bem cedinho praticar jogging com o político. Terminado o cooper, acabaram ganhando a autorização de armar o projeto na praia do Arpoador (dois meses depois, a lona foi transferida para a Lapa).

Na época, Bebel não sabia o que ia ser só que seria algo ligado à arte. "Era entrosada, gostava de atuar, de dançar, de desenhar. Fui buscando em que lugar me encaixava. A música demorou para tomar conta de mim", lembra. Mais ou menos. Em 1974, com 8 anos, ela estreou em um compacto da mãe, Miucha. No ano seguinte, cantou com a mãe e Stan Getz no Newport Jazz Festival, em Nova York. Soltou a voz também nos projetos *Os Saltimbancos* (1977) e *Pirlimpimpim* (1982). Em 1983, dividiu um disco com Pedrinho Rodrigues em homenagem ao compositor Geraldo Pereira.

SEM PRESSA

Profissionalmente, esse papo de ser cantora só surgiu em 1986, em um disco que levou seu nome. Eram somente cinco músicas, produzidas por Chico Neves, todas parcerias com Cazuza, Frejat ou Dé (uma delas, "Mais Feliz", foi regravada em *Tanto Tempo*). "Não aconteceu nada. Virou meio cult", recorda. Cinco anos mais tarde, a saída era o aeroporto. Bebel passou por Londres, Paris e Nova York, onde acabou se estabelecendo.

Corte para 1998, o ano em que a cantora conheceu Suba, por causa do interesse dele em João Gilberto. Com a identificação mútua, começaram a trabalhar na pré-produção de *Tanto Tempo*, em 1999, sem nenhuma previsão de chegar às lojas brasileiras. O disco foi gravado pelo selo Zinguboom, ligado à gravadora belga Crammed, que já havia lançado o álbum do iugoslavo, *São Paulo Confessions*.

Em outubro de 2000, o CD ganhou edição nacional, pela Universal – e "So Nice" entrou na trilha da novela *Laços De Família*. Para Bebel, tudo dentro dos conformes. "Moro aqui há 10 anos. E também estou plantando muito mais no exterior do que no Brasil. Quem sabe, daqui a pouco minhas músicas fiquem mais conhecidas aí. Tudo tem seu tempo", diz.

Enquanto isso, segue assombrando os estrangeiros com sua bossa nova – ops, "música mexente", que atualiza e dá novos ares a receita "banquinho e violão". Nos últimos meses, excursionou por Portugal, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça, França, Eslováquia, Áustria, Holanda, República Tcheca, Polônia e Japão. Nas turnês, ela é acompanhada por um percussionista, um saxofonista, um tecladista e um guitarrista. Respectivamente, dois brasileiros, um argentino e um japonês. World music é isso aí.

A nação de Derrick, Igor, Paulo e Andreas está de pé

★★★★☆

Max de que **mesmo?**

Sepultura
Nation
Sum

Aconteceu o inevitável: o Sepultura se libertou de vez da sombra de Max Cavalera. O crescimento técnico dos músicos (normal em se tratando de Igor, surpreendente no caso de Paulo) e o brutal ganho de confiança do cantor Derrick Green somados a uma produção esperta e a alguns convidados do barulho, para enfeitar, marcam uma nova fase da banda neste milênio que nos ruge às portas. Calma, pessoal *from hell*: a banda não farofou, não comercializou seu som em busca de espaço no rádio. Nada disso. Continua sendo o Sepultura que todos aprendemos a conhecer e amar, apenas com mais competência e muito, muito mais criatividade.

Além da guitarra dissonante, da bateria virtuosa e da voz agressiva de canções como "Sepulnation" – que já tinha sido adiantada no Rock In Rio –, o Sepultura não se esquiva das novidades: há trechos em que Derrick canta com a voz limpa, no tom, como um vocalista normal, enquanto a banda pega pesado no instrumental. Sai um pouco da agressividade, entra a criatividade. Troca justa, na qual quem ganha é a banda (que não pode fazer músicas iguais do começo ao fim do disco) e o ouvinte que tenha um mínimo de cabeça aberta. Sim, em alguns momentos, como "Who Must Die?", o grupo dá uma flertada com as síncopes do novo metal, mas este seria um caminho natural para seu som. Além disso, os elementos são usados com mais inteligência e, o que é mais importante, parcimônia do que nos Papa Roaches e Deftones da vida.

"The Ways Of Faith" é mais uma música que foge ao padrão mais conhecido do Sepultura: uma batida lenta, vocais monocórdicos, uma bela guitarra de tempero levemente oriental de Andreas, antes de cair no habitual riff de meia dúzia de notas e na berraria. Não que isso importe muito, mas o disco é conceitual, cria um país, e as canções falam do povo ("Voz Populi"), de violência ("Who Must Die?"), de guerra ("One Man Army", "Border Wars"), enfim, de tudo o que se imagina que seriam assuntos na Sepulnation. Há participações de gente como Marinho, do Pavilhão 9, dos músicos da banda Inferno (que gravou uma trilha sonora com Andreas) e da lenda viva Jello Biafra, que manda bem em "Politricks" – logo ele, que sabe tudo dos caminhos tortuosos da política. Ainda tem o hino do país, tocado pelos violoncelos do Apocalyptica e, na versão nacional do disco, bônus como a versão de "Bela Lugosi Is Dead", do Bauhaus, e "Roots Bloody Roots" ao vivo. Festa completa.

Bernardo Araujo

★★★★☆

Daft Punk
Discovery
Virgin

Single baba não reflete o balanço das outras faixas

Os últimos cinco anos passaram voando. Guy Manuel de Homem-Christo e Thomas Bangalter atiraram-se em atividades paralelas, remixes e na boa vida desde *Homework* (1996), mas o hiato não diminuiu a influência da parceria. Até Madonna tentou soar um pouco como Daft Punk em seu último álbum. Não esquecendo que, sem o empurrão da dupla, a cena eletrônica francesa não teria experimentado uma explosão comercial. Por isso, o segundo CD é aguardado com expectativa digna de "o primeiro grande lançamento do século 21". A música de trabalho, "One More Time", já está tocando bem nas rádios – e deixando muita gente decepcionada. A boa notícia é que Daft Punk não virou um grupo de dance baba. As demais faixas têm guitarras funkeadas e batidas de break-house, bem ao estilo de "Da Funk", o hit que tirou a banda de Paris. Continuam presentes as influências da dance retrô – eletro, acid house, eurodisco –, acrescidas de arranjos que remetem ao R&B primordial das discotecas – o som *très chic* da Filadélfia dos anos 70 – e ao funk pancadão de George Clinton e filiados. Longe de ser uma revolução, o disco abusa do direito de soar antiquado e, aos poucos, vira uma festa funk com direito a scratches de hip-hop e teclados fora de linha.

Marcel Plasse

★★★½☆

Jeff Beck
You Had It Coming
Epic/Sony

Herói banca o moderno e ataca de drum'n'bass

O cara já havia ratificado sua preferência pelos delírios instrumentais ao lançar o clássico *Blow By Blow* há mais de 25 anos, praticamente renegando todo o seu passado de rockstar para mergulhar de cabeça no jazz fusion. E agora tem a mania de fazer a mesma coisa utilizando como base a música eletrônica atual, em especial a vertente drum'n'bass. Isso é o que dá a tônica deste *You Had It Coming*. Talvez o som não seja grande novidade (ou decepção) para quem assistiu à performance que Beck fez por aqui no Free Jazz Festival de 1998, ou ouviu o álbum *Who Else!* (1999), no qual ele era escudado, basicamente, pela mesma banda que o acompanha agora (a segunda guitarrista Jennifer Batten, o baixista Randy Hope-Taylor e o baterista Steve Alexander). Mas, aqui, a preferência pelo drum'n'bass fica mais latente. Que o digam músicas como "Earthquake" (escrita por Jennifer), "Rosebud", "Left Hook" e "Nadia" (composta por Nitin Sawhney, uma espécie de "Stevie Wonder asiático", segundo Beck), todas combinando os solos psicóticos do guitarrista com poderosas bases rítmicas, quase dançantes. De quebra, a cantora Imogen Heap murmura na canção "Dirty Mind" e solta a voz na versão renovada de "Rollin And Tumblin", do lendário Muddy Waters.

Celso Pucci

★★★☆☆

Dido
No Angel
Arista/BMG

Gosto de trilha de novela desperdiça belo potencial

O disco de estreia da inglesa Dido é o que se pode esperar de uma garota de 26 anos que estuda música desde criança, toca piano e violino, tem formação erudita e um irmão moderninho. O álbum, de 1999, ficou esquecido até Eminem usar um sample de uma música dela ("Thank You") no hit "Stan", em *Marshall Mathers LP*. Foi o que bastou para ela aparecer e não sumir mais. *No Angel*, produzido pelo tecnonerd Youth ao lado de Dido e de seu irmão Rollo (do Faithless, multiplatinada banda de dance na qual ela fez algumas participações), é baseado em música eletrônica recheada com percussão e belos arranjos de cordas ultra-elaborados pela menina prodígio. As letras tratam do coração da moça, desde as mais piegas ("All You Want" e "My Lover's Gone") até as mais agressivas, como "Don't Think Of Me" – praticamente uma "You Oughta Know", da gasguita Alanis Morrissete, em outras palavras. [illegible] tanto o trabalho de outras garotas, especialmente a canadense Sarah McLachlan, que chega a ser tedioso em alguns momentos. Por que alguém com um belo potencial faz algo tão inofensivo e com gosto de trilha de novela? Uma pena.

Clarah Averbuck

Para quem gosta de
[illegible]

Marcha dos **indignados**

★★★★☆

Manic Street Preachers
Know Your Enemy
Sony

À base de baladas grandiloquentes, hard rocks a um passo da farofa, slogans inconformistas e uma história triste (o guitarrista e letrista Richey James desapareceu em 1995), esse trio galês se tornou instituição na Grã-Bretanha. Mas, como demonstra o sexto álbum, detesta esse papel. Reage contra o vazio que cantou outrora e que recheia as emoções da concorrência (as canções do Oasis versam sobre o quê?). Bandeira vermelha em punho, os Manics pigarreiam fundo na consciência culpada de filhos da "terceira via" e escarram esquerdismo em rocks e baladas tensas. Gritam que "o capitalismo exige brutalidade", chamam os Estados Unidos de "playground do diabo" numa música dedicada ao garoto cubano Elián, perguntam (homenageando o cantor lírico Paul Robeson, que ousou ser negro e comunista no tempo do macarthismo): "Alguém ainda consegue fazer a diferença? Alguém ainda consegue escrever uma canção de protesto?"

Sabe quando você sai do cinema depois de ver *O Tigre E O Dragão* e, horrorizado com o lixo *made in Taiwan* vendido como obra-prima, tem a sensação de que o mundo todo idiotizou de vez? Sabe aquela indignação que explode feito uma pústula sob o cinismo nosso de cada dia? Está tudo aqui, descrito a partir da primeira faixa, "Found That Soul". Aaaah, então eles encontraram "aquela alma" perdida...

Levando a sério ou não, é impossível não aplaudir "Miss Europa Disco Dancer", que sacaneia os *boys & girls* cantados pelo Blur, eurobabacas hedonistas que parasitam o Terceiro Mundo. O fecho de ouro é um pau no dalai-lama e nos Beastie Boys intitulado "Liberdade De Expressão Não Vai Alimentar Meus Filhos". Como bem sabemos cá embaixo, está tudo dominado. E este é o "no future" de 2001.

Pedro Só

Sean Moore, James Dean Bradfield e Nicky Wire: o MSP grita contra o vazio

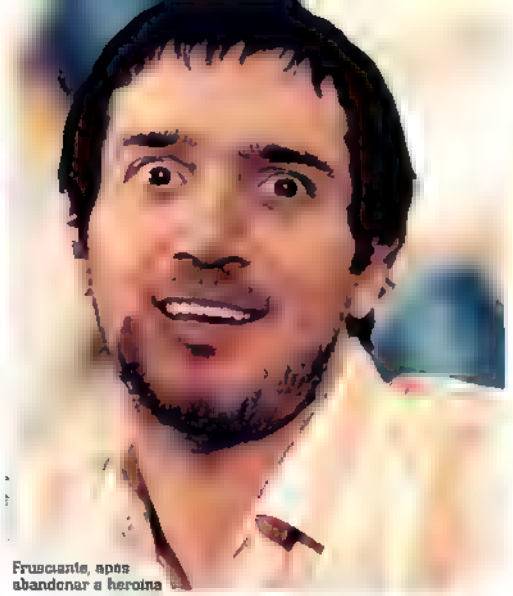
★★★★★

The Fall
The Unutterable
Eagle/Sum

Ironia do velho Mark E. Smith segue intacta

Quando foi a última vez que você escutou um disco que te pegou de surpresa e te deu vontade de sair pulando ensandecidamente, com o som no último volume e se tremendo para os vizinhos? Se já faz algum tempo, a receita para deixar o seu sindico de cabelos em pé e você de alma lavada é uma boa dose de *The Unutterable*, o disco novo do Fall. Com 25 anos de estrada e na sua "enesima" formação, a banda de Mark E. Smith acertou na mosca em um album que, mesmo remetendo as melhores fases desse grupo de Manchester – que já produziu o que de melhor o punk tem para oferecer –, não ostenta nada de saudosista. O segredo para isso talvez seja o Fall nunca ter chegado a fazer sucesso suficiente para tocar em um estadio, e o espírito destrutivo, experimental e grotesco de Smith conseguir atravessar mais de duas décadas sem alterações. *The Unutterable* traz 15 musicas irrepreensiveis, a começar pelas viscerais "Cyber Insect" e "Two Librans", passando pelas punks "Sons Of Temperance" e "Serum", pelas experimentais "Octo Realm/Ketamine Sun" e "Das Katerer" e chegando no muzak genial de "Pumpking Soup + Mashed Potatoes", uma ode ao prato preferido do lider do grupo, sopa de abóbora e purê. Dá até vontade de comer.

Valeria Rossi



Frusciante, após abandonar a heroína

Limpinho e tosco

★★★☆☆

John Frusciante
To Record Only Water For Ten Days
Warner

Em seu terceiro disco, o guitarrista do Red Hot Chili Peppers começa a fazer sentido. Dá para entender o que ele faz e as musicas são lineares. Nada demais, não fosse pela sua conturbada obra anterior. Em 1994, dois anos após abandonar a banda no meio de uma turnê mundial o guitarrista deu uma de Syd Barrett e lançou o alucinado (no sentido literal) *Niandra Ladies And Usually Just A T-Shirt*. Não era apenas o título que soava enigmático, mas toda a concepção musical. Gravado sob o efeito de heroína, *Niandra*... tornou-se um exemplo clássico de que as drogas realmente não funcionam, além de ter tornado publico o vicio do musico. Em 1997, fez *Smiles From The Streets You Hold* apenas para bancar suas drogas. Agora, sóbrio e de volta aos Chili Peppers, ele canta "você não joga sua vida fora" na faixa de abertura. Ponto para a loga, que, com a água, mantém Frusciante focado para compor faixas cativantes sem, porém, abandonar o experimentalismo de seus discos chapados. Tocando todos os instrumentos, ele acaba comendo baleia eletrônica elementar em diversas faixas, o que deixa o album com jeitão de fita demo. A voz ainda não é a de um cantor, mas os bons riffs de guitarra salvam as aparências, sugerindo um estilo lo-fi de banda indie americana. Noves fora, a balada folk "Going Inside", à Neil Young, cabena na atual fase dos Chili Peppers.

Marcel Plasse

★★☆☆☆

Shaggy
Hot Shot
Universal

Desta vez, o jamaicano nao veio "bombástico"

Hot Shot, quarto disco do jamaicano Shaggy, está fazendo tanto barulho que desbancou a coletanea *1* dos Beatles do topo da lista de discos mais vendidos nos Estados Unidos. Mas, ao contrario do que pode parecer, o ex-fuzileiro naval não conseguiu repetir a mesma formula de seus dois primeiros trabalhos, que misturavam batidas eletrônicas, vocais invocados e letras pegajosas, e que se transformaram em hits nas radios de todo o planeta. Cada vez mais influenciado pelo rap, o musico parece não saber mais como produzir sucessos iguais a "In The Summertime", "Boombastic" e "Oh Carolina", que ainda hoje estremecem as pistas de dança. Nada salva o disco do marasmo. Shaggy tentou até pegar carona na onda latina que assola a terra de Tio Sam e aproveitar o sucesso de artistas como Ricky Martin e Jennifer Lopez com o mambo-salsa-rumba de "Chica Bonita", mas o resultado é, no mínimo, risível. Apesar de tudo isso, o disco está vendendo como água, talvez impulsionado pelas parcerias com artistas de renome do R&B americano, como T Lo e Rayvon (quem?). Definitivamente, o ragga não é mais o mesmo.

Flavio Simonetti

Para quem gosta de:
Maxi Priest, Apache Indian, Snow ("Informer", lembra?)

★★★★½

Vários
Dracula 2000
Columbia/Sony

Trilha atesta que metal só vive graças aos velhinhos

Esta claro que as trilhas sonoras são importantes na divulgação de um filme. Em *Dracula 2000* (novo longa do diretor de *Panico*, Wes Craven), a reunião de bandas soturnas e pesadas – que, como no filme, tem na molecada "revoltadinha" seu grande publico – mostra se uma mordida certeira. Com uma penca de sons inéditos e dando uma vasculhada no new metal (prestes a sumir do mapa), o CD faz uma especie de bé-á-bá da cena. Os patronos do Slayer num pertardo, como de costume, ("Bloodline"), o Pantera ("Avoid The Light", que traz um solo de Dimebag Darrel como há muito não se ouvia) e a chapação do Monster Magnet provam que os "velhinhos" ainda tem muito sangue para dar. Os mais-mais da nova geração respondem pelo nome de System Of A Down ("Metro") e sua mistura de metal, gotico e industrial, a nova aposta de Marilyn Mason, o Godhead, e a surpresa Disturbed, desferindo uma bordoada de primeira. No mais, canções anemicas como a do irritantezinho xerox de Rob Zombie e seu Powerman 5000 e a boa fusão de ska, metal e eletro do (Hed) pe. Bandinhas como Saliva (isso é nome?), Endo e Flybanger são só dignas de pena de tão ruins. Com tanta falta de originalidade, a cena parece estar à beira do caixão. Mas, como nos filmes, se morrer mesmo é so esperar pela segunda parte.

Marco Bezzi

★★☆☆☆

Llama Farmers
El Toppo
Beggars Banquet/Sum

Gurizada britânica em ressaca pós-Oasis/Blur

Ah, esses adolescentes ingleses que não tiram o *Nevermind* do aparelho de som... Oriundos da classe média, pedem guitarras como presente de aniversário e montam uma banda com o primeiro amigo que aparece pela frente. Fazem suas musicas. Algumas calmarinhas, outras rapidas. A maioria, com um começo suave, recheada de momentos rapidinhos. No fim da decada de 90, centenas de grupos surgiram dessa maneira. Garotos que, ao mesmo tempo que empunhavam suas guitarras, se viram com as provas de algebra. Não demorou muito e um movimento estava criado: britpop (não, você não leu errado. "Brit" é moleque em ingles). Varias bandas fizeram seus compactos, algumas assinaram com grandes gravadoras, poucas lançaram o primeiro album. Por isso, é espantoso que o Llama Farmers tenha chegado ao segundo trabalho. E, mais assustador ainda, que o CD seja lançado no Brasil. *El Toppo* traz a formula certinha do movimento: guitarras pesadas e pop, letras ingênuas e baladas insipidas. "Snow White", "Note On The Door" e "Doggy Fudge" e o que pouco se destaca no meio de tamanha falta de criatividade. Nao chega a empolgar em nenhum momento, mas pelo menos serve para resumir o que a garotada da vez britanica anda fazendo após o enterro do britpop. Nada de interessante.

Juliano Zappia

Virtuose domado

★★★☆☆

Dave Matthews Band
Everyday
BMG

É bem provavel que os únicos a se interessarem pelo novo disco da Dave Matthews Band sejam as pessoas que já acompanham e admiram o trabalho do quinteto – mesmo com a capa trazendo o adesivo imaginario "para conquistar novos fãs". No Brasil, onde o grupo nunca foi visto com bons olhos, não deve colar. Já nos Estados Unidos... Lá, a coisa é mega mesmo. *Everyday* marca o flerte do sul-africano Dave Matthews com a guitarra. Isso é amiscado, pois sua base de fãs se agigantou graças ao violão virtuose de Dave, que com as habilidades musicais dos outros integrantes originavam imensas jams acústicas. Dessa vez, as faixas são enxutas e elétricas. Mais pop, pode-se dizer – e o produtor Glen Ballard (aquele da Alanis) tem culpa nisso. O único solo mais estendido acontece só na décima-primeira faixa e não é de autoria de nenhum membro da banda. Mas a categoria de Santana em "Mother Father" não é um dos pontos altos do disco. "The Space Between", sim, faz um bom momento. Balada pesada, com um dedilhado lindo de guitarra (é sério, tem guitarra em todas as faixas!) no refrão. No quesito "faz lembrar", não dá para esquecer de dizer que a voz do agora gordinho Dave, quando não lembra a de Eddie Vedder, fica igual à de Chris Martin (o garoto do Coldplay). O clímax de verdade acontece na segunda parte do disco (o "lado B" é melhor que o "lado A"), quando entra a primorosa "Angel", com seus versos apaixonados. O vocalista continua escrevendo letras tocantes – as últimas agruras de sua vida contribuiram muito. Um bom disco, resumindo. Mas, se não for a sua praia, nem ouse tentar.

José Flavio Junior

Dave Matthews durante o Rock In Rio

★★★★☆

Brassy
Got It Made
Sum
Muffin Spencer combina todos os sons e faz a festa
Diversão. É o que foi buscar uma americana quando, em 1986, partiu para Manchester na "cool" Inglaterra. A procura, somada a um contrato com uma minúscula gravadora – depois de penar por anos num pub – resultou na estreia do quarteto globalizado Brassy. De cara, *Got It Made* pode parecer mais um daqueles CDs eclipsados pelo mal-entendido rótulo "moderno": uns samples aqui, scratches acolá, plins-plons e efeitos a serviço da desbocada voz de Muffin Spencer. Mas, espere aí, não é sempre que o uso desses brinquedinhos vem ligado ao subtítulo "oportunista". Quando o alvo passa longe da pretensão, o cruzamento resulta em pura festa. Se o Luscious Jackson já abusava dessa tecnologia no início dos anos 90, quase uma década adiante, o Brassy mistura a isso boas doses de hip-hop, vocais nervosinhos (com um quê de "riot grrrl") e guitarras entre o punk e a new wave. Músicas curtas, pulsantes, presenças de grooves certeiros como em "That's The Way" e pequenas vinhetas entre uma canção e outra que poderiam ter saído de uma nova fornada das quendinhas do Elastica. E sem essa de levar o rock sempre a sério. Ah! Faltou dizer que Muffin Spencer tem parentesco nobre na corte do rock'n'roll. Alguém aí falou mim tal de Jon? Bingo!
Marco Bezzi

George vomu bonito sem John e Paul

Além do **arco-íris**

★★★★★

George Harrison
All Things Must Pass
Parlophone/EMI
O que seria dos Beatles se a Providência Divina não os tivesse separado em 1970? Seguiriam surpreendendo o mundo disco a disco ou chafurdariam na auto-indulgência, na autoparódia? Além da especulação, o fato é que a carreira-solo foi um desafio criativo e tanto nas poderosas mentes de George Harrison, John Lennon e Paul McCartney. Tentar provar-se auto-suficiente sem a marca Beatles por trás, sem os velhos colegas do lado, devena ser um treco realmente estimulante. O caso mais dramático era o de Harrison: desde 1968, o guitarrista vinha acumulando novas e melhores composições, ganhando confiança e sucessos dentro dos Beatles ("Taxman", "While My Guitar Gently Weeps", "Something", "Here Comes The Sun"...). No entanto, o afundamento promovido pela dupla Lennon & McCartney a cada dia o frustrava mais e mais. Em novembro de 1970, cinco meses após o anúncio do fim da banda, George saiu do estúdio com um disco triplo (!), produzido por Phil Spector e embalado em uma capa luxuosa, que estreou direto no primeiro posto das paradas americana e inglesa. A nova edição do álbum (a segunda em CD) ressurge com capa nova, colorida, faixas-bônus inéditas e texto do próprio Harrison. Funciona como um bom relançamento deverá funcionar, sempre: obrigatório tanto para os beatlemaníacos das antigas quanto para os novos fãs do Oasis. *All Things Must Pass* é uma maravilha, cheio de baladas espirituais como a faixa-título, "Let Me In" e "Beware Of Darkness" e rockões descontrolados com aquela produção segura-que-o-mundo-está-desabando típica de Spector. E há "My Sweet Lord", quase um retrato daquele período pós-sonho hippie. Uma aula e uma delícia.
Ricardo Alexandre

★★★☆☆

Eric Clapton
Reptile
Warner
O Deus da guitarra volta para o Velho Testamento
Acredite se quiser, mas o novo álbum de Mr. Clapton começa com uma bossa nova instrumental! Isso mesmo: apesar de inusitada, a faixa-título que abre o disco não se refere a um répti qualquer, no sentido pejorativo, mas ao tio Adrian, uma das maiores influências da juventude do guitarrista, que morreu no ano passado. Segundo Eric, "reptile", na sua cidadezinha natal de Ripley, significava ser "um dos nossos", um verdadeiro chapa. Talvez cansado de colecionar Grammys (todos os discos que Clapton lançou nos anos 90 foram agraciados), ele redirecionou a nova empreitada no sentido de busca das raízes. O resultado é animador e bloqueia aquela impressão de que Clapton se transformou no "Phil Collins da guitarra", renegando o passado na busca oportunista da próxima onda pop. Os melhores achados estão em covers como "Travelin' Man" (de J.J. Cale, de quem Clapton já havia celebrizado "After Midnight" e "Cocaine"), "Come Back Baby" (blues chorado de Ray Charles) e "I Ain't Gonna Stand For It" (de Stevie Wonder, safra anos 80). Mas, além das boas participações vocais dos atuais The Impressions, destacam-se canções do guitarrista, como o número instrumental "Son & Sylvia", de levada acústica e com direito à gaita de Billy Preston.
Celso Pucci

★★½☆☆

Feeder
Polythene
Echo/Sum
Mais uma banda na cola de Pumpkins e Weezer
O vídeo não matou apenas as estrelas do rádio. Matou também a sinceridade e a espontaneidade. E o que isso tem a ver com o Feeder, trio nipo-galês radicado em Londres que tem seu primeiro álbum lançado no Brasil com quatro anos de atraso? E que depois de tanta enxurrada pós-alternativa, fazer cara de mau, tocar guitarras distorcidas, ter som pesado e mostrar veia punk dificilmente ultrapassam os limites ora do clichê, ora da paciência. Por mais que o Feeder tente provar o contrário, vai ficar marcado por ir na cola de muitos ícones americanos recentes. Ouvem-se ecos de Smashing Pumpkins (o ataque conjunto de bateria e riffs de guitarra da trinca "Tangerine", "Forgive" e "Waterfall". Goo Goo Dolls (a voz rouca do guitarrista Grant Nicholas em "Cement" e nas baladas "High" e "Crash") e Weezer (as melodias chicletudas de "Polythene Girl" e "My Perfect Day"). A sonoridade decalcada de três assíduos frequentadores da MTV nos anos 90 coloca o Feeder na categoria das bandas que não comprometem, mas também pouco trazem de interessante.
Abonico R. Smith

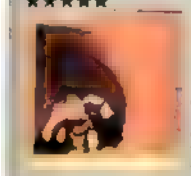
★★★☆☆

Him
Razorblade Romance
BMG
O metal romântico que vem do frio escandinavo
Mas esses europeus não tomam jeito mesmo. Será que eles não sabem que o tempo do hard rock já acabou há cerca de dez anos? Valo, o fantasmagórico cantor sensual-tatuado-andrógino-cabeça-Jim Morrison-cover do quinteto finlandês Him, não está nem aí para isso. Ele solta a voz torturada à frente de uma densa parede de guitarras, em canções que misturam amor e morte, como "Bury Me Deep Inside Your Heart" e "I Love You (Prelude To Tragedy)". Com todas as cordas, as melodias são o forte das canções do Him, que lembra irremediavelmente o Cult em muitos momentos. Além da distorção, violões, teclados e outros sons são bem utilizados, principalmente nos bons refrãos. Uma fórmula semelhante à que consagrou Bon Jovis e Warrants da vida, mas com temática própria de quem nasceu na terra de Burzum. A curiosidade é a versão hard farofa de "Wicked Game", baladona do Chris Isaak, que ficou bem esquisita...
Bernardo Araujo

Para quem gosta de
The Cult, Faster Pussycat, The Mission

Doçura à **prova** de **malas**

★★★★★



Belle & Sebastian
Lazy Line Painter Jane Box Set
(com os EPs 3... 6... 9 Seconds Of Light, Dog On Wheels e Lazy Line Painter Jane)
Jeepster/Matador/Trama

★★★½☆
This Is Just A Modern Rock Song

★★★★½
Legal Man

Em 1997, era muito bacana gostar de Belle & Sebastian, principalmente no Brasil, onde se levava um certo tempo para conseguir uma cópia de *If You're Feeling Sinister*, segundo disco dos escoceses. A estréia, *Tigermilk* (de longe a melhor coisa que a banda já fez), era uma raridade de vinil. Todo mundo que ouvia o pop rock semi-acústico e perfeito de Stuart Murdoch se manifestava de forma encomiástica. A imprensa antenada servia de farol: enxergava beleza em todas as notas, incrementando o culto. Mas o tempo passou e uma gravadora nacional disponibilizou toda a obra do grupo para a massa. Primeiro, os quatro álbuns; agora, os quatro EPs (discos de menor duração que um LP) e o single (ou compacto), que representam tudo o que eles produziram em seis anos de carreira – ainda ativa. O que isso significa? Que não é mais legal gostar de Belle & Sebastian. De repente, os mesmos antenados que dançavam (e ainda querem dançar) sallitantes a doce "The Boy With The Arab Strap", com direito a olhinhos fechados e punhos para o alto, passaram a menosprezar o conjunto da Escócia. Está na moda falar mal deles. Melhor endeusar a turma do pós-rock monocórdico (alguém disse Mogwai?), os novos adolescentes revoltados da América ou alguma modernice que mescle hip-hop, house e música cubana. O fã de Belle & Sebastian virou piada: é sensível, não gosta de sol e vive para seus gatos. Tss, tss... Melhor relevar e se esbaldar com o conteúdo da caixinha *Lazy Line Painter Jane*, que traz os três primeiros EPs, emocionantes em todas as faixas. Não perca a poesia de "A Century Of Fakers" nem o conto gay "The State I Am In", muito menos a agridoce "Lazy Line Painter Jane". O EP *This Is Just A...* é ululante demais. Melhor ficar com o alegre single *Legal Man* e seus "lados B". Conclusão: dando ouvido aos malas você só tem a perder.
José Flávio Júnior

O pessoal do Belle & Sebastian tem tudo lançado no Brasil!

O melhor de mês passado

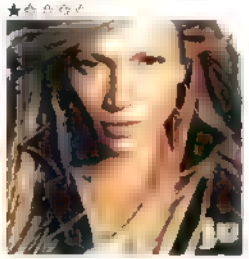
IDÉIA

***Decade*, Neil Young** Coletânea de dois CDs que pega desde as primeiras gravações do canadense até o material do seu auge criativo, em meados dos 70. Em edição nacional, pode crer.

***Stankonia*, Outkast** A dupla maluca de Atlanta conseguiu levar o hip-hop um pouco adiante em seu novo disco. Um primor de piração.

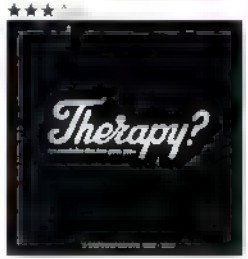
***Registro Sonoro Oficial*, Video Hits** Não se deixe levar pela música de trabalho e compre a estréia dos gaúchos. Como era o slogan daquele site mesmo? Psicodelia, diversão e sacanagem.

★☆☆☆☆



Jennifer Lopez
J. Lo
Columbia/Sony
Cantora e atriz representa mal a comunidade latina
Ela é uma das maiores representantes da "latinidad" que toma conta dos Estados Unidos e, por mércia, do mundo todo. Jennifer Lopez é a atriz latina mais bem paga da história do cinema americano. Seu primeiro disco, *On The 6*, vendeu 8 milhões de cópias. No segundo, Jennifer aposta na fórmula: ritmos latinos + batidas tecno + R&B + pasteurização = $$$. Até Puff Daddy trou o dedo do gatilho e o pôs na mesa de som em quatro faixas do disco da namorada. Há ainda versões em espanhol de três músicas – o hit antecapitalista "Love Don't Cost A Thing" virou "Amor Se Paga Con Amor". É bom ir se acostumando, porque essa filha de porto-riquenhos nascida no Bronx está apenas começando a invadir rádios, cinemas, televisão... Chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar seu valor. Por enquanto, estão devendo.
Guilherme A. Hungria

★★★☆☆



Therapy?
So Much For A Ten Year Plan
Universal
Reunião de sucessos não faz justiça aos irlandeses
Coletâneas deveriam ser um apanhado do melhor da carreira do artista, correto? Beep! Errado. Pelo menos no caso de *So Much For A Ten Year Plan*, que reúne as músicas mais famosas dos irlandeses do Therapy?, o que não quer dizer que sejam as melhores. Como toda a compilação de banda viva, traz material inédito: "Fat Camp" e "Bad Karma Follows You Around", que poderiam ser substituídas por algum lado B ou faixa ao vivo. A derradeira prova da infelicidade da seleção é "Diane", do Husker Du. Linda música, mas é cover, sendo que tantas outras faixas merecedoras de audição como "Misery" e "Me Vs You" ficaram de fora. Este disco inteiro não faz sentido. A salvação ficou com as necessárias "Screamager", "Die Laughing" e "Nowhere", de *Troublegum*, o melhor trabalho da banda.
Clarah Averbuck

★★★★☆

Jess Klein
Draw Them Near
Hyko/Trama
Estreia surpreendente ao lado de boas companhias
O que esperar de uma cantora e violonista americana apaixonada por country, soul e folk, que grava seu disco com o baterista do Wilco (Ken Coomer), o guitarrista que acompanha Josh Rouse (Will Kimbrough) e um baixista que já tocou com Matthew Sweet e Ron Sexsmith (Brad Jones)? Só poderia dar em coisa boa. Jess Klein explora um repertório próprio que, se parte do rock, não tem medo de chegar a outras paradas. Na delicosa guitarra capura de "Little White Dove" e no clima esparso da balada "Cloud Song" resi dem indícios de que *Drawn Them Near* possui um brilho digno de grande reconhecimento. No entanto, o álbum de Jess está passando batido. Pegue sua fome por música de qualidade e vá fazer justiça, rapaz!
José Flávio Junior

★★★★☆

Mocean Worker
Aural & Hearty
Palm Trama
Grooves variados para embalar qualquer festa
Adam Dorn possui ótimo currículo. Conceituado produtor e músico de estúdio, já trabalhou com nomes cult como Laurie Anderson, John Cale e Brian Eno. Quando assume o alter ego de Mocean Worker, porém, despe-se de toda a erudição (e pretensão) e transforma-se em DJ mais preocupado em embalar as pistas do que traçar novas texturas eletrônicas. Os quadris são bombardeados por muito funk ("Hey Baby"), house ("Air Suspension", com participação de Bono Vox), trance ("Cha Cha Cha") e esquisitices ("Tres Tres Chic" tem levada caribenha, versos em francês e vocais *kraftwerkianos*). Seu terceiro álbum pode ser um grande balaio, mas vem cheio de hits certeiros e grooves irresistíveis para uma noite de muita diversão.
Abonico R. Smith

É hits: **Paulo Miklos** revela a trilha que embala seus fins de semana

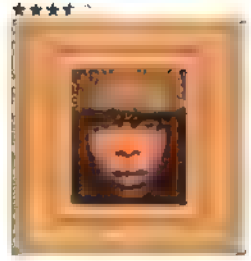
O QUE ANDA OUVINDO

***Kid A*, Radiohead** "Gostei pra caramba, me surpreendeu. Acho que eles estão no limite da linguagem, uma coisa bem legal que as bandas inglesas vêm fazendo desde New Order. Mistura a eletrônica, a coisa de pista, com a guitarra. A música é mais fluida, não tem parte A, parte B, faz uma virada..."

***Mixed Live*, Carl Cox** "Esse DJ é bem bacana, um puta fera. Mas eu só descobri recentemente. Puxei na internet, porque sou um chupador de sangue alheio. Chupam o meu, então eu também chupo o dos outros. Mas agora parece que vai terminar a festa do Napster."

***Seja Como For*, Xis** "Estou ouvindo bastante os rappers nacionais. Do Xis eu gosto muito. No momento, tenho curtido rap, mas sou mais da melodia. É que tem coisas tão legais que acabo gostando

★★★½☆



Erykah Badu
Mama's Gun
Universal
Diva mantém a classe do primeiro trabalho
A cantora texana sacudiu o mercado da soul music americana há quatro anos com o lançamento do CD *Baduizm*. O público acostumado à falta de técnica (leia-se muita gritaria para pouca afinação) das divas do R&B acabou se encantando com o jeito suave de Erykah interpretar suas canções. Além disso, ela amansou as bandas do hip-hop, misturando o gênero com jazz e blues – o que rendeu uma disparatada comparação com Billie Holiday. Seu novo álbum mostra que ela ainda não perdeu o rumo. Largou as batidas de *Baduizm* e parte para uma soul music mais "humana". Produzido por Kedar Massenburg, atual chefão da Motown, e com participação de gente da pesada, como o vibrafonista Roy Ayers e o baixista Pino Palladino, o disco abre espaço para estilos que não faziam parte do repertório da moça. Como o funk (a pesada "Hey Sugah") e o reggae ("In Love With You", dueto com um dos trocentos filhos de Marley). *Mama's Gun* não causou tanto impacto, talvez porque Erykah hoje em dia tem de dividir espaço com Macy Gray, Angie Stone e outras gargantas surgidas na esteira do seu sucesso. Nenhuma delas, no entanto, ainda mostrou fôlego para superar madame Badu.
Sergio Martins

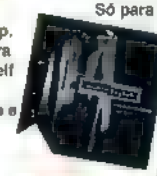
★★☆☆☆

Rod Stewart
Human
Atlantic/Warner
O eterno mod se complica com ritmos programados
Velhos tempos que não voltam mais. Isso é o que Rod Stewart deve ter concluído ao encerrar as gravações deste *Human*, que pouco acrescenta à extensa carreira do cantor. Sua voz roufenha, de timbre inconfundível, soa perdida entre tantos arranjos chumbregas, composições pasteurizadas, overdose de ritmos programados e produção/instrumentação padronizada, a cargo de Rob Dickins e uma dezena de músicos "ratos de estúdio". Quase nada se salva no disco: nem uma canção ("Smitten") encomendada para a nova sensação do R&B, Macy Gray, nem um dueto com a escocesa Helicopter Girl ("Don't Come Around Here"), tampouco as participações de Slash (na pegajosa faixa-título) e de Mark Knopfler (no reggaezinho "If I Had You") conseguem disfarçar a indigência musical, revestida sob a aura de superprodução. Mesmo em uma de suas especialidades – resgatar clássicos esquecidos do soul – Rod se dá mal ao regravar em banho-maria a balada "It Was Love That We Needed", de Curtis Mayfield. Ainda por cima, ele teve a pachorra de cantar um R&B modorrento que atende pelo pretencioso nome de "Charlie Parker Loves Me". Creio que o velho Bird não iria concordar com isso.
Celso Pucci

Ah, mais lá, mil coisas...

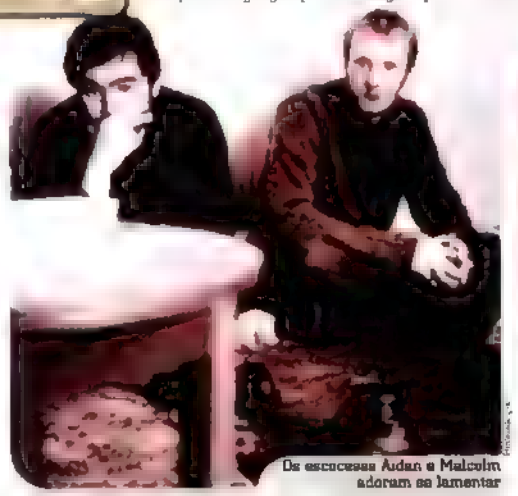
BARRACO

O *De La Soul*, um dos grupos mais importantes do hip-hop, tem toda a sua obra lançada no Brasil em CD pela gravadora Sum. O primeiro, *3 Feet High And Rising*, que traz "Me Myself And I", é um clássico do estilo. Depois da estréia arrebatadora, os três rappers azeitaram ainda mais a levada e os samples e fizeram *De La Soul Is Dead*. Os hits "Ring Ring Ring (Ha Ha Hey)" e "A Roller Skating Jam Named Saturdays" são imbatíveis. *Buhloone Mindstate* teve menor repercussão, mas manteve a veia criativa do grupo pulsando. A insana "Ego Trippin' (Part Two)", com seus berros sensacionais, é um dos pontos altos do disco. Seguindo a evolução de suas cacholas, os rapazes do De La Soul cometeram *Stakes Is High*, que quase ninguém entendeu. O fracasso foi tão grande que eles ficaram quatro anos sem gravar nada. Só no ano passado é que veio o quinto lançamento, o bom *Art Official Intelligence: Mosaic Thump*. Trouxe um single forte (e que resgatava o clima festeiro): "Oooh" ● O *Papas Da Língua* está para a região sul assim como o Jota Quest está para o Brasil inteiro. Pegando por base o álbum *Babybum* (Antidoto/Abril), dá para dizer que os gaúchos são até melhores. O quinteto se aproveitou do momento favorável e acentuou as guitarras em seu segundo disco, conseguindo rocks bacanas, como "Vou Ligar", "Mulher Da Vida" e "Eu Vai Passar" ● Esta é para viúvas do Cocteau Twins. O duo *Mandalay* segue à risca a cartilha dos escoceses. A instrumentação de Saul Freeman é soturna, gélida e pop, e os vocais de Nicola Hitchcock tentam se aproximar dos de Liz Frasier em *Instinct* (Sum). Só para quem está sentindo falta de algo do gênero ● E, para os órfãos do Joy Division, o lance é pegar *Life In The Gladhouse 1980 - 1984* (Sum), do *Modern English*. Essa coletânea é uma sacanagem, já que o grupo só tem uma música que faz sucesso de verdade, a dançante "I Melt With You". As outras 15 faixas vão de bônus ● Trilhas sonoras não faltam este mês. Para quem gosta de rock pesado contemporâneo, a boa é *Bruxa de Blair 2* (Virgin). A seleção é do pavão Marilyn Manson, que escolheu músicas de *At The Drive-In*, *Queens Of The Stone Age* e *System Of A Down*, mas não se esqueceu de colocar uma sua, a cover de "Suicide Is Painless" ● *O Que As Mulheres Gostam* (Sony) traz músicas da divertida comédia romântica estrelada por Mel Gibson. O destaque são as três pérolas de *Frank Sinatra*, mas tem que se assistir ao filme para uma audição mais prazerosa ● A trilha da série de TV *Felicity* (Sum) privilegia cantoras doces (*Sarah McLachlan*, *Heather Nova*) e pop rock leve (*Remy Zero*, *Air*), bem ao gosto dos espectadores do drama teen ● Se você achou estranho ver a capinha de *Bump* (Verve/Universal) do guitarrista jazzeiro *John Scofield* no Barraco Zuado da edição 187, sem que houvesse uma linha sobre o disco, você é muito atento. Ficou faltando o seguinte comentário, para apreciadores de Medeski, Martin & Wood e outras formações modernas de jazz que flertam com groove



IMPORTE-

Os lançamentos gringos que a alfândega esqueceu de confiscar



Os escoceses Aidan e Malcolm adoram se lamentar

Microfonia dolorida

★★★★☆

Arab Strap
The Red Thread
Chemikal Underground/Matador

O vocalista Aidan Moffat e o multi-instrumentista Malcolm Middleton nunca vão estancar o sangue de seus corações cravados por estacas românticas. Trazendo ultimas palavras/murmurios de lamento e fazendo guitarras gritarem com microfonia dolorida, as novas músicas da dupla elevam-se ao panteão do rock indie escocês, que a partir de Jesus & Mary Chain e My Bloody Valentine encontrou um estilo entre sussurros, dissonância e apitos esganiçados de cordas. O Arab Strap firmou-se numa geração mais melodiosa (Delgados e Belle & Sebastian) e, com certeza, sabe entristecer com acordes de baladas simples, mas seu talento está em equilibrar melodias sensíveis com ruídos incômodos. Comparações com as viagens deprimentes do Velvet Underground *circa* 1966 também são de praxe. Mas a intensidade, o vigor, a eventual batida eletrônica, a base acústica e toda a sofisticação instrumental colocam seu quinto álbum acima das comparações. Em sua entonação particular, Aidan Moffat parece falar sozinho, de frente para superfícies brancas e frias. "Olho para as paredes enquanto você empacota suas coisas, tive muito e você teve o bastante", ele diz/canta na faixa "Last Orders", resumindo o enredo. São mais nove faixas escada abaixo, sem um sorriso sequer de soslaio. Se você considera Morrissey miserável, pense de novo.

Marcal Plasse

★★★★☆

Damien Jurado
Ghost Of David
Sub Pop

Folk de letras mórbidas saído da terra do grunge

Nativo de Seattle, Damien Jurado ganha a vida como professor pré-escolar, alfabetizando crianças de até 5 anos. Nas horas vagas, grava discos arrepiantes como *Ghost Of David*, o terceiro de sua carreira. Em esquema caseiro, com poucos e sutis instrumentos, ele constrói músicas tristes e assombrosamente belas. Aplicado seguidor da escola folk, prefere contar histórias a utilizar metáforas. Chega a ser mórbido em "December", sobre as últimas horas de um infeliz preso no carro em uma tempestade de neve. Em "Medication" usa o violão apenas como suporte para a narrativa brilhante de dois tipos de sofrimento: um causado por traição, outro por uma doença grave. Quando troca as cordas pelo piano, como em "Tonight I Will Retire", o resultado é igualmente devastador. Para não ficar só no esquema "bom dia tristeza", convoca a cantora Rose Thomas para acentuar o tom country em "Parkin Lot". Percorre, ainda, sem o mesmo impacto, os caminhos da distorção ("Paul") e do experimentalismo ("Rearview"). Mas o que fica mesmo na memória são relatos como o do motorista que ouviu do irmão já morto, durante viagem de carro no deserto: "Venha, que nos estamos esperando por você: a vida é curta, mas o amor é eterno". Brr.

Carlos Marcelo

★★★★☆

Black Eyed Peas
Bridging The Gap
Interscope

Rappers evoluem sem se esquecer da atitude

Talvez o Black Eyed Peas mude a opinião de quem ainda não acredita que o rap possa ser criativo, pop e dançante, mas sem perder a atitude jamais. *Bridging The Gap*, segundo álbum desse trio de Los Angeles, faz a ponte com o calipso e avança em relação ao anterior (*Behind The Front*), especialmente na mistura de samples e instrumentos ao vivo. Não há sequer um momento mediano nas suas 14 faixas. Abre com uma produção do DJ Premier, "Bep Empire", mais ganchuda que cabide de açougue. A seguinte, "Weekends", mantem o salão lotado, com a ajuda de um sample de Sly Stone. "Get Original" convida Chali 2NA, do Jurassic 5, para tirar um sarro dos artistas pré-fabricados. E "Cali To New York" traz os esquecidos De La Soul em grande forma. Tem mais convidados ilustres? Tem! Na melhor faixa, "On My Own", o incensado rapper Mos Def comparece acompanhado da dupla de belezuras francesas Les Nubians. Wyclef Jean, ele mesmo, passa, bate escanteio e chuta a gol na conceitual "Rap Song". E Macy Gray dá o tom pop-soul no encerramento, "Request + Line". OK, há coisas previsíveis, como os próprios convidados e alguns samples, de James Brown a Afrika Bambaataa. Mas é tudo tão bem-feito e esperto que passa batido.

Daniel Benevides

★★★★½

Waco Brothers
Electric Waco Chair
Bloodshot

Casamento perfeito de punk com country do bom

Dicas de como montar uma senhora banda: escale músicos versáteis, cante de forma libertária como os artistas de folk punk da década de 80 (tipo Pogues e Levellers), adicione um punhado de guitarras distorcidas, vista-se como um caubói e some a tudo isso temas bucólicos e instrumentos variados, como violinos e guitarras havaianas. E por que não dar a esse caldeirão musical o nome de Waco Brothers? O sexteto formado em Chicago – sem manos que justifiquem o nome – é o projeto de Jon Langford, vocalista do panfletário grupo punk inglês Mekons. Como se fosse um Joe Strummer (The Clash) de botas e chapeu de vaqueiro, nesse terceiro álbum ele entoa canções sobre os miseráveis, tumbas e sobre a dialética humana com vigor de sobra e um sotacão para lá de carregado. Os hinos "It's Not Enough" e "Walking On Hell's Roof...", "Fox River" (um punk-country na linha dos fundamentais Replacements) e a mariachi "Cornered" vão tirar o ranço dos desavisados acostumados a associar a palavra country a parias do nível dos Garth Brooks e Shania Twains da vida. E, não satisfeito, entre o bando de "musicos versateis" Jon convocou um dos integrantes do alegrinho Jesus Jones (lembra?). Que fôlego!

Marco Bezzi

★★★★½

Low
Things We Lost In The Fire
Thrupbeat

Reconstrução de um clássico da melancolia

Em sete anos, o Low jamais se atreveu a ultrapassar a velocidade de 60 bpms, a ponto de inspirar o rótulo slowcore para descrever seu radicalismo suave. Quando, conduzido pelo produtor Steve Albini, o trio de Minessotta finalmente resolveu romper o limite auto-imposto, chegou ao melhor álbum de sua carreira. As músicas ainda continuam doces, simples, acessíveis e lentas. Mas, perto do repertório anterior, *Things We Lost In The Fire* é puro pop. Que eles tenham descoberto *power chords* em "Dinosaur Act" é tão surpreendente quanto apreciado. A harmonização vocal muito afinada do casal Mimi Parker (bateria) e Alan Sparhawk (guitarra) remete ao folk dos anos 60, enquanto o instrumental esparso, agora acrescido de detalhes orquestrais aqui e ali, é manz do cinza *velvetiano* do Galaxie 500 (cuja discografia completa acaba de sair no Brasil). Trabalhando com a dinâmica de silêncios e picos percussivos, as canções evoluem em crescendos que soam como preces espectrais. Em vez de barulho, o fervor da interpretação acontece em meio a suspiros. Low é uma bênção para quem quer apenas fechar os olhos e sonhar. Talvez sejam anjos tocando. **MP**

Para quem gosta de:
[illegible]

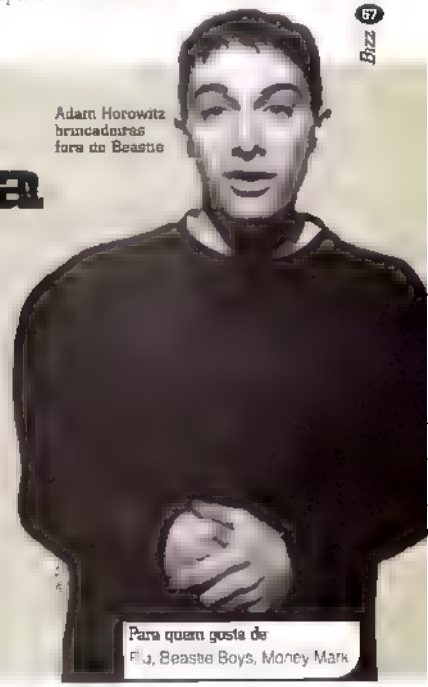
O número da bestinha

★★★☆☆

BS 2000
Simply Mortified
Grand Royal

Este disco não é nenhum primor em termos sonoros nem divide águas. Se bobear, não serve nem para distrair o freguês com canções que escorregam fácil pelos ouvidos. Em 20 faixas de um a três minutos, o BS 2000 aporta em várias praias, baseado em um farto trabalho de teclados e programações. Sua onda parece infantilóide – ou vanguardista, dependendo do ponto de vista (ou, ainda, as duas coisas ao mesmo tempo). Algo muito perto do pop revela se em "It Feels Like" "Buddy" ou "No Matter What Shape Your Stomach Is In", realçadas pelos timbres fofinhos. Como a vida não é só playground, há também esquisitices, expostas na esculhambada "Mr. Critic" ou na tecno-lesada "Extractions". Para não causar conflito, vamos combinar o seguinte: *Simply Mortified* é a trilha de um jardim-de-infância para crianças afetadas pela radiação. Mas quem disse que o importante aqui é a música? Ora, só os lorpas e os pascácios ainda não sacaram que um álbum não vale apenas por isso. E a exibição, o "conceito", onde é que ficam? BS 2000 é o projeto paralelo do beastie boy Adam Horowitz com o chapa Amery Smith. Daqui a dez anos (menos, cinco até), você vai poder se gabar por ser um dos 27 felizardos que adquiriram esse artigo exótico, cujos autores juram que não é a abreviação de *bullshit*.

Emerson Gasperin



Adam Horowitz brincadeiras fora do Beastie

Para quem gosta de:
Blur, Beastie Boys, Money Mark

Seja para expor uma faceta que não tem lugar em suas bandas originais, seja para exibir seu inflado ego, muitos artistas pulam a cerca e criam projetos paralelos

A culpa sempre é dos Beatles. Se é assim, vamos imaginar que a eles também coube originar o primeiro "projeto paralelo". Foi em 1968, quando John Lennon e Yoko Ono cometeram o inaudível *Two Virgins: Unfinished Music No. 1*, enquanto a banda-mãe soltava o magistral *White Album*. Claro que as coisas entre o quarteto não iam bem, e Lennon já ensaiava uma posterior carreira com sua amada, mas a história mostrou que há diferentes formas, menos passionais, de buscar outro coletivo para despejar sua criatividade.

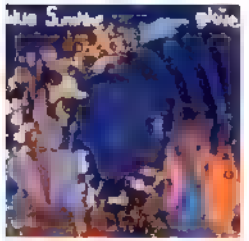
Depois da experiência do futuro ex-beatle, o hábito de "pular a cerca" para gravar passou praticamente em branco nos anos 70 – com os dinossauros não havia essa frescura de procurar meios diversos para expressar seu talento. A partir da década seguinte é que a situação foi ficando mais comum. De repente, apenas uma banda não era suficiente para expor todas as facetas musicais de determinado artista. Ou, como ocorre na maioria dos casos, para acomodar seu ego, já que muitos limitam-se a emular seu grupos de origem.

Em condições normais de temperatura e pressão, projetos paralelos não são feitos para durar. Na verdade, são criados para render um disco e pronto, sob o risco de perder o status de transitório. Não são raros, no entanto, os músicos que se alugaram tanto com suas ocupações extras que acabaram optando por elas, abdicando da atividade principal.

Para elaborar esta relação, consideramos válidos apenas os trabalhos gravados por gente cujos grupos existiam durante a época em que estes foram lançados. Com um detalhe: tinha de ser com outra banda. Assim, ficaram de fora as incursões-solo (Mick Jagger, por exemplo), as brincadeiras em que a única diferença é o nome, mas os integrantes são os mesmos (como os Passengers, que não passa do U2 travestido) e os grupos que surgiram dos escombros de outros (como o Love & Rockets, formado por ex-Bauhaus). Também ignoramos a cena eletrônica, na qual é comum um DJ gravar sob alcunhas variadas.

Tudo isso é assunto para futuras listas – e, se os autores dos discos já tiverem partido para uma próxima aventura, melhor. Fica a sensação de que realmente foi um "projeto", realizado em caráter urgente para extravasar um punhado de canções que não teria espaço em sua banda ou em sua iniciativa anterior.

Emerson Gasperin
e José Flávio Júnior



The Glove
Blue Sunshine (1983)
Robert Smith vinha de *Pornography*, a obra depre do Cure. O baixista Steve Severin, do hit "Nocturne", aceno de Siouxsie & The Banshees às paradas. *Blue Sunshine*, o único disco do projeto dos dois, não destoaria se figurasse na coleção de suas bandas de origem: pop alternativo e psicodelismo dos anos 80. Até uma voz feminina (como no grupo de Severin) foi providenciada com Jeanette Landray, que divide os vocais com Smith. Estando bom para ambas as partes...

Temple Of The Dog
Temple Of The Dog (1991)
Se o vocalista Andrew Wood (Mother Love Bone) soubesse como sua morte seria celebrada, teria tomado overdose antes. Para reverenciá-lo, Chris Cornell, Matt Cameron (do Soundgarden), mais os ex-colegas do falecido e futuros Pearl Jam Stone Gossard e Jeff Ament gravaram este disco, repleto do grunge que o mundo ainda iria idolatrar. Guitarras rasgadas, lamentos épicos e baladas de tirar o fôlego. Só podia dar caldo – e o futuro tratou de comprovar isso.

Body Count
Body Count (1992)
Ice-T sabia que só o rap não era suficiente para manifestar sua indignação pós-assassinato do irmão de cor Rodney King. Reuniu a cornoia, montou uma banda de rock e atacou a sociedade americana com a mais fina violência e a mais grossa ironia. "Cop Killer" teve de ser retirada da estréia do Body Count, mas sobraram pedradas incorretíssimas como "Evil Dick", "KKK Bitch" e "There Goes The Neighborhood". Os brancos engoliram (e pogaram junto).

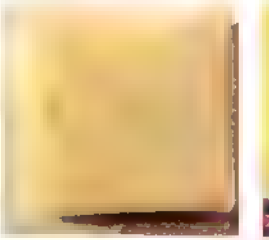
Brujeria
Raza Odiada 1995)
Assim como Mike Patton (Mr. Bungle) e Roddy Bottum (Imperial Teen), o baixista Billy Gould, do Faith No More, tinha seu projeto paralelo. Sob codinomes, ele e integrantes do Fear Factory e do Napalm Death inventaram o Brujeria. Depois do bom *Matando Güeros*, o grupo chegou ao ápice com o extremo *Raza Odiada*. Políticos, tóxicos e assassinatos são embalados num death metal-core de velocidade assombrosa (vide "Colas De Rata"). Difícil ficar mais pesado.

Rentals
Return Of The Rentals (1995)
Alguns projetos paralelos são assim: o autor fica tão contente com o resultado que abandona sua banda de origem. O baixista Matt Sharp estreou com o Rentals pouco antes de gravar o segundo do Weezer (seu trabalho oficial). Foi quando teve a certeza de que deveria fazer do projeto a prioridade. O pop rock com violinos e órgãos (a cargo das meninas do grupo That Dog) de *Return Of...* rende belíssimas melodias. Que o digam os gaúchos da Bidê Ou Balde.

Electronic
Raise The Pressure (1996)
Em sua segunda escapadela, a dupla dinâmica Bernard Sumner (guitarra e voz do New Order) e Johnny Marr (ex-guitarrista dos Smiths) se enrosca em um trelelê com Karl Bartos, o mago do Kraftwerk. O bicho que deu: pop de sintetizador alegre, dançante e... emocionante. Algumas vezes, cai na mais deslavada boiolice house. E daí? É ó-ti mo *(N do E., cortesia de Pedro Só)*! Malhadíssima na época em que saiu, esta obra prima já começa a ser redescoberta.

Kleiderman
Com El Mundo A Mis Pies (1994)
Com Sérgio Britto na guitarra, Branco Mello no baixo e Roberta Parisi (por onde anda?) na bateria, o Kleiderman era um trio tosco, que cantava a podridão do mundo sob uma base punk/new wave bem pop. O álbum abre com "O Amor É Uma Coisa Feia", passa por "Dracula's Tea Bag", "Lick My Dirt", "Eu Vou Ficar Dopado", "Nojo", e entrega o genial hit "Nem Mãe, Nem Puta" ("Todas as mulheres são loucas/A começar pela mãe da gente"). Melhor que Titãs.

Down
Nola (1995)
Que nenhum metaleiro escute isto, mas o Down poderia perfeitamente substituir os grupos de verdade de dois de seus integrantes, o vocalista Phil Anselmo (Pantera) e o guitarrista Pepper Keenan (Corrosion Of Conformity). Os riffs continuam na linha bigorna, mas pendendo mais para rockão do que para metal. Confira a pegada energizante de "Lifer" ou "Rehab" ou as cordas de "Swan Song" e descubra que esses caras já tiveram influências bem mais saudáveis.



Butter 08
Butter 08 (1996)
O "supergrupo" do lado B dos anos 90 – Russell Simmins (Jon Spencer Blues Explosion), Miho Hatori e Yuka Honda (as nipo-iorquinas do Cibo Matto) e Mike Mills (não, não é o cara do R.E.M.) – veio, confundiu e desapareceu. Não sem antes alargar os horizontes do pessoal garageiro-fivelinha com bossa nova, groove, tecno e rap sobre microfonias em um álbum que impressionava pelo ecletismo, quando o ecletismo ainda impressionava alguém.

Tuatara
Trading With The Enemy (1998)
Pegue uma HQ de ficção científica, um copo de *long island ice tea*, acenda só o abajur e use o climático instrumental do Tuatara como trilha. O projeto tem como cabeças o baixista Justin Harwood (Luna) e o baterista Barrett Martin (ex-Screaming Trees, hoje tocando com Nando Reis). Peter Buck é outro membro da banda. Não é seu único trabalho paralelo, mas é onde o guitarrista do R.E.M. pode ser mais versátil (toca até baixo de seis cordas). Este ano sai CD novo.

Grande desde pequeno

Ainda criança, Simoninha aprendeu com o pai, Simonal, a não ter preconceito musical – uma lição que, na época, o levou a escutar artistas incomuns para sua idade e hoje se reflete em seu acervo, repleto de títulos de todos os tipos e matizes

Filho de artista é diferente. Na escola, em casa, com os amigos, há sempre algo que destoa da rotina, dos gostos e dos hábitos "convencionais" – incluindo aí as predileções sonoras. Nascido e criado em um ambiente musical, Simoninha percebeu ainda menino que tinha preferências, digamos, esquisitas para seus colegas de colégio. "Eu ouvia muito soul, MPB e jazz, de Miles Davis a Herbie Hancock, Thelonius Monk, Ella Fitzgerald, Duke Ellington", conta. Normal... Para um garoto que, já aos 5 anos, ganhou os primeiros discos que formariam sua coleção, Diana Ross Presents Jackson 5 e um dos Temptations que não lembra o nome.

Não é só esse que ele sabe que tem, mas nem desconfia onde possa estar ou como se chamava. Culpa da pulverização de seu acervo, que está espalhado por vários cantos da capital paulista. Uma parte fica na casa em que está morando desde dezembro do ano passado, no bairro de Moema. Outra, na produtora (S De Samba) que mantem com o mano Max de Castro e Jarzunho, em Pinheiros. "E tem mais na casa de minha mãe, nos Jardins, e em um depósito em Santo Amaro, guardados com as coisas de meu pai", enumera.

Bem, podemos falar dos que encontraram um abrigo seguro em sua sala de estar. São 550 CDs divididos entre uma torre e as prateleiras da estante, onde também repousam cerca de 100 LPs. "Não sou um consumidor compulsivo", diz Simoninha. "Vou mais atrás de velharias do que de lançamentos", explica. Ele faz questão de preservar certos costumes: as coisas antigas têm de ser apreciadas em vinil, principalmente quando entra em cena o seu lado produtor, ligado em sonoridades, equalizações e mixagens.

Difícil é precisar em que momento Simoninha escuta um disco com ouvidos de um profissional de estúdio ou apenas para se distrair – se é que existe essa distinção. Aos 14 anos, ele começou a estudar "de verdade" música. "Fiquei meio isolado, ia a shows sozinho", lembra, ciente de que, nessa idade, as tribos se agrupam (ou, como em seu caso, segregam) conforme o tipo de som apreciado. Antes de correr o risco de ser "banido" do convívio com sua geração, no entanto, o cantor descobriu o rock.

Com o ritmo, apresentado por meio de Beatles e Rolling Stones, Simoninha sacou ainda que há algo mais. "Passei a prestar atenção na atitude, pois música não é só harmonia", reconhece. Deu para mergulhar nos sons contemporâneos foi um pulo. Primeiro choque: Police. "Virei fã voraz deles. Os três juntos inventaram um jeito de tocar." Seguindo o rock brasileiro oitentista: "Titãs, Lulu Santos, Paralamas, Lobão. Ficava cabreiro como esses caras conseguiam ser bons com poucos acordes", admite. "As melodias eram muito simples e diretas."

O interesse pelo soul intensificou-se novamente no fim da década, com Prince. Nos anos 90, não conseguiu passar batido pelo grunge. "Comprei o *Nevermind*, do Nirvana, mas gostei mais do *Ten*, do Pearl Jam", confessa. Nem pelo mangue beat. "Aquele batuque com rock me impressionou." E, acima de tudo e sempre, Jorge Ben, uma adoração que só aumentou depois que Simoninha integrou a banda do Zé Pretinho por duas temporadas. Tudo isso repousa em sua discoteca, misturado com trilhas de cinema, albuns produzidos por ele, bossa nova e uma infinidade de rótulos. "Aprendi com meu pai a nunca ter preconceito musical", ensina. Basta ouvir seu album, *Volume 2* ("Fiz isso pouquíssimas vezes. A última foi em Trancoso, na Bahia, em um walkman") para constatar que o filho de Simonal não está mentindo.

Emerson Gasperin

O lado maluco-beleza da revolução glam

Enquanto exaltava a nova raça andrógina e mutante, *Hunky Dory* também trazia recados de David Bowie para a garotada viciada em TV e sexualmente confusa diante das portas abertas pelos anos 60

Ano de lançamento: 1971
Produção: Ken Scott ("assisted by the actor", "assistido pelo ator" – Bowie é claro!)
Musicas: "Changes" • "Oh You Pretty Things" • "Eight Line Poem" • "Life On Mars?" • "Kooks" • "Quicksand" • "Fill Your Heart" • "Andy Warhol" • "Song For Bob Dylan" • "Queen Bitch" • "The Bewlay Brothers"

Na reedição em CD a partir de 1990, foram incluídas quatro faixas-bônus: a inédita "Bombers", uma versão de "The Supermen" (gravada para o álbum anterior *The Man Who Sold The World*), a demo de "Quicksand" e "The Bewlay Brothers" em mixagem alternativa. Barbra Streisand gravou "Life On Mars?" e não conseguiu estragar a música

Não era exatamente como divindade pop que aquele suburbano magrelo, ex-mímico, ex-mod, com três álbuns incoerentes no currículo, era tratado em Londres. Aos 24 anos, David Bowie já ensaiara passos como cantor-compositor hippie e tentara ser o que os ingleses chamam de "music hall entertainer" (uma coisa meio Ivon Curi). No começo daquele 1971, havia lançado um disco de rock pesado, *The Man Who Sold The World*, aparecendo na capa metido em um vestidinho. De escassa repercussão, o trabalho despertou a atenção de um empresário canalha americano, Tony DeFries. Embarcado para os Estados Unidos, Bowie trocou figurinhas com Lou Reed e Andy Warhol. Começava o plano marqueteiro que o estouraria em 1972, impulsionado pelo rock'n'roll energético de *Ziggy Stardust*. A incipiente revolução glam já estava em curso, mas o futuro astro demorou um disco para cair dentro musicalmente.

Esse disco foi *Hunky Dory*. A partir dele, Bowie deixou de ser uma nebulosa promessa. Logo na abertura, "Changes" ("Mudanças"), inspirada pela gravidez da então esposa Angie, assumia sua natureza mutante e avisava: "Essas crianças em quem você cospe/Enquanto tentam mudar seus mundos/São imunes aos seus consolos/ Eles sabem muito bem o processo pelo qual estão passando". O arranjo, porém, era típico de café-teatro, baseado no piano de Rick Wakeman (do Yes) e com mudanças de direção na estrutura harmônica a perseguir aquele truque Cole Porter de traduzir a letra em música.

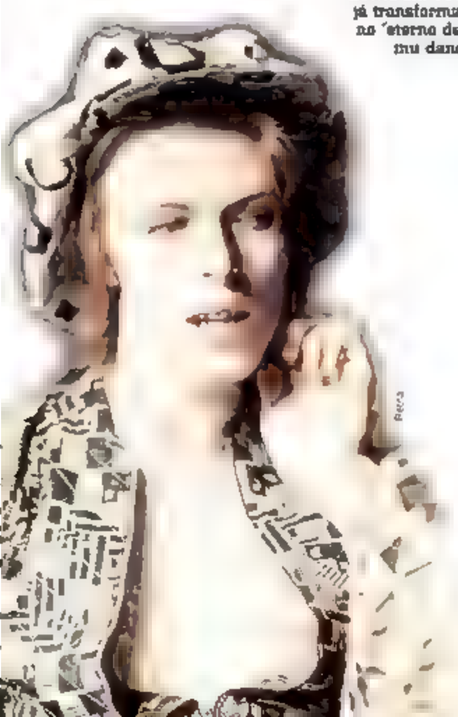
Em seguida, mais uma adorável frescura pianística, "Oh! You Pretty Things", saudava a chegada do filho Zowie misturando conceitos maluco-beleza *nietzschianos* ("abram alas para o Homo Superior"). Terminava com mais um alerta: "Todos os estranhos chegaram hoje/E parece que estão aqui para ficar"

Muito além da simples exaltação da nova raça andrógina e extravagante – mencionada em "Kooks", outro vaudeville coruja em homenagem ao pequeno Zowie –, as mensagens pegavam em cheio a garotada que crescia viciada em TV e sexualmente confusa diante de tantas portas abertas pelos anos 60. Meninos e meninas capazes de entender o zapping da balada "Life On Mars?". Nessa obra prima bastarda ("inspirada por Frankie", informa a contracapa – no caso, "Frankie" Sinatra e sua versão de "My Way"), papai, mamãe, Mickey Mouse, Lennon "a vendа de novo", a "Amerika", a decadente Inglaterra, sonhos de celulóide... tudo é triturado no coração de uma adolescente. E transformado em beleza pelas cordas arranjadas por Mick Ronson (1946-1993), guitarrista que passaria à eternidade como o adorável presepeiro a escudar Ziggy.

Na categoria "grandes imitações", Bowie incluiu três recados para lá de ambíguos. "Andy Warhol", um pseudoflamenco, mais sacaneia do que homenageia ("Andy tira uma soneca", "Andy pensa em tinta e cola, mas que coisa legal mais chata!") "Song For Bob Dylan" dirige-se ao bardo como se ele fosse um super-herói ("Dê-nos de volta nossa unidade/Não nos deixe com a saudade deles"), não sem certa ironia. "Queen Bitch", talvez o único rock'n'roll do álbum, é paródia assumida do Velvet Underground, com vocais falados à Lou Reed e letra sobre uma bicha ma que roubа o "amigo" do narrador.

Para fechar, uma pitada de originalidade, "The Bewlay Brothers". Por trás da letra críptica, impenetrável, repleta de referências à convivência com Terry (o irmão esquizofrênico de Bowie que se matou), o *pathos* da grande arte. Como algumas das melhores coisas da vida, você não entende, mas sente. Em *Hunky Dory*, se fez farejar pelo mundo o genial diluidor que há três décadas dá as cartas na música pop. A partir de ideias alheias, sim, mas e daí?

Pedro Só



Bowie em 1972 já transformado no "eterno deus mu dança"

FEN@SOFT 2001

A Fenasoft 2001 é muito mais do que você pensa.

O maior Evento de Tecnologia da America Latina é agora, também, virtual
A nova cara do Portal Fenasoft vem caracterizar um evento cada vez me hor e com inumeras facilidades para você

Noticias · TV Fenasoft · Fenasoft Virtual - entretenimento · Radio Fenasoft · Fórum de debates e Palestras

www.fenasoft.com.br

Somos um dos portais mais visitados do Brasil

Ingressos e Cartões de Acesso aos Eventos

Sua participação na Fenasoft 2001 já começou.

Ingresso diário ou para os 6 dias.
Escolha sua forma de participaçao e preencha a ficha abaixo, obedecendo os valores e datas descritos na tabela de preços (ao lado)
Envie para a Fenasoft e você receberá o seu **ingresso personalizado** em casa
Lembre-se, este ingresso é pessoal e intransferivel

TABELA DE PREÇOS
INGRESSO - 1 dia
INGRESSO - 6 dias
RENOVAÇÃO DO CARTÃO

Renovação Cartão Gold Fenasoft.
Se você deseja renovar seu **Cartao Gold**, válido para os 6 dias de Fenasoft 2001, preencha a ficha abaixo, envie para a Fenasoft juntamente com uma cópia de seu cartão antigo ou de seu Ingresso 2000 e você receberá seu cartao pelo correio. Lembre-se que o **Cartao Gold Fenasoft** é pessoal e intransferivel e o acesso ao evento só será permitido acompanhado de um documento de identidade

Adquira seu ingresso ou renove seu cartao pela Internet
www.fenasoft.com.br

Recorte aqui e envie para Fenasoft

FENASOFT

NOME (Nome completo)

EMPRESA

ENDEREÇO (Rua, av., número, bairro, apto., bloco, etc.)

CIDADE UF CEP

PAÍS DATA DE NASCIMENTO / /

TELEFONE (Incluir todos os códigos) FAX

( ) ( )

RG CPF

É proibida a entrada a menores de 14 anos

Forma de Participação

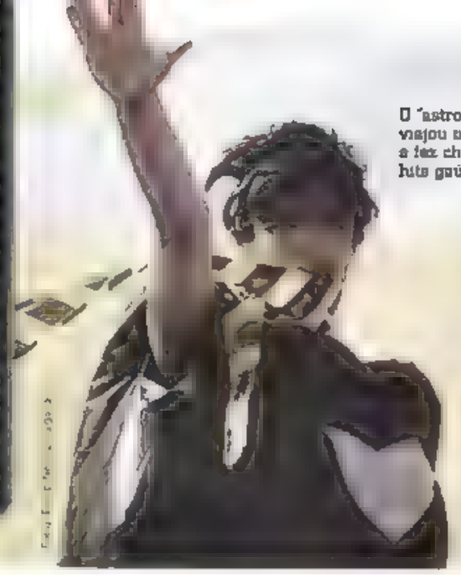
Marque sua opção de acesso para a Fenasoft 2001
- ☐ Ingresso - 06 dias de evento
- ☐ Ingresso diário - 01 dia
- ☐ Renovação do Cartão Gold Fenasoft

Envie o cupom pelo correio ou fax para:
Rodovia SC 401 - Km 01 - Parque Tecnológico Alfa - Sede Fenasoft
88030-000 - Florianópolis - SC
Tel.: (048) 334 8280 / Fax (048) 334 8411
cartao@fenasoft.com.br

Os pedidos enviados pelo correio deverão estar acompanhados de cheque nominal à Santa Catarina Internet e Eventos Ltda., e os enviados por fax acompanhados do comprovante de depósito no Banco Bandeirantes, agência 197, c/c 005-002222-0 ou Banco Bradesco, agência 0348-4, c/c 114-900-8.
Em ambos os casos, escreva seu nome no próprio comprovante

30 de julho a 04 de agosto de 2001 - Anhembi - São Paulo

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines:
envie para Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP



O "astronauta" viajou na maionese e fez churrasco de hits gaúchos

Espetomisto

Astronauta Pingüim, de 25 anos, é um gaucho esperto. Enquanto experimentava sons em um de seus 15 raríssimos teclados analógicos e admirava a sua guitarra da capa do *Tropicália* (sim, ele conseguiu comprar aquela belezinha que Sérgio Dias segura na foto do histórico álbum), teve a idéia de fazer versões *easy listening* para sucessos do rock gaudério. Inspirado pelo organista Lafayette, que fazia o mesmo com os clássicos do Rei Roberto Carlos nas décadas de 60 e 70, Pingüim deu início ao projeto *Petiscos, Saber Churrasco*, que vira CD até o meio do ano. *Easy listening* é aquela sonoridade que popularmente virou "som de churrascaria" e "trilha de elevador" – músicas instrumentais, conduzidas por teclado. As primeiras a ganhar o suculento arranjo foram "Melissa", da Bidê Ou Balde, e "Estou Amando Uma Mulher", de autoria de Flávio Basso, que hoje atende por Jupiter Apple, mas que na época integrava o Cascaveletes ao lado do baladeiro Frank Jorge. A versão do hit da Bidê está até tocando nas rádios porto-alegrenses e algumas gravadoras mostraram interesse (o respaldo é imprescindível, uma vez que o projeto envolve liberação de faixas e direitos autorais para os artistas homenageados). O repertório ainda tem "Eu Tenho Uma Camiseta Escrita Eu Te Amo" (Wander Wildner), "Gata Maluca" (TNT), "Furacão" (Video Hits), "Nunca Diga" (Graforréia Xilarmônica), "It's Fuckin' Borin' To Death" (De Falla), "Canção Da Meia-Noite" (Almôndegas), "Sandina" (Replicantes), "Fazê Um Bolo" (Taranturiça) e "Lugar Do Caralho" (Júpiter Maçã). As de Engenheiros Do Hawaii e Nenhum De Nós ainda não foram definidas. A iniciativa remete ao auge do grunge, quando a local Sara DeBell se aproveitou do hype para fazer churrasquinho com hinos de Nirvana, Soundgarden e adjacências. Agora que o foco do bom rock está na terra de Gisele Bundchen, a loucura de Pingüim parece muito sana. **Contatos: tel. (51) 312-2658**

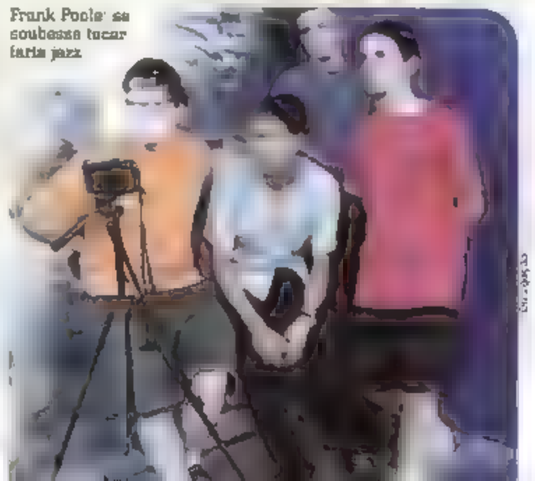
UDI GRUDI

Zines, selos, festivais e o acontecer

Os criadores do clássico "Batman Sadomasô" estão de volta! **Os Impossíveis**, banda de Campo Grande (MS), acabam de lançar mais um [illegible] seguindo a linha garage rock lo-fi [illegible] o próprio quarteto se rotule, o segundo trabalho [illegible] *Soundtrack*, traz cinco [illegible] covers - "Baby It's You" [illegible] pelos Beatles) e "Sex Misery Machine" do grupo goiano Mechanics, mais duas faixas dos Ramones escondidas. Desde que o grupo saiu na seção Democracia, em novembro de 1999, a fama dos sul-matogrossenses se espalhou pelo Brasil e eles começaram a fazer vários shows fora do estado. "Hoje, por exemplo, finalmente sou alguma coisa na minha casa", desabafa o vocalista Cebola. Tel. (67) 725-5337, e-mail pulp@enersulnet.com.br ● **Depois de lançar o segundo disco, *Heart-Experience*, os sorocabanos do Wry vão trocar a tranqüilidade do interior de São Paulo pelo agito da capital inglesa. Há anos ameaçando cruzar o Atlântico de vez, o quarteto está de malas prontas para se mudar em maio. Eles, que cantam em inglês e fazem um *mélange* de Jane's Addiction, Placebo e Superchunk, tentarão gravar o terceiro trabalho em Londres e armar uns showzinhos por lá. Mário Bross (vocal) e companhia só não sabem ainda como irão fazer para driblar a forte concorrência e se destacar em um dos países que mais produz bandas e artistas do estilo. Para entrar em contato com o grupo e mandar seus votos de boa viagem, wry@uol.com.br** ● Os fanzines virtuais estão cada vez mais populares. A velocidade da rede acelera a comunicação entre as pessoas e a urgência pela informação, incentivando a produção de textos sobre música, cinema e literatura, além de contos, crônicas, poesias e muita, mas muita egotrip. O **CardosOnLine** COL para os íntimos fornece tudo isso com fartura para seus leitores. Com duas edições semanais, o zine via e-mail foi criado em 1998 por oito gaúchos que não conseguem parar de escrever e hoje é lido por quase 4 mil assinantes sedentos de cultura pop e uma visão de mundo, no mínimo, peculiar. Para receber, entre no site www.cardosonline.com.br, clique no sugarzinho indicado e siga as instruções. A gente recomenda ● **O Lado B da MTV Brasil (agora aos sábados, das 18h30 às 19h30), dedicado à chamada música alternativa, começa a exibir uma programação mais voltada à cena nacional. A partir deste mês, o programa comandado pelo multi-homem Kid Vinil e dirigido por Zé Antônio Algodoal (guitarrista do Pin Ups) passa a ter mais clipes e apresentações ao vivo de bandas do underground brasileiro, além de entrevistas e matérias com músicos e pessoas relevantes do cenário independente do país. Mande um e-mail para ladob@mtv.com.br e coloque seu grupo nessa**

Belo desafinar

Estamos em 2001, ano em que **Frank Poole**, o segundo comandante da nave Discovery, é morto pelo computador HAL-9000 no filme de Stanley Kubrick, *2001-Uma Odisséia No Espaço*. O personagem interpretado pelo ator Gary Lockwood deu nome a um grupo de rock formado por garotos do cerrado que, assim como ele, são cidadãos comuns, sem vocação para heróis e que acabam sendo ignorados pelo público. Foi nos corredores da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Brasília que eles se conheceram e, em 1998, começaram a arranhar juntos as cordas de suas guitarras. Gustavo Berocan, de 23 anos, e Yuri Hermuche, de 26, os dois únicos remanescentes da formação original, responsáveis pela maioria das composições e letras – sempre em português – e pelos vocais desafinados do Frank Poole, compartilham as mesmas referências culturais e uma grande afinidade para criar músicas e desenvolver idéias. "Eu e Yuri, sozinhos, começamos a aprender a tocar quando a banda nasceu. Desenvolvemos um jeito nosso de fazer a coisa", romantiza Gustavo. O experimentalismo foi a escola dos brasilienses, que garantem não estar nem aí para acordes ou aulas de música. Não fazem covers e são adeptos fanáticos da improvisação, influência forte dos ídolos jazzistas John Coltrane e Miles Davis. "Se soubessemos realmente tocar, estariamos fazendo jazz. Como não sabemos, fazemos rock." A guitarra pode soar como um teclado em uma faixa e o trompete desafinar em outra, pois "o importante é que os elementos se encaixem", completa. Lição aprendida com experimentalistas do rock, como Velvet Underground e Sonic Youth. Seu primeiro álbum, *...A Coerência É Uma Armadilha*, acaba de sair pela Monstro Discos. **Contatos: tel. (61) 345-1564; site: www.frankpoole.com**



Frank Poole: se soubesse tocar faria jazz

Loucura de verão

O verão acabou, mas a mamata continua. Do Rio, vem mais uma promoção para os leitores do Democracia. Agora é a vez do selo carioca **Midsummer Madness** oferecer dois belos lançamentos de seu catalogo: *Melodias De Uma Estrela Falsa*, primeiro álbum do Astromato, e *Península*, terceiro trabalho da já tradicional banda PELVs. É só escrever para a gente contando em poucas palavras **qual foi o melhor programa de índio que você fez na última verão**. Os autores das 10 respostas mais criativas levam de presente um kit com os dois CDs. Envie sua cartinha para **Promoção Loucura de Verão** – Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000, ou um e-mail para showbizz@simbolo.com.br. Desde 1993 na ativa, quando lançou sua primeira fitinha – a coletânea *Raw* com musicas de Second Come, Killing Chainsaw, Pin Ups – o selo agita o underground com festivais, fanzines e um elenco de artistas respeitado no meio. Para conhecer melhor o Midsummer Madness enquanto aguarda a edição de junho com o resultado da promoção, escreva para Rua Lauro Muller, 26/805, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22290-160 ou visite o site www.mmrecords.com.br

Beto Marcelo e Júlio: rock retrô existencialista

Numa nova órbita

Em 1997 e 1998, Julio Cascaes (baixo e voz) e Marcelo Gross (bateria) fizeram parte da banda que acompanhou Júpiter Maçã. Depois de vários shows, a dupla resolveu se dedicar a seu próprio projeto. O guitarrista Beto Nickhorn – que já havia tocado com Wander Wildner e com o Lovecraft, do excêntrico compositor Plato Divorak – foi convidado a participar, e o Rio Grande do Sul ganhou mais uma banda legal, **Os Hipnotcos**. Os trabalhos anteriores dos integrantes já dão a dica do que se encontra em seu primeiro CD, lançado no fim de 1999 e batizado de *Garage Laboratorium*. Guitarras psicodélicas, melodias doces herdadas da Jovem Guarda, o clima pop dos grupos ingleses dos anos 60 e 90 e a essência retrô e tosca das bandas de garagem, além de referências da bossa nova e de elementos tropicalistas. Tudo recheado de boas letras em português com referências a quadrinhos, filmes trash, histórias do cotidiano e dúvidas existenciais. "A influência de artistas estrangeiros é muito forte. Não tenho culpa se ganhei os discos dos Rolling Stones com 8 anos de idade e não cresci ouvindo samba. Tento encaixar as frases em português nas músicas mantendo a sonoridade do inglês. Mas sou brasileiro e sei que cantar no idioma dos Beatles nos distanciaria do público, além de soar como cópia do que vem de fora", define Julio. Um agradável transe de volta ao passado, com certeza. **Contatos: tel. (51) 384-4191, e-mail freunod@plug.in.com.br**

Asinhas do besouro

Ficaria feliz se vocês publicassem a discografia de Paul McCartney fora dos Beatles para mim.

Hendrigo B Silva – Varginha, MG

Depois que a banda do século acabou, Paul lançou vários trabalhos-solo e com o Wings, grupo que trazia Linda McCartney nos teclados e que, recentemente, virou tema de um filme para a TV. *Wingspan* repassa o turbilhão que foi o fim dos Beatles e o começo da primeira "aventura sem Lennon" de Paul McCartney. Discografia do Wings: *Wild Life* (1971), *Red Rose Speedway* (1973), *Band On The Run* (1973), *Venus And Mars* (1975); *Wings At The Speed Of Sound* (1976); *Wings Over America* (1976); *London Town* (1978); *Wings Greatest* (1978); *Back To The Egg* (1979). Paul McCartney solo: *McCartney* (1970); *Ram* (1971); *Thrillington* (lançado como Percy "Thrills" Thrillington – 1977); *McCartney II* (1980); *Tug Of War* (1982); *Pipes Of Peace* (1983); *Give My Regards To Broad Street* (1984); *Press To Play* (1986); *All The Best!* (1987); *Choba B CCCP – The Russian Album* (1988); *Flowers In The Dirt* (1989); *Tripping The Live Fantastic* (1990); *Tripping The Live Fantastic – Highlights* (1990), *Liverpool Oratorio* (1991); *Unplugged – The Official Bootleg* (1991); *Off The Ground* (1993); *Paul Is Live* (1993); *Strawberries Oceans Ships Forest* (lançado como The Fireman – 1994) *Flaming Pie* (1997); *Standing Stone* (1997); *Run Devil Run* (1999); *Working Classical* (1999); *Liverpool Sound Collage* (2000)

Fábrica de hits

Sou fã do Kid Abelha desde o início dos anos 80 e disponho de quase todo o material produzido por eles. Gostaria de conhecer a discografia completa da banda, bem como se o disco *Tudo É Permitido* já saiu de catálogo.

Adilson Almeida – Nilópolis, RJ

A discografia da banda de Paula Toller é: *Seu Espião* (1984), *Educação Sentimental* (1985), *Ao Vivo* (1986), *Tomate* (1987), *Kid* (1989); *Greatest Hits 80's* (1990), *Tudo É Permitido* (1991), *Iê Iê Iê* (1993), *Meio Desligado* (1994), *Meu Mundo Gira Em Torno De Você* (1996); *Kid Abelha* (em espanhol, 1996); *Remix* (1997); *Autolove* (1998); *Música!* (1998); *Enciclopédia Musical Brasileira* (2000); *Coleção* (2000). Infelizmente, Adilson, o álbum de 1991 não está mais em catálogo.

Mito esquisito na tela

Na SHOWBIZZ de fevereiro de 1999 (com o Thom Yorke na capa), vocês citaram o documentário do Radiohead, *Meeting People Is Easy*, feito pelo jovem cineasta Grant Lee. Bem, nem eu nem meus amigos tivemos acesso a esse vídeo ou, ao menos, mais informações sobre ele. Vocês poderiam me ajudar? Onde acho o documentário?

Victor Hugo – Caruaru, PE

Bem, Hugo, esse vídeo foi citado na reportagem Um Mito Esquisito, feita por Pedro Só na edição 163: "O documentário (...) traz cenas que reforçam a imagem do gênio atormentado (no caso, ele, o *creep* Yorke) pelas pressões do sucesso e engolido pela ganância da indústria de entretenimento". Você irá encontrá-lo em sites americanos ou ingleses de venda de CDs, como o CDNow (www.cdnow.com). Custa em média 17 dólares, sem a taxa de frete. Se você preferir, entre em contato com alguma importadora. Uma dica é a loja de CDs Velvet (tel.: 11 221-8947). É só pedir que eles entregam aí em Caruaru.

Várias variáveis

Por favor, tem como vocês me arrumarem a discografia de Peter Murphy depois do Bauhaus, assim como a do Love And Rockets? Fora essa banda, os outros integrantes lançaram mais algum trabalho?

Daniel Dantas – Porto Alegre, RS

O Bauhaus era formado por Peter Murphy (vocal), Daniel Ash (guitarra/ vocal), David Jay (baixo/vocal) e Kevin Haskins (bateria). Com o fim do grupo, os quatro integrantes lançaram vários trabalhos, em carreira-solo ou não. Peter Murphy: *Should The World Fail To Fall Apart* (1986); *Love Hysteria* (1988); *Deep* (1990); *Holy Smoke* (1992), *Cascade* (1995); *Wild Birds: Peter Murphy 1985 / 1995* (coletânea, 2000). Peter Murphy e Mick Karn (ex-Japan), como Dalis Car: *The Waking Hour* (1984). Daniel Ash e Kevin Haskins, com o Tones On Tail: *Tones On Tail* (1983); *Pop* (1984); *Night Music* (1987). Ash, Haskins e David Jay, como Love And Rockets: *Seventh Dream Of Teenage Heaven* (1985); *Express* (1986), *Earth-Sun-Moon* (1987); *Love And Rockets* (1989); *Hot Trip To Heaven* (1994), *Sweet F/A* (1996), *Lift* (1998). Daniel Ash: *Coming Down* (1991); *Foolish Thing* (1992). David Jay: *Etiquete Of Violence* (1983); *Crocodile Tears And The Velvet Cash* (1985); *On Glass* (1987); *Songs From Another Season* (1990); *Urban Urbane* (1992); *The Birth Caul* (1995); *The Moon And Serpent Grand Egyptian Theater Of Marvels* (1996). David Jay, com o Jazz Butcher: *A Scandal In Bohemia* (1984), *The Gift Of Music* (1984); *Sex And Travel* (1985).

A pedido da leitora Carolina Yumi - Mogi das Cruzes, São Paulo, SP

FICHA

Importância

"Rockabilly tem estilo. Tem um traje, um corte de cabelo e uma dança própria. É extravagante, vigoroso e colorido." O guitarrista e vocalista Brian Setzer levava sua criação a sério e fez de sua banda uma das mais marcantes das últimas décadas. Nascidos no meio do movimento punk/new wave, os Stray Cats reciclaram um ritmo já ultrapassado para a época, transformando-o em estilo de vida.

Biografia

Em 1978, na cidade de Massapequa, Nova York, três garotos ainda adolescentes formaram um grupo chamado Tom Cats para reviver um dos ritmos dos primórdios do rock. Brian, mais o baixista Leon Drucher (Lee Rocker) e o baterista Jim McDonnell (Slim Jim Phantom) passaram a se chamar Stray Cats no ano seguinte e, em 1980, mudaram-se para Londres. Filho de Stanley Drucker – durante anos, o primeiro clarinetista da Filarmônica de Nova York –, Phantom se interessou pelo rock'n'roll para se rebelar contra o período de estudo clássico de cello. Mas o que realmente uniu os três foi a paixão pelo simples, velho e fora de moda rockabilly. Ainda no mesmo ano, assinaram com a gravadora Arista e lançaram o primeiro compacto que acabou emplacando duas canções na parada de sucesso britânica, "Runaway Boys" e "Rock This Town". O álbum de estréia, de 1981, levou o nome da banda, chegando a ser o sexto na preferência dos ingleses, graças ao hit "Stray Cat Strut", uma espécie de hino do grupo. No mesmo ano, abriram três shows para os Rolling Stones nos Estados Unidos. Em 1982, apesar do segundo trabalho, *Gonna Ball*, não ter sido tão bem recebido pelos fãs quanto o anterior, o trio assinou com a EMI americana. Seu primeiro lançamento no novo continente foi *Built For Speed*, compilação de faixas dos dois primeiros LPs, mais uma canção inédita, *Built*, conquistou os norte-americanos e chegou ao segundo lugar na parada. Os álbuns seguintes também foram bem apreciados, tanto no país de origem dos garotos quanto na Inglaterra. Em 1984, o grupo se separou. Setzer fez dois álbuns-solo, *The Knife Feels Like Justice* (1986) e *Live Nude Guitars* (1988), enquanto Rocker e Phantom se uniram ao guitarrista Earl Slick, formando o Phantom, Rocker e Slick, também produzindo dois discos. Reuniram-se em 1986 para cumprir obrigações contratuais, gravando *Rock Therapy*. Só dois anos depois é que voltaram a se apresentar como Stray Cats em uma turnê americana. Em seguida veio mais um disco, *Blast Off*, que não alcançou sucesso comercial. Em março de 1990, vieram ao Brasil e, finalmente, em 1992, foi composto o último CD, *Choo Choo Hot Fish*.

O trio tentava reviver as primordias do rock

Discografia

Stray Cats (1981); *Gonna Ball* (1981); *Built For Speed* (1982); Rant N'Rave With The *Stray Cats* (1983); *Rock Therapy* (1986); *Blast Off* (1989); *Back To The Alley: Best Of The Stray Cats* (1990); *Let's Go Faster* (Japão, 1990); *Choo Choo Hot Fish* (1992); *Original Cool* (1993)

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

Qual seria a primeira frase em português que você ensinaria a Derrick?

Depois de algum tempo no Brasil, Fumaça (apelido carinhoso que o norte-americano Derrick Greene ganhou dos amigos) aprendeu a falar muita coisa em nossa língua. O suficiente para fazer compras, ler jornal, curtir a noite na Vila Madalena (bairro boêmio paulistano)... Enfim, o cara se vira bem nas tarefas do dia-a-dia. Mas e se você, intrépido leitor de BIZZ, fosse o encarregado de ensinar a primeira frase no idioma de Cabral ao vocalista do Sepultura? Imagine a hipótese e bote o cabeção para funcionar. Os 25 mais criativos vão receber em casa o novo petardo sonoro do grupo, *Nation (leia resenha na página 58)*, cortesia da gravadora Sum Records. Mande sua resposta para a **Promoçao Cultural Sum/BIZZ/Sepultura**, Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000. O prazo final é dia 30 de abril e o resultado sai em junho.

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Primeiros acertos
Março de 2001: "o Capital descobriu o começar de novo" e BIZZ também. Satisfação, foi o que senti ao abrir a edição passada. Muito texto, conteúdo. Que delícia! Adorei. Repitam a dose. É assim que se produz entretenimento com qualidade!
Claudia Barreiros – Brasília, DF

Mal-agradecido
É bem coisa de brasileiro mesmo. Nunca li nenhuma linha a respeito do Ben Folds Five na BIZZ. Agora que eles acabaram, sobram elogios. Pô, é o mesmo tipo de canalhice que estão fazendo com Mário Covas. Depois que morre, vira herói.
Daniel Moreira – Pelotas, RS
É bem coisa de brasileiro mesmo: malhar a revista sem nenhum motivo. Ben Folds Five é da casa. Já falamos dos álbuns da banda, saiu a discografia deles na seção Responde, apareceu na Parada da Redação e, pouco antes de o grupo encerrar suas atividades, tínhamos uma entrevista agendada com o líder Ben Folds.

Funk como le gusta
Peraí, o que será que está acontecendo com o Brasil, com a música e com BIZZ? Me surpreendi ao abrir a edição 188: lá estava uma crítica ao disco *Furacão 2000*. Minha revolta neste momento chegou a um nível que não pude agüentar. Não consigo entender como alguém consegue se submeter a uma lavagem cerebral dessas. A única pergunta que me resta fazer é: será que a revista que me apresentou maravilhas como Radiohead e Jeff Buckley irá se submeter a tal estado de retardamento mental?
Nelson Joanini – Jundiaí, SP

Jovens e rebeldes
Bom, em primeiro lugar queria parabenizar vocês pela edição de fevereiro de BIZZ. Perfeita. Tive a clara impressão de estar lendo a velha e boa BIZZ, quando reinava um ar meio "jovem rebelde" em suas páginas. Gostei especialmente da reportagem sobre o Rock In Rio, muito legal e extrovertida. Com as doses certas de humor negro.
Rafael Barbosa – Indaiatuba, SP

Queremos rosas
Como alguém pode querer esnobar uma banda que lançou um CD como *Apetite For Destruction*, um dos cinco melhores álbuns da história e que, até hoje, vende 5 mil cópias por semana? Quem é fã do Guns e foi ao show, como eu, não se decepcionou. Axl mandou ver com a nova banda, mostrou como se faz e que só tem que provar alguma coisa para os fãs, mais ninguém.
Edrulson da Silva – Blumenau, SC

É lamentável ver a melhor revista de música do país limitar-se a ter usado a capa (linda, por sinal) com o Axl Rose, na edição 187, para atrair *gunners* sedentos por uma reportagem (coisa que nenhuma outra re-

As palavras que nos comoveram
PAPO FIRME
Escrevo, em primeiro lugar, para elogiar o salto de qualidade que a revista teve no último ano. Apesar de ter gostado muito da reportagem sobre o Rock In Rio, quero criticar a escolha da capa. Ora, premiar um grupo cover, apelativo, cujas novas músicas são maçarocas sonoras, só pode me fazer pensar que a capa foi escolhida somente para que a revista vendesse mais (o texto da capa contrasta enormemente com o da reportagem). Por que não dar a capa ao R.E.M., a Neil Young, até mesmo ao Iron Maiden, bandas que fazem o rock ter credibilidade, ao contrário das constantes apelações e enganações de William Bayley? Será que algum outro país do mundo seria ludibriado por essa pretensa volta do Guns? Alguém na revista compraria *Chinese Democracy*? Em algum outro festival no mundo, fechariam uma noite, ainda por cima com Oasis?
Pedro Vieira da Silva Magalhães – Pelotas, RS

Axl e sua "mãe brasileira": era só o que faltava

SÍMBOLO
Diretora-Presidente Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Mello
Superintendente de Finanças: Pedro Franke
Diretora de Circulação e Marketing: Regina Bocco
Diretora de Publicidade: Lilia Ivone Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Lys de Castro
Diretora de Arte da Divisão: Cláudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, Bernardo Araujo, Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Celso Pucci, Claudi Auerbach, Daniel Benevides, Daniel Oliveira (Los Angeles), Fabiana Batistela, Guilherme A. Hungria, Luciano Matos, Marcel Plasse, Marco Bezzi, Pedro Só, Ricardo Alexandre, Sérgio Martins, Valéria Rossi **Fotografia:** Daniel Oliveira, Fabiana Figueiredo, Juliana Souza, Luciano Matos, Marcelo Ximenez, Marcos Hermes
Ilustração: Cobiaco, Diego Medina, Felix Reiners
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Andréa Lorenzi (coordenadora), Flávia Leverde
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Agências: Claudia Di Caroso • **Executivos de Negócios:** Cícinha Castro, Luciana Bergamasco, Marisa de Souza, Renato Mascarenhas e Sibele Resende • **Gerente de Diretos:** Luciana Valle • **Executivos de Negócios:** Andrea Branco, Rosangela Fernandes, Nadia Bonnar, Cristiana Galker e Fernando Pacheco • **Gerente de Representantes:** André Barreiros • **Representantes** • **Brasília:** [illegible] • **Interior de SP:** [illegible] • **Minas Gerais:** [illegible] • **Paraná:** [illegible] • **Rio de Janeiro:** [illegible] • **Rio Grande do Sul:** [illegible] • **Santa Catarina:** [illegible]

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Eduardo Keppler
Gerente Administrativo: Fatima Faria

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Ripasa

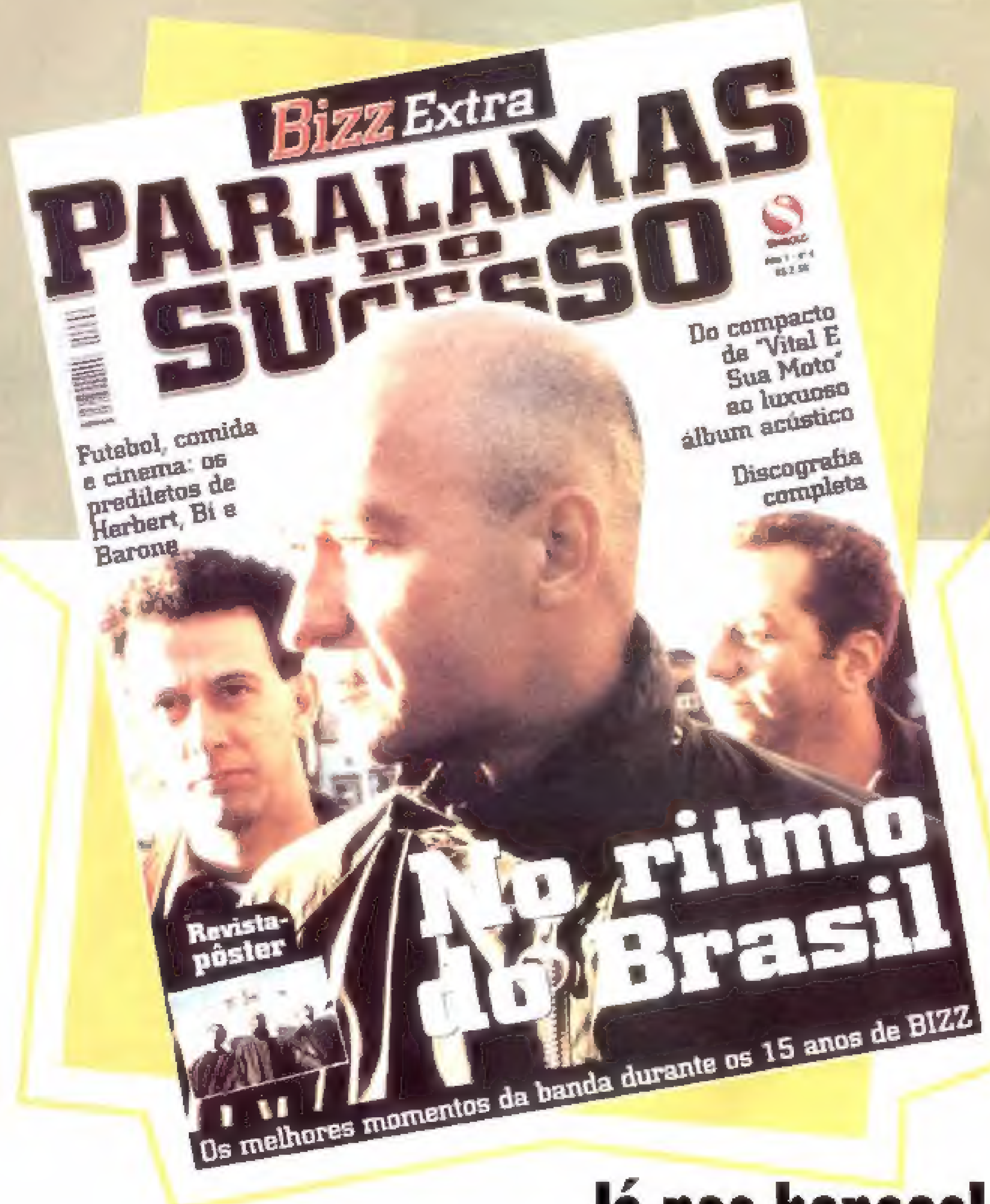
SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. [illegible] **SHOWBIZZ** [illegible]

ANER IVC

ASSINATURAS – (0xx11) 251-1255 (Grande São Paulo), 0800-163022 (outros estados), ou pelo e-mail: assinat@simbolo.com.br
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas sobre sua assinatura: (0xx11) 253-9134 ou pelo fax (0xx11) 251-0405

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Omar Toledo
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Eles deram UMA PAUSA, a gente REBOBINA A HISTÓRIA.



Já nas bancas!
SÍMBOLO

vista fez até agora, depois do retorno deles). Mas, quando abri a revista, me deparei com uma notinha (muito ridícula e limitada) na qual vocês só sabem fazer o que a imprensa brasileira toda fez: detonar o Guns. Como se isso fosse apagar o brilho da melhor banda do mundo! Deplorável ver a revista quase melada de tanta puxação de saco pelo Neil Young. Façam-me o favor! Por que não colocaram o Neil Young na capa, já que foi dele o melhor show? Será que é Axl o marqueteiro da história?
Samantha Alcardo – Pindamonhangaba, SP

José Flávio Ramone

Fiquei indignado com a resenha que José Flávio Júnior fez dos álbuns dos Ramainz e do Dee Dee Ramone. Tudo bem, os covers feitos pelos meus ídolos Dee Dee e Marky nesses álbuns não são nada demais, mas as blasfêmias ditas sobre os Ramones me deixaram louco. Fiquei puto com a revista, mas não vou crucificá-la por umas besteiras ditas por um cara que estava mal quando escreveu aquilo. Agora, mesmo que ele não goste do som dos Ramones, deveria ter o bom senso de reconhecer a importância dessa banda.
Damasio Silva – Pelotas, RS

Como podemos levar a sério uma revista que tem críticos como o sr. José Flávio Júnior? Uma coisa temos de reconhecer: o cara tem muito peito ou nenhum cérebro.
Antonio Carlos – Salvador, BA

É bom saber que a revista não tem medo de cachorro grande, mas, mesmo sem ser um grande fã dos Ramones, achei um pouco exagerado o que José Flávio Júnior disse sobre a banda em fevereiro. Não pela crítica aos álbuns, que não ouvi nem pretendo, mas pela crítica aos Ramones. Não é o número de acordes que interessa, mas o prazer que eles proporcionam. Ramones é uma banda presepeira, marqueteira, repetitiva e preguiçosa, mas no começo os caras prestaram, com aqueles três acordes – menos, se bobear –, um puta serviço ao pop.
Lucas Martinha – Niterói, RJ

Só um escroto feito o José Flávio Júnior teria a ousadia de fazer um comentário tão ridículo em relação aos Ramones. Curte o quê? Funk do Tigrão? Dispenso comentários para não me rebaixar ao seu nível, apenas deixo um vomitão na sua cara... Huuuggooo!
Tatiana Machado – Sumaré, SP

José Flávio Júnior responde:
Poucas vezes a revista recebeu tantas cartas de protesto como nessa história dos Ramones. Por ter pegado muito pesado, sofri a revolta dos fãs. Mas até gente que não tem nenhum disco da banda em casa se achou no direito de encher o saco. Sem arrogância ou ironia, peço desculpas aos ofendidos. Desde que a resenha foi publicada, tive diversos problemas em minha vida, o que me levou a pensar até em vodu (?). Em todo caso: foi mal aí, pessoal. Paz.

Correções:

Edição 187
• Na matéria Estacione: Garagem, o nome certo do guitarrista que organizou a coletânea *Nuggets* é Lenny Kaye (e não Lane); a gravadora chama-se Sympathy For The Record Industry (e não For The Records); é Little Richard (e não Richards); e os nomes das seguintes bandas estavam errados: Thirteenth Floor Elevators, Chocolate Watchband, The Standells, Jesus & Mary Chain.
• Sobre o Rock In Rio na página 26, o nome da música do Sepultura é "Dead Embryonic Cells" (e não Sells); e, na página 20, dissemos que a Nação Zumbi tocou "Lo-Fi Dream", o que não é verdade.
Edição 188
• Na matéria sobre o filme *Quase Famosos*, o nome da guitarrista do Heart saiu como Lisa Wilson. O certo é Nancy Wilson.
• A matéria sobre Frank Black, página 38, é de autoria de Luciano Vianna e também de Valeria Rossi.
• A grafia correta de Barrett Martin – Cabra-cega – é essa ('r' e 't' duplicados).
• Na seção 10 Mais, página 72, o primeiro álbum resenhado é de Brian Eno e David Byrne, e não David Bowie, como está.
• Na matéria do Capital, página 23, o texto diz que o álbum *Independência* é de 1997. O certo é 1987.
• O guitarrista que aparece como sendo do Megadeth na foto do box "Falem mal de mim" na matéria sobre Tony Iommi não é David Ellefson, e sim o ex-guitarrista Marty Friedman.

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Barão Vermelho: Mariana Freitas dos Santos – Av. Governador Fernando Costa, 127, ap. 82 – Santos, SP – CEP 11030-181

Beatles e Kiss: Lauren Werlang – Rua Roque Gonzales, 425 – Esteio, RS – CEP 93290-000

Belle & Sebastian e Smiths: Andréa Silva – Rua Jacob Kröeff Filho, 94 – Novo Hamburgo, RS – CEP 93415-580 – E-mail: deabelle@hotmail.com

Chico Science e Nação Zumbi: Larissa Sarmento Lira – Rua José Sebastião Silva, 97 – Campina Grande, PR – CEP 58107-250

Cure: Mário Alvim – Rua 23 de julho, 70 – Diadema , SP – CEP 09941-610

Dinossaur Jr. e Sebadoh: Jeferson P. Leal – Rua Tico-tico, 682, fundos – Arapongas, PR – CEP 86701-180

Foo Fighters e Nirvana: Carolina de Carvalho Bandeira – Praça Raphael Stamato Sobrinho, 23 – Jardim Jamaica – Santo André, SP – CEP 09185-470 – E-mail: fansdofoo@bol.com.br

Queens Of The Stone Age: Juliana Monte – Av. Governador M. Barata, 1.050, ap. 1.501, bloco A – Belém, PA – CEP 66063-240 – E-mail: ju_love@bol.com.br

FÃS-CLUBES

Engenheiros do Hawaii: Sociedade Tchau Radar! – Rua Paulo Chad, 79 – Aparecida, SP – CEP 12570-000

Pato Fu: Rua Mourato Coelho, 1.238, Vila Madalena – São Paulo, SP – CEP 05417-002

Promoção Mapa da Mina:

Adilson Roberto de Oliveira – Santos, SP
Alessandra Cavalcanti Gomes – Recife, PE
Alexandre Reis – Muzambinho, MG
Ana Geisa dos Santos Lima – Ipirá, BA
Bruno Guilherme Tissiani – Curitiba, PR
Carlos Eduardo Parpinelli – Junqueirópolis, SP
Carolina Ramalho Vieira – São Paulo, SP
Christian Silva Domingos – Cubatão, SP
Eduardo Honório de Lima – Fortaleza, CE
Eduardo Miqueles – São José dos Pinhais, PR
Fábio Barbosa – Itabirito, MG
Fernanda Regina de Sá – São Paulo, SP
João Carlos Moura – Praia Grande, SP
Kelly Mafra – Curitiba, PR
Leandro Vieira dos Santos – São Paulo, SP
Marcelo Carnevale Tavares – Barbacena, MG
Marco Luziardi Salgado – Goiânia, GO
Marcos Paulo Zambuzi – Limeira, SP
Mariana Esteves – Pindamonhangaba, SP
Mauro de Araújo – João Monlevade, MG
Mônica Padilha – Santo Antônio de Posse, SP
Paulo Trajano dos Santos – Tortama, PE
Rafael Cândido de Oliveira – Taquarituba, SP
Ramilson Rocha – Parnamirim, RN
Vinícius Foppa – Concórdia, SC

Depois do jejum,
um banquete dos deuses!

Já nas bancas

Gene Simmons vê os New York Dolls

Depois de assistir a um show dos malucos travestidos, o baixista teve a idéia de pintar o rosto e usar um figurino calcado nos quadrinhos que tanto gostava. Nascia o Kiss

Nem a mãe, uma húngara sobrevivente de um campo de concentração nazista, nem o pai, um carpinteiro, poderiam imaginar o que o futuro reservaria para seu filho, nascido na cidade de Haifa, em Israel, em 1949. Tampouco o próprio moleque, Chaim Witz, caso não tivesse ido ao show de uns malucos maquiados em Nova York. A partir daquela apresentação, ele forjou o conceito que o colocou como um dos maiores rockstars de todos os tempos à frente do Kiss.

O início de tudo deu-se quando sua mãe se divorciou e seguiu com o garoto de 9 anos para os Estados Unidos. Lá, Chaim – rebatizado como Gene Klein – passou a adolescência mergulhando de cabeça em histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes de terror, ficção científica e demais fantasias que fascinavam os teens da época. Mais tarde, ele confessaria que aprendeu inglês vendo toda espécie de animação que passava na TV e no cinema. Sua predileção era pelo desenho *Pinóquio*, de Walt Disney, em especial pelo personagem Grilo Falante, que cantava a canção "When You Wish Upon A Star". Segundo Gene, aquela letra havia sido feita para ele (principalmente o verso "Quando se deseja para uma estrela, todos seus sonhos se tornam reais"). Não à toa, depois de famoso, Gene regravaria a música em seu único álbum-solo, lançado em 1978.

Criss, Stanley, Ace e Simmons: os heróis que o rock precisava

Depois de ver os Beatles se apresentando na TV em 1964, no programa *Ed Sullivan Show*, interessou-se pela guitarra. Em 1967, estava participando de bandas semiprofissionais da periferia de Nova York. Ao mesmo tempo, formou-se professor de línguas e começou a lecionar na parte espanhola do bairro negro do Harlem. Seus métodos eram pouco ortodoxos: ensinava inglês aos seus alunos usando como material didático gibis do Homem-Aranha ("eles não estavam nem aí para leituras, mas adoravam quadrinhos").

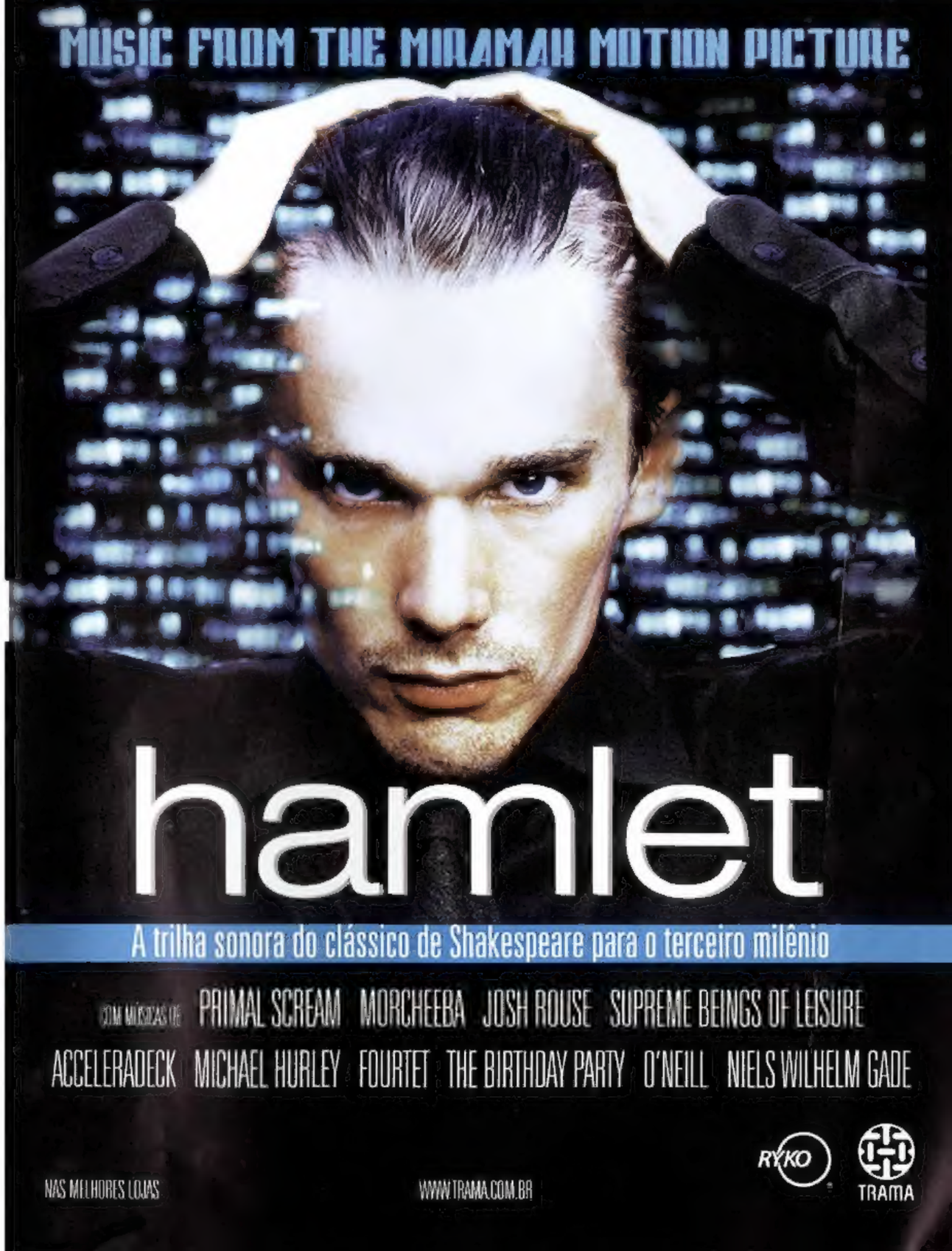
Em 1970, ele decidiu que iria tocar baixo e colocou um anúncio no jornal *Village Voice*, à procura de um guitarrista. Um dos candidatos à vaga era Stanley Eisen, um jovem de 18 anos do subúrbio de Queens, que Gene rejeitou em duas oportunidades por não achá-lo "muito convincente". Mas voltou atrás após a performance de Stanley com sua banda, Uncle Joe. Juntos, montaram um grupo chamado Rainbow, que depois se transformou em Wicked Lester, também de duração efêmera. As duas ainda primavam pelo preciosismo dos outros músicos convidados. Algo que Gene abominava, pois queria fazer uma formação de rock pesado e básico, influenciada pela estética das histórias em quadrinhos.

Ele e Stanley então tiveram a idéia de montar a formação que viria a ser o Kiss. Por meio de um anúncio na revista *Rolling Stone*, no qual um baterista "com 11 anos de experiência" se oferecia "disposto a tocar de tudo", eles entraram em contato com Peter Crisscoula e começaram a ensaiar como trio. No dia 29 de maio de 1972, Gene e Stanley foram assistir a um show dos New York Dolls, no hotel Diplomat, em Manhattan. O que viram foi um bando de travestis tresloucados e maquiados tocando rock'n'roll com uma energia inaudita para a época. Ambos pensaram que aquele seria um bom (ou mau) exemplo a ser seguido.

Assim sendo, resolveram armar uma imagem única. A primeira providência foi mudar seus nomes para Gene Simmons e Paul Stanley e reduzir o do baterista para Peter Criss. Em seguida, incorporaram o guitarrista-solo Paul "Ace" Frehley. Também acharam adequado esconder os rostos do quarteto sob maquiagem pesada, complementada por roupas estilizadas em preto e prateado, mais botas imensas com saltos plataforma. Estava criado o Kiss, com Gene (o "Demônio"), Paul (o "Ser Estelar"), Peter (o "Gato") e Ace (o "Astronauta").

Daí em diante, o resto é manjado: venderam milhões de discos, lotaram inumeráveis arenas – inclusive no Brasil – com seus shows teatrais (com Simmons cuspindo fogo e vomitando sangue) e arregimentaram uma tremenda legião de fãs (batizada de Kiss Army, o Exército do Kiss). Para satisfação de Gene, além de estrelarem um desenho animado (*Kiss Meets The Phantom Of The Park*), acabaram até virando personagens de histórias em quadrinhos em 1977, quando a Marvel editou um gibi do grupo no qual, segundo consta, a tinta vermelha usada tinha um pouquinho do sangue de cada um dos integrantes. Acredite se quiser.

Celso Pucci



pizzicato five

the fifth release from MATADOR

Konishi Yasuharu e Nomyia Maki, a dupla japonesa mais pop do mundo, com mais um álbum matador

MATADOR

TRAMA

Também disponíveis em CD

www.trama.com.br

Made in USA

Happy End of The World

The Remix Album:
Happy End of You

The Sound of Music
by Pizzicato Five

Playboy & Playgirl